

# Confiança na urna eletrônico vai a 82%

Índice é 13 pontos maior do que o registrado pelo Datafolha no fim de 2020, apesar de ataques do presidente ao sistema

A confiança do eleitor brasileiro nas urnas eletrônicas subiu 13 pontos desde o último ciclo eleitoral e chegou a 82%, mostra pesquisa do Datafolha. A leitura do sistema tem sido alvo frequente de Jair Bolsonaro (PL).

O levantamento, no qual foram ouvidas 2.556 pessoas de 16 anos ou mais em 181 municípios, revela ainda que 77% da população prefere manter o atual mecanismo a retomar o voto impresso defendido pelo presidente.

Em dezembro de 2020, os que diziam confiar na urna eletrônica eram 69%, ante 29% que desconfiavam — a fúria crítica caiu agora para 17%. A margem de erro da nova pesquisa é de dois pontos para mais ou para menos.

O grupo dos que apoiam as urnas eletrônicas se divide entre quem confia muito (47%, salto de 14 pontos em 13 meses) e um pouco (35%). No caso do aval, a retomada do voto em papel, ele decalou de 23% para atuais 20%.

Mesmo entre os eleitores de Bolsonaro a confiança no equipamento é alta: 70%. Sem apresentar nenhuma prova, o presidente questiona a acurácia do voto eletrônico e diz acreditar que venceu em 2018 no primeiro turno.

Em julho, o chefe do Executivo promoveu uma live de mais de duas horas dedicada a levantar suspeitas sobre o sistema. Observadores alertam que a retórica pode ser evocada caso ele seja derrotado neste ano. **Política A8**

**Ceticismo diminuiu, mas 82% dizem não acreditar no que presidente fala** **A10**

**ANÁLISE** Anna Virginia Balloussier  
Evangélicos são disputados voto a voto **A8**

**Saúde, educação e economia são as principais preocupações do brasileiro** **A10**

**Ilustrada C5**

## Música e protesto

Com Pablo Vittar, a Lollapalooza viu no primeiro dia críticas a Bolsonaro, a Putin e à invasão da Ucrânia, interrupção de show devido à chuva e até acidente com estrutura que caiu e feriu uma pessoa.

**Ilustrada C1 e C4**

Após viralizar no TikTok, Anitta chega ao 1º lugar no Spotify Global com 'Envolver'.

**Folhinha C8**

Preço alto até do gubi mostra para crianças o que é a inflação e os impactos no país



Julian Casablancas, vocalista da banda The Strokes, canta em show que encerrou o 1º dia da Lollapalooza, em São Paulo. Roberto Castello/RAPagem

**A pandemia em 25 mar**

Dados dia 20/03

**POPULAÇÃO VACINADA NO BRASIL**

As menos uma dose (desde início da 1ª dose)

**83,9%**

1ª dose vacinal completa (desde início da 2ª dose)

**74,4%**

Dose de reforço

**34,8%**

**Óbitos**

média diária

**251**

em 24 h

**251**

**251**

**251**

**251**

**251**

**251**

**251**

**251**

**251**

**251**

**251**

**251**

**251**

**251**

**251**

**251**

**251**

**251**

**251**

**251**

**251**

**251**

**251**

**251**

**251**

**251**

**Bolsonaro anuncia pacote para aliviar punição a policiais**

Em aceno à base eleitoral, Jair Bolsonaro (PL) enviou ao Congresso uma série de projetos para endurecer penas a quem comete crimes contra policiais e aliviar punições a agentes. O presidente defende o excludente de ilicitude em caso de excesso na ação policial. **Cotidiano B2**

**Prefeito diz ter recebido pedido de dinheiro por evento do MEC**

O prefeito de Piracicaba (SP), Luciano Almeida (União Brasil), diz que recebeu pedido de dinheiro para que o município abrigasse evento com a presença do ministro da Educação, Milton Ribeiro, em agosto de 2022. Almeida afirma ter recusado a proposta, e o encontro não se concretizou. **Política A4 e A6**

**José Simão**  
**Ouro? Eu pediria 1 kg de contrailife**

"Prefeito diz que pastor pediu 1 kg de ouro por verba do MEC". O pastor segurou na mão do prefeito e disse: OUREMOSI RARAR! Eu pediria 1 kg de contrailife! Equisismo esses pastores amigos do Boko que mandam no MEC? Surgiram do nada! São da pancada evangélica! **Ilustrada C6**

**Medida flexibiliza regulamentação do trabalho híbrido**

O governo assinou medida que flexibiliza regras para contrato por teletrabalho e enfraquece as regras de controle de jornada em acordo por produção e tarefa pode ser inconstitucional, diz o procurador-geral do Trabalho José de Lima Pereira. **Mercado A3 e A23**

## Butanvac empaca e tem 10 milhões de doses paradas

Um ano após anúncio da vacina "100% brasileira" contra Covid, a Butanvac teve obstáculos nos testes em humanos. Dez milhões de doses prontas estão paradas no Butantan. O diretor Dimas Covas diz que o ensaio clínico da vacina foi remodelado. Agora o iminante é avaliar como reforço a vacinados. O estoque corre risco de ter a validade expirada. **Saúde B1**

**Nova Tamoios será aberta hoje, com circulação vetada das 22h às 6h**

**Cotidiano B3**

**queira pular a travessia**

## Nova Tamoios: engenharia de ponta e respeito ao ambiente

■ Duplicação, inaugurada hoje, agiliza viagem e impulsiona economia  
 ■ Tecnologia inédita preserva Mata Atlântica  
 ■ Pessoas fazem a diferença nas grandes obras

**EstúdioFOLHA**

FOLHA 7.7.9

**Governo pede ao STF que União controle Noronha**

A AGU iniciou uma disputa no STF com Pernambuco para que seja declarado domínio federal sobre Fernando de Noronha. Segundo a União, o estado fez concessões indevidas de edificações e ampliou a rede de hotéis irregularmente. A gestão pernambucana contesta. **Cotidiano B2**

**EDITORIAIS A2**

**Até Aras se mexeu**  
Sobre apuração do escândalo dos pastores no MEC.

**Retrôcesso vacinal**  
Acerva de queda dos índices de imunização no país.



## TENDÊNCIAS/DEBATES

folha.com/tendencias rubens@grupofolha.com.br

Os artigos publicados com assinatura têm validade jurídica e serão depositados. Sua publicação obedece ao projeto de estimular o debate das problemáticas brasileiras e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

## A criação do 'open health' é positiva para o sistema de saúde?

## Não. Carta branca para a exclusão de vulneráveis

Tudo faz crer que operadoras poderão avaliar seus clientes sob a ótica do risco

César Eduardo Fernandes

Presidente da Associação Médica Brasileira

Em tese, o "open health" representaria o compartilhamento dos registros eletrônicos de saúde de profissionais de planos de saúde, podendo incluir os atendimentos privados e do Sistema Único de Saúde, o SUS. Vale, por oportuno, considerar que o prontuário eletrônico portável não parece, em princípio, boa medida, salvaguardando a confidencialidade e o sigilo. O acesso a ele, uma vez implantado, só deverá ser feito com autorização formal prévia do paciente, seu verdadeiro proprietário, e apenas pelo médico. Jamais, sob quaisquer circunstâncias, por operadoras de saúde.

Ademais, a proposta de "open health" ou outra qualquer precisa estar em conformidade com a Constituição Federal, que garante a inviolabilidade da intimidade e da vida privada de qualquer cidadão. Isso decorre da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), que assegura proteção especial às informações referentes à saúde e veda às operadoras o tratamento de tais dados para a prática de seleção de riscos na contratação e exclusão de beneficiários.

O cenário vivido atualmente e a atuação da Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS), reforçada pela pandemia de Covid-19, descrevem vários problemas enfrentados pelos consumidores dos planos de saúde. Especialmente os mais idosos e acometidos por alguma doença, os mais vulneráveis, que sofrem para acessar coberturas pelas quais, muitos deles, pagaram por anos.

Mais recentemente, consumidores

e médicos assistem a seguidas tentativas de limitação dos direitos garantidos pela lei 9.657/98, a Lei dos Planos de Saúde. Em particular, para limitar a cobertura e a autonomia do médico, atribuindo taxativamente ao real de procedimentos de cobertura obrigatória elaborado pela ANS.

Em suma, as operadoras desejam que só valham os procedimentos de listas engessadas e restritivas — nada mais. Além da insuficiência legal da tese da taxatividade, imaginei distribuir causosidos simplesmente pela inexistência de nomenclaturas para um mesmo procedimento.

Por tudo isso, a despeito da roupagem moderna do "open health", não parece promissora a sua implantação por aqui. Ainda mais com foco na maior concorrência do mercado

[...]

A despeito da roupagem moderna do "open health", não parece promissora a sua implantação. Ainda mais com foco na maior concorrência do mercado e na possibilidade de oferecimento de planos subsegurados, antigo sonho das empresas combatido historicamente por entidades médicas e de defesa dos consumidores

e na possibilidade de oferecimento de planos subsegurados, antigo sonho das empresas combatido historicamente por entidades médicas e de defesa dos consumidores.

Tudo faz crer que a proposta permitir uma seleção específica por parte das operadoras, que poderão utilizar informações de saúde e condições físicas dos beneficiários sob a ótica do "risco" antes de aceitar um novo consumidor.

A proteção de dados de pacientes não é novidade para os médicos, já que um dos princípios fundamentais do Código de Ética Médica é o dever de guardar sigilo sobre todas as informações de que detentam conhecimento no desempenho de suas funções. O acesso desmedido a tais dados, contudo, é outro desejo antigo das empresas do setor.

Precisamos, sim, olhar para o futuro e incorporar tecnologias que venham a proporcionar melhorias ao atendimento à saúde na relação médico-paciente, paciente-operadora, médico-operadora e operadoras-SUS. Mas sempre respeitando a lógica da prestação dos serviços de saúde, a intimidade e a privacidade de todos os envolvidos. Podemos seguir com uma ferramenta como promete ser o "open health", mas há muita coisa a ser feita para que as deficiências do setor não escancaram todos os dias, e prometer soluções milagrosas é inadmissível.

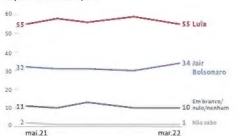
Compreendemos que respeito à privacidade e ao sigilo dos beneficiários é a base de sustentação de qualquer sistema de saúde digno e eficaz.

## PAINEL DO LEITOR

folha.com/painel leitor@grupofolha.com.br  
Cartão para: R. Brasil, 425, São Paulo, SP, CEP 07072-000. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

## Presidente diminui vantagem de Lula

Resposta estimulada à única, em %



## Liderança

Segundo a Datafolha, Lula lidera entre mulheres e mais pobres. Bolsonaro, entre os mais ricos. Quanto reducionismo... O genocida também lidera com folga entre milicianos, negacionistas, grileiros, racistas e homofóbicos.

Paulo Bittar (São Paulo, SP)

\*

O eleitorado sabe o que Lula fez nos verões passados. Pouco importa que o STF tenha anulado as condenações. O Datafolha mostrou sinais de alerta preocupantes para o ex-presidente, evidenciando que os ministros do STF não são senhores da consciência dos eleitores. A história de Lula, manchada com tanta indevidão, não é a história de uma vestal. O Sebastianismo persiste e a crença dos trouxas.

Ylário Marcos Soares Carvalho

(Belo Horizonte, MG)

O governo está abrindo o cofre em direção aos mais pobres para vencer as eleições. Mas tanta benevolência vai custar muito caro em 2023 justamente para os mais pobres, ou seja, o governo dá com uma mão e tira com as duas. Mais desumano impossível.

Luciano Vetterazzo

(São José do Rio Preto, SP)

\*

A corrupção nos governos está sempre presente. No governo Lula a terminava sempre em "do", como mensalidade, perreleiro no governo Bolsonaro — um trabalho de fôr migas pasturas, sua saúde, sua educação e assim por diante. E, pasmem, Lula e Bolsonaro estão em primeiro lugar nas pesquisas. É só político, o brasileiro!

Cecília Centurion (São Paulo, SP)

\*

A nova pesquisa Datafolha dá um fôlego a Bolsonaro. A minha dúvida é se os eleitores querem realmente a continuação deste (des)governo ou se se trata de antipetismo.

Marcos Barbosa (Casa Branca, SP)

\*

A economia irá certamente definir a eleição presidencial deste ano. E, para reverter o atual cenário econômico, Bolsonaro terá que fazer algo que nunca fez na vida: trabalhar muito. Ou seja, Lula pode dormir tranqüilo.

Tateline Junior Lara

(Belo Horizonte, MG)

\*

Apoiou Vanderlei Vazquez Ribeiro está correto ao afirmar que o presidente em exercício tem apelo das Forças Armadas e concentra amplos recursos de poder (Painel do Leitor, 25/3). Mas esquece que Lula tem apoio irrestrito do Supremo, do STF e dos demais segmentos da tendência jurídica brasileira. Briga boa. Para o bem do Brasil, será interessante os dois saírem derrotados.

Maurício Peltz Junior

(Rio de Janeiro, RJ)

Onde foi parar?

Claudia Costin, didática e afada ("O Novo Enem" e a Inep), Opinião, 25/3. De fato, o Enem é um sistema de avaliação educacional de classe mundial, implantado pelo saudoso ministro tucano Paulo Renato. Essa criação, o Plano Real e outros avanços nos fazem indagar agora: onde foi parar aquele PSD?

Nacim Chino

(São Paulo, SP)

## Atos e omissões

A descrição feita por Ruy Castro da tragédia Bolsonaro foi perfeita ("Lula: as biografias de Bolsonaro", Opinião, 25/3). O teatro de mau gosto promovido pelo procurador-geral da República, Augusto Aras, tringindo intenção de inventar que o chefe, é um escravidão. Típico do modus operandi instalado nas ações desse desgoverno. E toda a turma cizaia nominalmente pelo colunista merecesse ser julgada, por seus atos e omissões.

Marcos Fortunate de Barros

(Americana, SP)

## Sem lama

"Malafita pede quebra de sigilo de pastores e diz que não vai 'tomar lama' por eles" (Política, 25/3). Que pastora é esse que apoiou alguém que diz claramente ser a favor da tortura e do crime de extermínio? Do que ele acha que morreu Cristo, que ele diz pregar naquele pulpitão extremamente vazio de amor e de boa vontade? São pessoas que de dia acendem vela para Deus e à noite dão pinga para o diabo.

Marcelo Elvira

(Santos, SP)

Esse sujeito excrevete está furioso porque ficou de fora do desfilamento e deixou de levar a sua parte no butim. Como diria o Barão de Itararé, "vogaciatá é um bom negócio para o qual não fomos chamados".

Tadeu Roberto Carpi

(São Bernardo do Campo, SP)

## A cara no fogo

"Boto a cara no fogo pelo Milton Ribeiro, diz Bolsonaro em meio à crise no MEC" (Política, 25/3). Bolsonaro pensa que engana e é um cinema impressionante!

Mário Viana

(Recife, PE)

Se ele der a cara à tapa, eu quero bater! Faço esse favor ao povo, sacrifico nenhum.

Vera Quaresma

(Rio de Janeiro, RJ)

## Quando a cara é de pau, melhor não colocar no fogo?

Quando a cara é de pau, melhor não colocar no fogo?

Mário Viana

(Rio de Janeiro, RJ)

## ERRAMOS

erramos@folha.com.br

**POLÍTICA** (23 MAR., PÁG. A3) Diferentemente do publicado no texto "Após 'pré-pobre' de Bolsonaro, os missionários de Lula", as omissões de Lula e Bolsonaro entre os mais pobres ocorreram dentro da margem de erro da pesquisa.

**MERCADO** (22 MAR., PÁG. A20) O volume de papel vendido pela Suzano no mercado interno equivale a 45% do total comercializado no país, não a 70%, como publicado no texto "Preço do papel dispara, e editoras escolhem tiragens".

**CRISTIANISMO** (23 MAR., PÁG. B3) O nome do partido Republicanos foi grafado incorretamente no texto "Nunes diz que só segura tarifa nos ônibus se abrir". Além disso, o deputado Marcos Pereira disse-se por São Paulo, não pelo Espírito Santo.

## Sim. É solução inclusive para o SUS

Quanto mais informação sobre o paciente, mais adequada à rede pública

André Crispá e Thays Takahashi

Chief Innovation Officer na Citi, empresa da tecnologia com foco no segmento de saúde

Médica especialista em gestão de saúde pública e gerente de informática médica na Citi

O governo federal anunciou recentemente a intenção de criar o "open health". Chamado de privatizador por uns e de revolucionário por outros, o sistema teria como inspiração o open banking: favorecer a portabilidade de planos de saúde, oferecer maior transparência nos negócios da área e facilitar o acesso a dados atuais do paciente.

Em artigo publicado nesta Folha (6/3), o ministro da Saúde, Marcelo Campos, afirmou que a adoção do "open health" é "questão de tempo, coragem e decisão". Quem já teve que trocar de plano de saúde sabe como o sistema funciona. É mais: como discutir "open health" em um país onde a segurança dos dados vive constantes ataques? Ou onde a integração desses dados não é iniciante?

A LGPD (Lei Geral de Proteção de Dados) já deu um grande papel para o "open health" ao colocar a pessoa física como detentora legal de seus dados pessoais. Assim como no open banking, o "open health" exigirá do usuário autorização para que os players possam analisar seus dados médicos — de planos de saúde à rede do Sistema Único de Saúde, de hospitais particulares a públicos. Não dá para fazer um plano colaborativo para sem antes pensarmos na interoperabilidade. Ou seja, as informações do paciente devem não só estar disponíveis dentro de um sistema fechado, mas em uma rede colaborativa para que qualquer unidade de saúde, pública ou privada, tenha às mãos o seu histórico — se ele as

sim o quiser e autorizar.

A RBNIS (Rede Nacional de Dados em Saúde), instituída em 2020, é a plataforma nacional que prevê a troca de informações entre todos os pontos da Rede de Atenção à Saúde. O sistema do governo avança a interoperabilidade de dados em saúde, entregando todos os atores da área.

O "open health" é um sistema inovador para a saúde pública, com um potencial gigantesco para melhorar o atendimento público. A segurança das redes, porém, ainda é um dos principais calcanhares de Aquiles.

Outras duas principais críticas surgem ao "open health": a de que seria uma nova privatização da saúde ou a propor mais soluções para a saúde complementar do que para o sistema público.

[...]

O "open health" é um sistema inovador para a saúde pública, com um potencial gigantesco para melhorar o atendimento público. (...) O paciente é o proprietário do dado e poderá disponibilizar o plano de saúde, da mesma forma que acontece quando informa o CPF em farmácias

biomas do SUS em si, o que costuma estar entremeadado e enfraquecido do sistema; e a dificuldade em organizar a gigantesca quantidade de dados da saúde, espalhados em uma infinidade de sistemas.

Quanto à primeira crítica, o paciente é o proprietário do dado e poderá disponibilizar o plano de saúde, da mesma forma que acontece quando informa o CPF em farmácias para vincular às suas compras e obter um preço menor — ato válido desde que seu objetivo seja explicado previamente.

Falta se ainda em "ensaiamento" do SUS — se o cidadão quiser migrar para a rede privada, ele não tem esse direito? Quanto mais informação tivermos sobre esse paciente, mais economia será gerada para a rede pública, inclusive.

Em relação à quantidade de dados, realmente é um grande desafio. É importante observarmos o "open health" não como uma corrida de curta distância, mas como uma maratona. A estruturação de redes, a interoperabilidade e as novas tecnologias de implementação, gradativamente, permitirão a implementação desse sistema.

O assunto é complexo e não adianta apenas boas vontade ou discussões conceituais ou políticas. O sucesso da iniciativa dependerá de um debate técnico e amplo, que envolva as redes públicas e privadas.

Se isso ocorrer, não há dúvidas de que o "open health" trará benefícios para a saúde dos brasileiros e para a saúde do SUS.



## política

## PAINEL

Fábio Zanini  
painel@grupofolha.com.br

## Bandeirante

Agora pré-candidato a deputado federal por São Paulo, o caríaco Mario Frias (PL) decidiu fazer viagens para se familiarizar com o estado, em que mal pisou durante sua gestão. Em março, o secretário da Cultura já passou por seis municípios em 25 dias: Leme, Pirassununga, Analândia, Piracicaba, Itaquaquecetuba e São Caetano do Sul. Em fevereiro, esteve em São Bernardo, Campinas e Brotas. Sua agenda pública não registra qual passagem por SP entre fevereiro e agosto de 2022.

**MALHADA** Na maioria das viagens, Frias encontrou-se com lideranças regionais e deu entrevistas para a imprensa local, todos em tom agressivo, com palavrões e ataques à oposição e à classe artística. Ele deixará a secretaria no começo de abril. Procurado, não quis se manifestar.

**OSOBURO** O novo fôlego que se mantém em Paulo Roberto (PL) na pesquisa Datafolha não foi suficiente para que ele reconquistasse eleitores que desertaram desde 2016. O presidente perdeu o apoio de 26% dos que votaram nele no segundo turno, em que bateu Fernando Hadad (PT). O número não se alterou com relação à pesquisa de dezembro de 2021.

**PRÉ** O Datafolha mostrou que a confiança na urna eletrônica se mantém em alta, mesmo entre eleitores de dois partidos que já pregaram contra a segurança do equipamento: PPT e PSDB. No grupo dos que desistiram de votar em Cláudio Gomes (PDT), 84% dizem acreditar na segurança dela. Entre os apolados de João Doris (PSDB), são 90%.

**HOLIGRAMA 1** Em ritmo frenético de eventos de inauguração e de entrega de obras antes de deixar o Governo de SP, João Doris (PSDB) anunciou para sexta (25) apresentação virtual de um trem que está sendo produzido na China e tem previsão de chegar ao Brasil somente no fim do ano.

**HOLIGRAMA 3** É o primeiro trem da linha 17-ouro, que está na fábrica da empresa BYD, na China. No evento, Doris mostrou, por teleconferência, a composição que futuramente circulará no estado.

com Guilherme Seto e Juliana Braga

## Cláudio



## GRUPO FOLHA

## FOLHA DE S.PAULO \*\*\*

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo  
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Eliseos | 01020-900 | (11) 3224-3222  
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000  
Atendimento ao assinante | (11) 3224-3000 | 0800-775-0022  
Assine e Faltas: assine.faltas@folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital Ilustrado	Digital Premium
DO 1º AO 12º MEZ	R\$ 9,90	R\$ 9,90
DO 13º AO 24º MEZ	R\$ 19,90	R\$ 19,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa	Assinatura semestral*
MEZ, PR, RI, SP	do R\$ 5,00	Todos os dias
DF, SP	R\$ 5,50	R\$ 1.044,90
ES, GO, MT, MS, RS	R\$ 6,00	R\$ 1.138,90
MA, MG, RJ	R\$ 6,50	R\$ 1.232,90
Outros estados	R\$ 7,00	R\$ 1.326,90

\*A taxa com entrega domiciliar diária. Carga tributária 5,6%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (PÁG.)  
361.387 exemplares (fevereiro de 2022)

Milton Ribeiro, no púlpito, discursa em evento em Nova Odessa (SP) com os pastores Arilton Moura (primeiro à direita, de branco) e Gilmar Sant'Ana (último à direita, de cinza)

Cristina Caspary - 21.ago. 21 (Divulgação MEC)

## Prefeito cita pedido de dinheiro em troca de evento do MEC com Milton Ribeiro

Chefe do Executivo de Piracicaba (SP) diz que se negou a pagar; ministro esteve em cidade vizinha com pastores suspeitos

Paulo Saldaña

**PF ABRE** OIS INQUÉRITOS PARA INVESTIGAR O MINISTRO E PASTORES A Polícia Federal abriu nesta sexta (25) dois inquéritos que miram a atuação de pastores na liberação de verbas do Ministério da Educação.

O primeiro deles foi aberto na Superintendência da PF no Distrito Federal e irá apurar se suspeitas apontadas em um relatório da Controladoria-Geral da União sobre distribuições de verbas do Fnde (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação) já se concretizaram.

A Folha ouviu de dois servidores do alto escalão do MEC (Ministério da Educação) que os pastores com supostos privilégios dentro da pasta estavam à frente dessa negociação. Equipes técnicas do ministério e do Fnde (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação) já se mobilizaram, segundo esses relatos, para o atendimento em Piracicaba. Isso foi interrompido após o pedido ter sido recusado.

A reportagem conversou com o prefeito Luciano Almeida após receber essas informações. Ele confirmou o pedido, mas disse não se lembrar quem fez a abordagem.

"Alguém em nome do MEC ligou para perguntar se queria fazer o evento em nossa cidade e disseram que, para isso, haveria um custo, um dinheiro, que eu deveria dar toda a minha estrutura, tinha que arranjar hotel, dar suporte, pagar passagens para pessoas de fora", disse o prefeito. "Esse evento não aconteceu depois que falei que não pagava". Luciano Almeida diz não lembrar se o interlocutor citou valores fechados. Dentro do MEC, a informação é de que haveria um custo de R\$ 70 mil na proposta dos pastores.

Dias depois, rebate o prefeito, o município não enviou convite oficial do MEC para um encontro, com as mesmas características, mas em Nova Odessa (SP). As cidades ficam a 40 km de distância.

Milton Ribeiro esteve em Nova Odessa em 21 de agosto de 2021, junto com os pastores Gilmar Sant'Ana e Arilton Moura. Ambos, que não têm cargos oficiais na pasta, foram responsáveis pela organização do encontro no município, sentaram na mesa da solenidade ao lado do ministro e do presidente do Fnde, Marcelo Lopes da Torre, e tiveram falas no púlpito como se fizessem parte do governo.

Cerca de 80 gestores municipais de cidades da região estiveram no local. No extra-trecho da viagem do ministro para Nova Odessa está registrada de que se encontrariam com pastores na cidade, sem citar nomes. Na agenda oficial não há essa menção, mas os pastores apareceram em fotos oficiais.

A Folha revelou na segunda-feira (21) a ideia em que Ribeiro afirma que o governo priorizaria pastores cujos pedidos de liberação de verbas foram negociados pelo pastor Gilmar Sant'Ana — Arilton Moura trabalha para Gilmar e estava na reunião em que o ministro deu as declarações.

Milton Ribeiro diz no áudio que a prioridade ao pastor Gilmar atende solicitação do presidente Jair Bolsonaro (PL) e menciona pedidos de apoio que seriam supostos direcionados para construção de igrejas. Os pastores negociavam com prefeituras transferências de recursos do Fnde, de acordo com o MEC. A atuação dos pastores foi publicada na semana passada pelo jornal O Estado de S. Paulo.

Após a revelação do áudio, a pressão política sobre Ribeiro disparou. Ele disse, em entrevista dois dias depois, que publicou o áudio, que enviou à CGU (Controladoria-Geral da União) uma suposta denúncia anônima que envolvia tentativa de interferências.

Esse envolvimento ocorreu em agosto, mas em que Nova Odessa recebeu o evento após Piracicaba ter recusado o pedido de liberação de verbas do órgão, no setor que tramitam no STF (Supremo Tribunal Federal), e tem como alvo o ministro Milton Ribeiro e a falta de envio de áudio revelado pela Folha no caso do ministro.

Ele afirmou que participou da organização da agenda em Nova Odessa. Segundo ele, o evento "poderia ter sido em Piracicaba", mas não ocorreu, disse ele, por questões de segurança.

Em Nova Odessa também teria ocorrido distribuição de Bíblias, cuja compra seria uma forma de repassar recursos para os pastores, de acordo com os jornais O Globo e O Estado de S. Paulo.

O prefeito de uma cidade paulista relatou à Folha, sob anonimato, que isso teria ocorrido em Nova Odessa e em outras duas cidades. Em nota, a Prefeitura de Nova Odessa negou que tenha havido distribuição de Bíblias no evento. O município diz que apenas cedeu um ginásio e que a organização do encontro de trabalho foi feita por pessoas indicadas pelo próprio MEC.

A reportagem insistiu com o prefeito sobre quem foram essas pessoas indicadas, mas

o município não respondeu. Ainda na nota, disse que "não houve qualquer pedido de vantagem por terceiros ao prefeito" ou ao secretário de Educação "por parte das lideranças religiosas citadas nas reportagens". Os recursos solicitados por Nova Odessa ao MEC e ao Fnde ainda não foram liberados, cita a nota.

Segundo os dados oficiais públicos, a prefeitura não teve empréstimos ou pagamentos autorizados desde agosto.

O MEC foi questionado, mas não respondeu. Em nota e entrevistas, o ministro negou que os pastores tenham intermediado liberações de recursos federais com prefeituras.

Os pastores Gilmar Sant'Ana e Arilton Moura foram procurados, mas não responderam. Em nota, Gilmar negou qualquer intermediação e acesso privilegiado ao MEC. O ministro Milton Ribeiro afirmou que não se lembra de ter tido a existência de um balcão político para liberação de verbas do Fnde, que concentra os recursos federais destinados a transferências para municípios. Um prefeito relatou ter recebido pedido de 1 kg ouro em troca de liberação de verbas para obras.

A prioridade aos indicados dos pastores, a pedido de Bolsonaro, foi citada por Ribeiro em áudio revelado pela Folha. O jornal ainda mostrou que, sob sua gestão e com o centro no Fnde, o órgão viu uma espécie de balcão político. Dados oficiais mostram explosão de aprovações, ausência de critérios técnicos, burocracia no sistema e priorização de pagamentos a aliados.

Após a divulgação do áudio, houve reação da polícia, incluindo na sede do órgão, no setor que cuida de inquéritos que tramitam no STF (Supremo Tribunal Federal), e tem como alvo Milton Ribeiro.

Os membros da Comissão de Educação, Cultura e Esporte do Senado aprovaram na quinta-feira (24) requerimento de convocar a Ribeiro.

O ministro defendeu seu ministério em uma quinta-feira (24) dizendo que batia a nota no fogo pelo auxílio.



APRESENTA

EstúdioFOLHA

# Nova Tamoios preserva Mata Atlântica, agiliza viagens e impulsiona economia



Repórter: Camille Rocha/Queroz Galvão

Executado pela **Construtora Queiroz Galvão** e operado pela **Concessionária Tamoios**, novo complexo viário formado por túneis e viadutos **dobra a velocidade na subida da serra** e conta com recursos modernos de segurança

O desafio era manter boas condições de segurança e confortáveis as viagens ao Litoral Norte de São Paulo e preservar a esbeltez da Mata Atlântica, uma das florestas mais ricas em diversidade de vida no planeta. Para superar os obstáculos geológicos, ambientais e de engenharia, foi necessário realizar uma das obras de maior complexidade já feitas no Brasil, com tecnologia de ponta, as mais avançadas técnicas de construção, know-how e o emprego de milhares de pessoas.

A partir de hoje será possível comprovar como foi possível conciliar o desenvolvimento e a preservação ambiental com o início da operação da nova trecho de serra da Rodovia dos Tamoios, um moderno complexo viário de 22 quilômetros, formado na maioria por túneis e viadutos, que irá interligar o Litoral Norte ao Vale do Paraíba.

“É uma megaprojeto com a construção da Construtora Queiroz Galvão. Um símbolo do que temos de melhor: equipe especializada, competência técnica, trabalho dedicado e comprometimento com a qualidade”, afirma Agostinho Serafini Jr., diretor-presidente da construtora.

A nova serra da Tamoios é considerada como uma obra de engenharia, não só pela complexidade da obra, mas também pela operação e manutenção da rodovia desde 2015, a duplicação irá oferecer, aos cerca de 60 mil usuários que trafegam por ela pela Tamoios, pistas modernas e recursos que tornam a viagem mais segura, como câmeras inteligentes que detectam perigos e novos sistemas de iluminação e comunicação.

Com 85% da construção executada dentro do Parque Estadual da Serra do Mar, a opção por túneis e viadutos foi a solução encontrada pelas equipes de engenharia para preservar ao máximo as áreas de Mata Atlântica.

## VIAGEM MAIS SEGURA E CONFORTÁVEL

Rodovia dos Tamoios ganha novo trecho de serra, com pistas modernas, túneis e viadutos



“A subida da serra foi uma obra complexa de engenharia, realizada em um desfiladeiro de cerca de 600 metros, que exigiu recursos tecnológicos modernos para evitar danos ao meio ambiente”, afirma Leonardo Arina, diretor da Concessionária Tamoios.

O desenvolvimento e a construção de 260 metros e, com técnicas modernas de construção, a nova pista de subida ficou com inclinação máxima de 7%. “Isso significa que a 70 km/h os quilômetros por hora, o motorista quase não nota que está subindo uma serra, de São Paulo”, afirma Arina.

Do total de 22 quilômetros da nova serra, 12,8 são percorridos em túneis e 2,6 por viadutos. A nova Tamoios tem o maior túnel rodoviário do país, com 1,5 quilômetros de extensão e, mesmo assim, de ser inaugurado, já foi destaque internacional pela dimensão e complexidade da construção.

Os novos túneis contam com vários recursos. São mais de 600 câmeras, inclusive as que fazem detecção de incêndios (PFC), como um carro parado ou a entrada de animal ou de pessoa a pé. As imagens são enviadas em tempo real

para o Centro de Controle Operacional (CCO), que monitora a rodovia 24 horas todos os dias da semana.

Os motoristas passam também por um viaduto de 195 metros, em curva, construído em um local de difícil acesso, com uma tecnologia inédita no país: um teleferico de cargas suspenso chamado cable crane. O equipamento içava e transporta material usando um cabo de aço aceso. Estando entre duas torres de mais de 30 metros de altura. O sistema permitiu a preservação de uma área de vegetação nativa equivalente a cinco campos de futebol (foi mais sobre o teleferico nos próximos capítulos).

“Essa obra mostra que, com boa engenharia e equipes comprometidas, é possível construir e preservar”, afirma Fábio Figueiredo Silva, engenheiro da Queiroz Galvão e gestor da obra da Tamoios.

Com investimento de R\$ 1,9 bilhão, a modernização da Rodovia dos Tamoios deverá reduzir custos logísticos e agilizar o escoamento de produtos, especialmente os aqüícolas destinados ao Porto de São Sebastião. Além de promover o desenvolvimento da região, a nova Tamoios deve incrementar o turismo no Litoral Norte.

Do total de 22 quilômetros da nova serra, 12,8 são percorridos em túneis e 2,6 por viadutos. A nova Tamoios tem o maior túnel rodoviário do país, com 1,5 quilômetros de extensão e, mesmo assim, de ser inaugurado, já foi destaque internacional pela dimensão e complexidade da construção.

Os novos túneis contam com vários recursos. São mais de 600 câmeras, inclusive as que fazem detecção de incêndios (PFC), como um carro parado ou a entrada de animal ou de pessoa a pé. As imagens são enviadas em tempo real



Dos 22 km da nova serra, 12,8 são percorridos em túneis

A nova serra dobra a velocidade máxima na subida, de 40 km/h para 80 km/h. “Ao trafegar pela nova serra, o motorista vai notar a harmonia entre o verde e o concreto”, afirma Fábio Silva.

Agora a Concessionária Tamoios trabalhará em obras de manutenção de Caraguatatuba e São Sebastião, que foram reformadas em outubro de 2020, após acordo com o governo do Estado de São Paulo. As obras demandam investimento de R\$ 1,3 bilhão e devem gerar, no pico, cerca de 2.000 empregos.

**Investimento na obra: R\$ 2,9 bilhões**

**Taxa (usuários/ano): 22 milhões**

**Estimativa atualizada pela concessionária: 83,9 km**

**Início da obra: dez/2015**

**Início da operação: mar/2022**

**Administração: Concessionária Tamoios**

**Empresa responsável pela obra: Construtora Queiroz Galvão**

**Benefícios da nova rodovia para os usuários e a região**

• Aumento da segurança nas viagens

• Melhoria do escoamento de carga para o Porto de São Sebastião

• Suporte para o desenvolvimento econômico da região

• Incremento do turismo no Litoral Norte

Fonte: Concessionária Tamoios







política

# Confiança nas urnas eletrônicas chega a 82%, mostra Datafolha

Taxa favorável ao atual sistema estava em 69% em 2020, segundo instituto; Bolsonaro lidera ataques às urnas

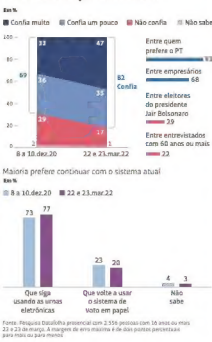
Felipe Buchold

**SÃO PAULO** Subiu a confiança da população nas urnas eletrônicas usadas nas eleições no país, segundo o Datafolha. Pesquisa realizada pelo instituto entre terça (22) e quarta-feira (23) aponta que 82% dos entrevistados disseram que confiam no sistema eletrônico de votação, entre 17% que afirmam que não confiam. No levantamento anterior, feito em dezembro de 2020, pouco depois das eleições municipais daquele ano, a taxa de confiança era de 69%, ante 29% de céticos do sistema. O Datafolha ouviu nesta rodada a 556 pessoas em 18 municípios de todo o país. Amostra com erro máximo de 2 de dois pontos percentuais, para mais ou para menos, com nível de confiança de 95%. O gráfico dos que apoiam as urnas eletrônicas é dividido entre os que confiam muito (47%) e confiam um pouco (35%). Também nesse subgrupo houve alta em relação a 2020: os que confiam muito eram 33% naquela ocasião. O instituto também perguntou aos entrevistados agora

se seria melhor o país voltar ao sistema de voto em papel, que vigorava até os anos 90. Disseram que é melhor o Brasil continuar com urnas eletrônicas 77%, e 22% defenderam a volta ao papel. No fim de 2020, o placar estava em 73% a 27%. O apoio ao atual sistema é alto mesmo entre os eleitores do presidente Jair Bolsonaro (PL), principal crítico das urnas eletrônicas. A taxa de confiança no segmento da população restrito a eleitores de Bolsonaro é de 70%. O presidente tem dito, sem apresentar nenhuma evidência, que venceu o pleito de 2018 no primeiro turno e que houve fraude na ocasião. Desde o levantamento anterior do Datafolha, em 2020, ele trouxe o assunto para o topo de sua agenda de prioridades, no que foi seguido por seus apoiadores. A militância do presidente contra as urnas eletrônicas chegou ao ponto de ele promover uma live de mais de duas horas, em julho passado, exclusivamente para levantar suspeitas sobre a confiabilidade do sistema.

Na ocasião, acompanhado de um militar da reserva identificado como "analista de inteligência", ele exibiu teorias que circulavam há anos pela internet e que já tinham sido desmentidas anteriormente. A iniciativa de promover a live levou o presidente a se tornar investigado também no chamado inquérito das fake news, em transição ao Supremo Tribunal Federal. Também naquela época, sob pressão do bolsonarismo, a Câmara dos Deputados aprovou proposta para instituir o voto impresso. O projeto foi ao plenário em 10 de agosto e recebeu votos favoráveis de 229 dos 513 deputados, quantidade insuficiente para a aprovação. Ainda assim, o assunto se manteve nas discussões políticas e foi uma das principais pautas do ato de 15 de agosto promovido pelo presidente e por seus apoiadores no Sete de Setembro. O debate só arrefeceu quando o próprio Bolsonaro, pressionado por aliados e desgastado pelos ataques do Supremo, baixou o tom. "Passamos a acreditar no

## Aumenta a confiança na urna eletrônica



Fonte: Pesquisa Datafolha presencial com 556 pessoas em 18 locais nos dias 22 e 23 de março. A margem de erro máxima é de dois pontos percentuais para mais ou para menos.

voto eletrônico", afirmou ele, em novembro. No entanto, o presidente citou a participação das Forças Armadas em comissão do TSE (Tribunal Superior Eleitoral) sobre a segurança e transparência do sistema. A iniciativa de indicar um militar para o grupo foi do ministro Luís Roberto Barroso, então presidente da corte eleitoral e um dos principais alvos de Bolsonaro. Apesar do recuo no discurso, o presidente continuou fazendo ataques às urnas. Em live de fim de ano, disse, novamente sem apresentar provas, que no pleito de 2018, quando o eleitor apertava seu número de candidato à época, aparecia na tela a imagem do ex presidente Lula (PT), que nem mais concorria. Neste ano, afirmou que os

militares da comissão no TSE apontaram falhas no sistema — mas eles apenas haviam pedido informações e esclarecimentos. No meio político, há recio de que Bolsonaro ou seus apoiadores usem a suposta falta de confiabilidade do sistema de votação eletrônico como pretexto para não reconhecer eventual derrota eleitoral em outubro. O temor é de uma repetição da situação vivida nos Estados Unidos entre 2020 e 2021, quando eleitores do então presidente Donald Trump, derrotado na votação, causaram tumultos e invadiram o Congresso em protesto. No ano passado, Bolsonaro chegou a ameaçar a não realização da eleição. Como era de se esperar, a taxa de confiança nas urnas eletrônicas avança entre quem não declara voto em Bolsonaro no Datafolha. Quando os entrevistados disseram que não votaram em Bolsonaro, 84% dizem confiar nas urnas eletrônicas — na população em geral são 82%. Entre os eleitores do presidente, a porcentagem que defende a volta do voto em papel pulsa para 47% — são 30% na totalidade do levantamento. Considerando apenas quem afirma que votará no ex-lula Sérgio Moro (Podemos), 86% preferem que o país continue usando urnas eletrônicas. O apoio ao atual sistema é maior entre os que votaram em Lula — 87% — do que entre eleitores de 60 anos ou mais — 77%. No recorte regional, a confiança é maior no Nordeste — 89% — do que no Sudeste (79%). Na faixa da população com renda familiar mensal de cinco a dez salários mínimos, o índice recua para 76%.

# Divididos, evangélicos firmam-se como pote de ouro eleitoral

## ANÁLISE

Anna Virginia Balloussier

**SÃO PAULO** A nova pesquisa Datafolha traz boas notícias para a turma de Jair Bolsonaro (PL), que recuperou alguns pontos perdidos e voltou a assinalar com os quitutes de uma posse presidencial. Já entre eleitores evangélicos, falta do eleitorado que ele faz de tudo para agradar, o presidente ainda passa longe daquela arrebatadora direita que coronou sua vitória em 2018. É verdade que, nesse nicho específico, Bolsonaro agora aparece numericamente na frente num eventual segundo turno com seu principal antagonista, Lula (PT): tem 46% das intenções de voto contra 43%. Mas tudo dentro do empate técnico. No último levantamento, de dezembro, era o petista quem tinha 46%, e o atual mandante, 44%. A margem de erro da atual sondagem, considerando apenas esse recorte evangélico, é de quatro pontos percentuais. Nas eleições para o primeiro turno, atual (37% ou 38%, a depender dos nomes apresentados) e ex-presidente (34%) também estão embolados. O Datafolha conversou com 2.566 eleitores em 41 cidades, nesta terça (22) e quarta-feira (23), numa porção amostral em que 26% se declararam evangélicos. A entrevista, portanto, coincidiu com a revelação do escândalo no MEC (Ministério da Educação) envolvendo dois pastores. Enquanto os pastores pouco se mexem nesse quadrante eleitoral, o mesmo não se pode dizer dos dois maiores adversários deste pleito. Bolsonaro continua a não medir esforços para paricar uma das bases que lhe é mais fiel. No 26 de março, encheu uma sala do Palácio da Alvorada de pastores e prometeu: "Tu dirás à nação para o lado que os senhores assim o desejarem".



O presidente Jair Bolsonaro participa de encontro com lideranças evangélicas no Palácio da Alvorada. Pedro Ladeira - Rume 23/Folhapress

É bom lembrar também que essa parcela populacional não é um monólito e, mesmo concordando com algumas considerações conservadoras de megapastores bolsonaristas, não necessariamente vai fechar com um presidente que, na ponta do lápis, a deixou numa situação social mais vulnerável

Os números, contudo, mostram que o apoio nesse nicho religioso é menos superlativo do que seus aliados alardeiam. Pastores em sua órbita rebaixam pesquisas sérias a plônquios esquerdistas e insistem, sem nenhum medidor científico, que o presidente tem ao seu lado a maioria esmagadora do eleitorado evangélico. É por que Bolsonaro não consegue avançar justo no eleitorado que tanto corteja? Há algumas hipóteses, como a de crise econômica, que de mãos dadas com a sanidade, atinge em cheio as classes mais baixas, de forte composição evangélica. E Bolsonaro também que esse parcela populacional não é um monólito e, mesmo concordando com algumas considerações conservadoras de

megapastores bolsonaristas, não necessariamente vai fechar com um presidente que, na ponta do lápis, a deixou numa situação social mais vulnerável. Na jagalar foi Paulo Marcelo, pastor pentecostal que se juntou à campanha petista, ao explorar esse flanco econômico em entrevista à Folha: "A pergunta é muito simples: o que na sua vida melhorou? Quanto na sua igreja tinha de receita, na época de Lula e Dilma, e quanto tem de receita hoje?". Mas e o PT, hein? A trupe lulista argumenta que há mais coisas entre o Palácio do Planalto e o mundo evangélico do que supõe-se: há cartografia ideológica. Reforça que o segmento é plural e, se resgatado da máquina de dolo bolsonarista, vai entender que o partido não é esse diabo que o outro lado pinta. Petistas gostam inclusi-

ve de lembrar que, se Lula fosse tão ruim assim, passaria como Edir Macedo, Silas Malafaia e a família Ferreira (da Assembleia de Deus Maracá) não teriam se seligado a ele em 2002. Só que os gestos a evangélicos que a legenda fez até agora não lhe deram grande vantagem sobre um governo que, bem ou mal, está fragilizado diante de um Brasil com alta de preços e um saldo de mortes pandêmicas que pode chegar a 700 mil até a eleição. E tudo bem que igrejas pequenas formam o esboço evangélico, tipo-horizontalizado e com as mais variadas demandas locais, nem sempre eleitoralmente guiadas pelas grandes brigas morais comandadas pela bancada evangélica. Mas é complicado esboçar o poder de persuasão dos líderes de projeção nacional, que comandam impérios re-

ligiosos (como a Igreja Universal, que vem descascando o PT nos editoriais de seu jornal) ou movimentam redes sociais e inspiram pastores menores, que por sua vez podem influenciar seus fiéis. Levantamento feito em 2020 pela startup Behup revela que Cláudio Duarte, um pastor que prega sobre sexo como se fosse um comediante de stand-up, é o religioso mais admirado por evangélicos, mais até do que Salles (de cargo luterano), outra potente becaza viral. Os dois, entusiastas das náuticas de Bolsonaro, agem como influenciadores em seu meio, alcançando várias denominações. Aliados sustentam publicamente que Lula optará por falar diretamente com o fié evangélico na porta, mas nos bastidores tomam pelo narrarão que aquela igreja maior que já respaldou o PT no passado. Até porque, na avaliação interna, o partido compreende que não dá para garantir-se apenas a um punhado de pastores progressistas com alguma força midiática, mas sem inserção maior nas bases, que servem mais para diálar um pulso contra certezas ainda rangente em sentenças (evidentemente) do que para progredir Lula das igrejas (o objetivo). Pesquisas, vale lembrar, são retratos eleitorais que podem se desbotar rápido e mesmo revelar aparentes incongruências do eleitorado. No atual Datafolha, Lula é citado por 49% dos evangélicos como candidato que não votariam de jeito nenhum no primeiro turno — Bolsonaro é o segundo mais mal colocado, com 43%. Já na sondagem de dezembro, 43% desse grupo cristão revelaram o petista como o melhor presidente da história do Brasil, enquanto 34% preferem o atual mandante. Esse cado de guerra eleitoral contra Bolsonaro, os evangélicos, mas a corda religiosa ainda será muito esticada até a abertura das urnas em outubro.



# Pessoas fazem a diferença em grandes obras

No pico da construção, a Nova Tamoios contou com mais de 2.500 profissionais, recrutados, em sua maioria, na região e treinados até para conhecer espécies de plantas nativas

**A** obra de duplicação da serra da Rodovia dos Tamoios contou com mais de 2.500 trabalhadores, entre funcionários diretos da construtora Queiroz Galvão e da Concessionária Tamoios, e indiretos, ligados às prestadoras de serviços.

Grande parte dos colaboradores foi recrutada na região e treinada em diversas funções específicas da obra. Os que atuaram nos montes ambientais do parque sobre a importância de preservar e até para conhecer as espécies de plantas nativas da região.

"Trabalho e desafios, a duplicação foi uma 'batalha' de engenharia e não apenas, com infraestrutura, geologia, meio ambiente e gestão de pessoas. Todos os que por ali passaram saíram melhores do que entraram", afirma Neyson Araújo Caldeira, diretor de operações da Concessionária Queiroz Galvão.

A complexa engenharia da Tamoios contou com profissionais como o Beto Ferra, apelido do mestre de túneis Anderson Pereira, 47 anos, uma especialista em perfuração de construção de túneis que chegou à obra no seu início, em 2017.

Italo de Paulo Almeida, 30, Beto Ferra levou para a Tamoios sua experiência de 27 anos com perfuração de túneis, como na do metrô do Rio de Janeiro, onde trabalhou. Mas a rotina de se despor com uma realidade bem diferente. "Na escavação do túnel 1, de 2,9 quilômetros, logo vimos que o material era diferente, com rochas bem nos primeiros metros, e depois muita areia e lama", conta. "O desafio aqui foi posicionar os túneis da Tamoios não imaginamos as dificuldades que enfrentamos nessa construção".

Em uma atividade como essa, riscos não faltam. Mas com os rígidos protocolos da construtora Queiroz Galvão e a gestão local de um acidente zero de Fábio Silva, Beto Ferra ainda se surpreende por ter passado quase cinco anos na obra sem nenhuma acidente. "Nunca vi isso na minha carreira. Todos abraçaram a ideia de acidente zero e a gente conseguiu. Foi um grande aprendizado", afirma.

Além da segurança e dos treinamentos para a preservação da vegetação nativa, o que mais impressionou também o mestre de túneis Fernando Medeiros, capitão de 42 anos que trabalha na Queiroz Galvão desde 2004, foi a topografia da região. Medeiros lembra que durante a montagem do telêmetro de curvas cable crane, o aceno era feito por escadas. De trabalhadores precisavam vencer mais de 500 metros na mata. "Isso foi bem no início da obra. Depois, passarelas foram montadas e com o funcionamento do cable crane tudo mudou", diz. Medeiros começou a trabalhar na Queiroz Galvão como ajudante de produção, foi crescendo na carreira até chegar a mestre de túneis. "As oportunidades aparecem e eu ia aprendendo com as

pessoas e crescendo na empresa", afirma. Hoje ele estuda Engenharia de Produção, mora em Caraguatatuba e gosta do que chama de "vida do trecho", por estar sempre em pontos diferentes de uma obra.

**ATENDIMENTO AO USUÁRIO**  
Na reatuação da Rodovia dos Tamoios, mas também revivida

**EQUIPES ESPECIALIZADAS E COMPROMETIDAS**  
Obra da Rodovia dos Tamoios contou com mais de 2.500 colaboradores

**NÚMERO DE FUNCIONÁRIOS NO PICO DA OBRA**



**Programa de Capacitação:**  
450 colaboradores promovidos  
**Programa Jovem Aprendiz:**  
164 passaram pela obra e 24 foram contratados  
**Alunos e ex-alunos:** 1.500 alunos e professores universitários visitaram as obras

**PREOCUPAÇÃO COM O MEIO AMBIENTE**  
Concessionária Tamoios criou programas para preservação da vegetação e dos animais, reutilização e reciclagem de materiais

**Centro de Reabilitação de Animais Silvestres (Cras):** parceria com a Umap para receber animais resgatados na rodovia e em outras áreas da região  
**Animais enviados aos Cras:** 7144, sendo 168 provenientes das Tamoios  
**Projeto Tamoios de Plantio:** parceria com ONG para o plantio de 450 mil árvores e recuperação de rios e nascentes  
**Parque Estadual da Serra do Mar:** parceria permitiu o treinamento de colaboradores diretos e terceirizados que atuaram dentro do parque  
**Passagem de fauna na rodovia:** 16 (2 séries e 12 subestruturas)  
**Reuso de água:** 382.418 m³  
**Reuso de material escavado:** 1.343.299,24 m³ (acumulado)  
**Reciclagem:** 271 toneladas de materiais (acumulado de 2021)  
**Sermão:** 108 m² de madeira aproveitada  
Fonte: Concessionária Tamoios e Construtora Queiroz Galvão

com os desdobramentos das obras do trecho de serra, está Eduardo Lessa, 31 anos, supervisor de operações do Centro de Controle Operacional (CCO).

Formado em logística, Lessa começou na Concessionária Tamoios em 2011, como atendente dos usuários da rodovia que precisava um de ajuda. Logo foi promovido e não parou mais. Hoje seu maior desafio é estruturar e liderar as equipes de atendimento aos usuários. "Pelo conteúdo da concessão, 90% dos resgates precisam ser feitos em até 10 minutos. Mas temos equipes muito rápidas, que chegam em 5 ou 6 minutos, o que faz com que os usuários se sintam seguros", afirma.

Os ocorrências são poucas. Em fevereiro, foram quase 1.000, entre resgates, remoções e problemas mecânicos. Mas com a entrada em operação do novo trecho de serra da Tamoios, a segurança para o usuário deve aumentar. "A serra antiga era um ponto crítico de acidentes. Com a duplicação, isso vai diminuir. Colômbia frontal, por exemplo, não vai mais acontecer", afirma Lessa.

**Concessionária investe em ações de preservação**

Com a maior parte da obra dentro do Parque Estadual da Serra do Mar, a necessidade de preservar para a construção da nova Tamoios desde a concepção do projeto. Foram realizados levantamentos geológicos, estudos de fauna e flora, treinamentos dos colaboradores para monitorar ambientais e projetos para a construção de passagens para os animais até o plantio de 450 mil árvores.

"Cada engenheiro, aprendiz muito com essa obra, mas os desafios que tivemos para preservar o meio ambiente serviram como uma universidade. É incrível o que foi feito com o mínimo de impacto ao meio ambiente", diz Leonardo Arino, diretor da Concessionária Tamoios.

Uma das ações da concessionária foi a parceria com a Universidade do Vale do Paraíba (Univap) para a criação do Centro de Reabilitação de Animais Silvestres (Cras). O objetivo era ter um local de acolhimento para os animais resgatados na rodovia e na obra, onde pudessem ser tratados, quando possível, e reintegrados na natureza. "O Estado de São Paulo é garante de estudos de impacto ambiental, mas não o Cras é a universidade da região", afirma Arino.

Além dos projetos ligados diretamente à sustentabilidade, a obra da Tamoios criou formas de reutilizar material proveniente das escavações dos túneis, que se transformaram em concreto para a própria obra. Boa parte da área reutilizada dos túneis também foi reutilizada.



Apoie a câmera do celular para ver mais fotos e vídeos de duplicação da Tamoios



**“As pessoas são as peças fundamentais. Não adianta só ter equipamentos de última geração, é preciso ter gente motivada para enfrentar um desafio desse tamanho”**

Fábio Figueiredo Silva, diretor da obra da Tamoios



Mestre de túneis Anderson Pereira (Beto Ferra), em frente ao túnel 1, no km 65 da Tamoios



Eduardo Lessa, supervisor de operações do CCO da Rodovia dos Tamoios, e equipe

# Disputa atiaiza cenários dos dois artís petisno e bolsonarismo

Pesquisa Datafolha mostra firmeza a Jair Bolsonaro e primeiros desafios para a candidatura de Lula

## ANÁLISE

Ruano Bighbassian

**BRASÍLIA** O plano de não poder levar Jair Bolsonaro (PL) a sobreviver uma fúria política no mundo da política a marca dos 50% de rejeição. Em 2018, o capitão conseguiu se eleger porque foi capaz de conter o repúdio da maioria do eleitorado, enquanto surfava num sentimento de oposição ao PT. Agora, ele entra na campanha à reeleição em desvantagem.

O cenário não era exatamente confortável para Bolsonaro há quatro anos. Seus índices de rejeição subiram cedo, mas ele segurou essas mínimas chagou à véspera do segundo turno com a oposição de 45% dos eleitores.

A nova pesquisa do Datafolha mostra que 55% dos entrevistados acreditam que Bolsonaro não merece um novo mandato.

O movimento desses pontos será um fator determinante para a próxima eleição. O cenário de uma disputa concentrada entre Bolsonaro e o ex presidente Lula (PT) indica que a rejeição a um dos lados favoreça o outro.

A pouco mais de seis meses da disputa, a conexão entre voto e rejeição é quase tão intensa quanto a correspondência identificada às vésperas da eleição de 2018.

De acordo com os números atuais do Datafolha, 60% dos entrevistados que rejeitam Lula declaram apoio a Bolsonaro no primeiro turno. Entre aqueles que rejeitam o atual presidente, 68% votam no petista.

Em 2018, Bolsonaro recebeu o voto de 69% daqueles que rejeitavam a candidatura de Fernando Haddad (PT). A fúria no sentido contrário era menor: 43% de quem rejeitava o capitão votava no petista — o que pode ser explicado pelo fato de que, na época, Bolsonaro ainda não era uma força política sólida.

A polarização da disputa de 2022 atualiza esse quadro. O antibolsonarismo se cristalizou como uma força eleitoral de campanha. Já o antipetismo refloresceu ao longo dos últimos anos, sob a liderança de Lula, mas começa a dar as caras.

Lula é hoje o candidato com a segunda maior taxa de rejeição: 37% dos eleitores dizem que não votam

nele de jeito nenhum.

O petista está tão distante de Bolsonaro nesse quesito, mas os números apontam para alguns desafios em especial para o candidato petista — especialmente porque sua atuação para ele beneficia diretamente o atual presidente.

A esta altura, há sinais de uma intermediação da candidatura de Lula em segmentos que têm ampliado sua adesão a Bolsonaro. Em alguns deles, o petista margina aquele patamar de risco dos 50%.

Eleitores com renda intermediária (de dois a cinco salários mínimos por mês) dão a Lula uma rejeição de 48% no primeiro turno — mesmo índice registrado por Bolsonaro. Esse grupo representa um terço da população e é um dos potenciais motores da recuperação do presidente neste início de ano.

Outros focos de rejeição ao petista são pouco surpreendentes: 46% entre os eleitores com ensino superior completo, 45% na região do Sul, 45% entre eleitores que se declaram brancos e 46% no segmento evangélico.

Segundo a lógica da polarização, Bolsonaro consegue seus melhores índices negativos em alguns desses segmentos: 43% dos evangélicos se recusam a votar nele, assim como 46% dos eleitores do Sul.

Um de seus pontos fracos está na farta do eleitorado com ensino superior completo — o que foi um grupo importante para sua vitória há quatro anos. Atualmente, 57% dos eleitores dessa categoria dizem que não votam em Bolsonaro de jeito nenhum.

Esses antigos territórios bolsonaristas devem ser os principais alvos de sua campanha, numa expectativa de reverter a rejeição ao governo e, por consequência, a rejeição à candidatura do presidente da República.

Em outros segmentos, uma reviravolta parece quase impossível. No Nordeste, por exemplo, 60% dos entrevistados se recusam a votar em Bolsonaro.

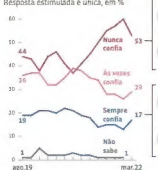
O presidente sabe que não deve ganhar a disputa na região, mas um repúdio em massa amplia a vantagem de Lula e dificulta a tarefa de compensar essa diferença em outras regiões.

Um obstáculo complementar aparece na farta de eleitores de baixa renda: 61% dos entrevistados desse segmento rejeitam Bolsonaro — que deve usar a máquina do governo e programas como o Auxílio Brasil para amenizar os números.

Quando a campanha esquentar, reduzir o nível de rejeição se tornará uma tarefa urgente para Bolsonaro. Ele precisa ficar abaixo do limiar de 50% para se livrar do carimbo de inelegível. No caso do ex-presidente Lula, os números da rejeição aparecem diretamente ligados aos esforços do PT para construir uma chapa ampla. O objetivo da sigla é estancar o antipetismo, agarrar um punhado de eleitores arrependidos de Bolsonaro e evitar uma onda a favor do atual presidente.

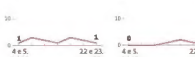
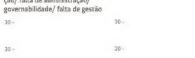
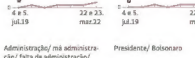
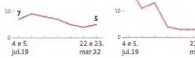
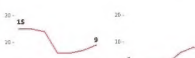
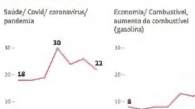
## 53% dizem nunca confiar em Bolsonaro

Resposta estimulada e única, em %



Saúde é o principal problema apontado pelos brasileiros

Resposta estimulada e única, em %



## Diminui desconfiança no que Bolsonaro fala, mas 82% ainda duvidam dele

Joelmir Turavez

**SÃO PAULO** A parcela de brasileiros que dizem nunca confiar nas declarações do presidente Jair Bolsonaro (PL) caiu na comparação entre a pesquisa do Datafolha de dezembro e o levantamento feito pelo instituto nesta semana. O percentual diminuiu de 60%, recorde da gestão, para 53%.

Já o índice dos que consideram acreditar sempre no que o mandatário fala é de 17% hoje, ante 15% na sondagem anterior. Os que dizem acreditar às vezes são 30% agora, ante 26% no último mês de 2021. Somando os que desconfiam total ou parcialmente das declarações, o total chega a 82%.

A pesquisa foi feita com 2,556 eleitores com 16 anos ou mais em 18 cidades de todo o país, na terça (22) e quarta (23). A margem de erro é de dois pontos percentuais, para mais ou menos. O levantamento está registrado no TSE sob o número BR-0867/2022. A tendência de melhoria da credibilidade de Bolsonaro acompanha a queda na aprovação ao desempenho do governo, que foi de 32% para 46% de dezembro para cá.

A queda no percentual de entrevistados que nunca confiam nas declarações interrompe uma sequência de altas nesse quesito que se arrasta desde dezembro de 2020. Naquele mês, o índice era de 37%, segundo a série histórica do Datafolha, que registra elevação nos seis meses seguintes.

De forma geral, a credibilidade de Bolsonaro na pesquisa reflete a simpatia da parcela que compõem seu eleitorado, com taxas superiores de confiança entre homens, pessoas na faixa acima dos 45 anos de idade e aquelas que ganham mais de cinco salários mínimos.

Os percentuais de confiança também são mais elevados no Sul do país. Na região, onde o presidente tem ampla aprovação, os que nunca acreditam nele são 44%, ante 6% no Nordeste, justamente aonde ele é mais rejeitado. Já os sulistas que acreditam sempre nele são 23%. Embora tenha base considerável no meio evangélico, dentro desse grupo a taxa dos que nunca confiam no presidente (42%) é superior à dos que fazem isso sempre (25%) e à dos que só creem às vezes (34%).

No recorte por ocupação, mais empresários (43%) acreditam sempre no mandatário do que assalariados (38%), de empregados (26%), funcionários públicos (23%) e aposentados (26%). A menor taxa é entre estudantes (18%).

No cruzamento com as intenções de voto, os dados do instituto mostram o espanto de os mais confiantes não passarem de Bolsonaro: são seis eleitores. Entre os que pretendem votar nele, a taxa dos

que creem sempre bate 59%, já entre quem prefere Lula o percentual é de miséris 2%. Na mesma tona, o índice de confiança plena nas falas do presidente chega a 6% entre os entrevistados que avaliam seu governo como ótimo ou bom e despenca para 1% entre aqueles que consideram a gestão ruim ou péssima.

## Saúde e economia lideram preocupações dos brasileiros

**SÃO PAULO** Questões ligadas à saúde e à economia estão no topo das principais preocupações do brasileiro neste ano eleitoral, segundo pesquisa do Datafolha. Em levantamento do instituto feito de terça (22) à quarta-feira (23), os entrevistados foram questionados sobre qual é o maior problema do país atualmente.

Na esteira da crise do coronavírus, a saúde voltou a ser o assunto mais citado, com 24 das menções. O tema, que tem ficado no topo da lista desde 2019, tinha sido mencionado por 26% em dezembro.

As respostas são coladas pontualmente nesse questionamento (sem que opções sejam apresentadas aos entrevistados). No item saúde, também estão englobados termos próximos, como "Covid" e "pandemia".

Esta rodada da pesquisa também confirma a consolidação de temas econômicos no alto do ranking.

A economia, item que também abarca menções à situação dos combustíveis, foi citada 23 vezes como maior preocupação para 2022, seguida por desemprego (22%) e inflação (20%).

Na pesquisa feita no fim de 2020, a inflação nem sequer havia aparecido.

Entre outros temas, também há destaque para a questão da educação, mencionada por 9% dos entrevistados. Ainda na área econômica, há na lista 6% de citações ao problema da fome/miséria. Não souberam responder 5%.

A questão da corrupção, citada por 5% dos entrevistados. No ranking de Lava Jato, o assunto chegou a liderar o ranking.

A violência/segurança foi mencionada agora por 3%.

As respostas espontâneas dos entrevistados incluem ainda itens como o salário (1%), o Supremo Tribunal Federal (1%) e o presidente Bolsonaro (1%).

O Datafolha também questionou eleitores sobre qual o Brasil passa por o resto do mundo.

Dissertar que ela piorou desde o início da gestão Bolsonaro, 50% dos entrevistados. Para 24%, a imagem do país ficou igual, e 23% entendem que ela melhorou. Não soube responder 1%.

Os entrevistados mais escolarizados estão mais pessimistas com a imagem do Brasil.

## Maioria acha que a imagem do Brasil piorou no exterior

Resposta estimulada e única, em %



[...]

A nova pesquisa

do Datafolha mostra que 55% dos entrevistados acreditam que Bolsonaro não merece um novo mandato. O movimento desses pontos será um fator determinante da próxima eleição







# Eduardo Leite tende a permanecer no PSDB

Com obstáculo em plano presidencial, gaúcho teria que viabilizar troca de Doria e convencer partidos da terceira via

Carolina Linhares  
e Julia Chubb

**SÃO PAULO E BRASÍLIA** O governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite (PSDB), não de a mão mais deitar a sigla rumo ao PSD, segundo alguns dos tucanos. O plano do gaúcho é tentar concorrer a Presidência pelo PSDB e, para isso, deve renunciar ao governo seu grato e o próximo dia 1.

Leite concederá uma entrevista coletiva na segunda (28), para anunciar suas decisões. Há semanas, a filiação de Leite ao PSD para disputar o Palácio do Planalto era dada como certa, mas o governador foi convencido de que sua candidatura seria senão, sem a coligação com siglas aliadas e solitária, já que o partido é dividido entre quem apoia Jair Bolsonaro (PL) e Lula (PT).

Mas no PSDB o caminho tampouco será fácil. O presidente do partido é o governador de São Paulo, João Doria (PSDB), que venceu Leite nas prévias de novembro. A viabilidade de Leite depende de que a legenda entre as prévias, em uma manobra imprevista, e mude seu significado ou que Doria desista.

Por isso, alguns tucanos o aconselharam a disputar a reeleição no Rio Grande do Sul, onde ele lidera as pesquisas, contornando sua promessa de campanha de que não iria tentar se reeleger. Iria a favor dessa opção o fato de que, sem Leite, o PSDB não tem um candidato competitivo no estado.

Uma carta enviada por casques do PSDB a Leite, no último dia 18, apudou a conveniência de se ficar. O texto lembra a trajetória de, e no partido e diz que "o movimento cresce, reunimos as forças necessárias". A carta é assinada também por aliados de Doria.

Murando a candidatura, a ideia de aliados de Leite, no partido, encabeçada pelo deputado Aécio Neves (PSDB MG) é a de que o nome do gaúcho seja chancelado pelos partidos da chamada terceira via, dando que ele seria mais viável que Doria.

Esse cenário em que Leite poderia ser aliado como candidato do PSDB ao Planalto é tratado como inusitado por aliados de Doria, já que o governador paulista venceu uma disputa interna que teve gás do fundo público partidário, participação de milhares de filiados e registro do resultado na Justiça Eleitoral.

O PSDB já anunciou uma federação com Cidadania e selou uma aliança com União Brasil e MDB. Os quatro partidos acordaram que até junho, escolherão um candidato único. E nessa negociação que a escolha por Leite pode prosperar, segundo a ala do PSDB que o apoia.

Além de Doria e Leite, pleiteiam a vaga a senadora Simone Tebet (MDB) e o presidente da União Brasil, Lucas do Barro. O Podemos de Sergio Moro também foi chamado a ingressar no bloco.

A terceira via definida durante a polarização. O Datafolha de quarta (24) mostra Lula com 47%, Bolsonaro com 36%, Moro com 8% e Ciro Gomes (PDT) com 6%. Doria marca 2%, assim como André Iginio (Avanço), e Tebet e Felipe d'Avila (Novo), 1%. Leite tem 1% em outro cenário, sem Doria.

Por um lado, partidos da terceira via fariam chegar ao gaúcho o recado de que seria fácil apoiá-lo no PSDB do que no PSD, já que a construção da unidade está mais avançada com os tucanos. Segundo a reportagem apurada, porém, Leite está longe de ser considerado consolidado entre os partidos aliados.

Dirigentes de Cidadania, União Brasil e MDB afirmam não respaldar, de pronto, Leite no lugar de Doria e dizem

que cabe ao PSDB, antes de mais nada, decidir qual nome vai levar à mesa.

Filador das prévias, o presidente do PSDB, Bruno Araújo, é simpático a Leite, mas hoje ocupa a posição de coordenador da campanha de Doria.

Nos bastidores, líderes da terceira via afirmam considerar apenas o nome de Doria e dizem não saber como se daria a troca do paulista pelo gaúcho. Eles ressaltam ainda

que a decisão sobre a candidatura vai levar em conta quem tem mais eleitores.

Aliados de Leite afirmam ser possível construir um movimento de pressão interna, sobretudo envolvendo candidatos aos governos estaduais e ao Congresso, que obrija o PSDB a rever a escolha de Doria como presidencial. Há até a sugestão de que ele desista da candidatura como um gesto de boa vontade.

O entorno de Leite conta com a debuta da candidatura de Doria sobrevivendo após 2 de abril, quando o tucano do xará o Governo de São Paulo e sem a cederia e a máquina, deve perder força no partido. Aliados de Leite afirmam que o gaúcho perdeu pontos na terceira via no flertar com o PSDB de Gilberto Kassab.

Kassab é visto por esses partidos como um dirigente que mira o seu objetivo, o de ele

ger uma boa base federal, e, para isso, estaria disposto a brigar ainda mais o campo do centro, que divide muitas das intenções de voto.

Além disso, Kassab já sinalizou apoio a Lula no segundo turno e sua busca por candidato próprio satisfaz membros do PSD que querem liberdade para apoiar Bolsonaro ou o PT no primeiro turno.

Todos esses argumentos pesaram para que Leite trocasse

ao PSDB, sem contar os alertas de que, ao trocar de partido depois de 16 anos no seu tucano, ele seria visto como oportunista, carreista, mau perdedor e trair. Leite havia se comprometido a permanecer no PSDB mesmo se perdesse as prévias.

Apesar da oscilação rumo ao PSD, o entorno de Leite afirma que Doria é idôneo e que o gaúcho ainda é o candidato dos sonhos da terceira via.



À esq., moradores de Mariupol sentam em praça próxima a prédios destruídos; à dir., idoso passa ao lado de posto de gasolina em chamas em meio a ataques russos em Kharkiv



Londres fala em mudança no ímpeto da guerra, enquanto Moscou diz que diz que 'cumpru 1ª fase'

Horá depois, a vice-primeira-ministra da Ucrânia, Iryna Vereshchuk, disse que espera chegar a um acordo com Moscou para criar um comitê humanitário em Tchernihiv já neste sábado (6). A declaração foi feita em condições que não se descreve como desafiadoras, referindo-se à proposta russa de retirar os civis para territórios sob domínio de Moscou.

Ataques foram registrados também em Vinnytsia, no centro da Ucrânia, e em Zhytomyr. Da Defesa informou que, apesar russos haviam disparado seis mísseis de cruzeiro contra o comando da Força Aérea ucraniana. Ainda segundo o órgão, alguns dos mísseis foram interceptados, mas os demais "atingiram vários pontos de infraestrutura estratégica nas regiões de vitimas".



[illegible]

**mundo guerra na ucrânia**

# Paramilitares neonazistas auxiliam Ucrânia

Grupos de extrema direita que atuam em contra-ataques são alvo de 'desnazificação', mas não compõem maioria do Exército

André Lúcio

nov. Cerca de 50 combatentes do Batalhão Azov, um grupo paramilitar neonazista que agora faz parte da Guarda Nacional da Ucrânia, revertem-se nesta sexta-feira (25) para a cerimônia de cremação de dois combatentes que foram mortos em Moschun, a noroeste da cidade de Kiev, a 30 km do centro da capital.

Um deles, que adotou o nome de guerra Tur, retornou aos dois anos de trabalho do grupo em uma empresa de proteção de armamentos ameaçada de extinção na África do Sul. "Protejo os armamentos por quem não se vem fazer guerra. Faço guerra por eles", disse, enquanto se aguardava a chegada dos corpos dos atingidos por um bombardeio. "Não estamos em uma (em referência à anexação da Crimeia pelos russos), essa é uma outra guerra — não temos mais nada a oferecer a eles. Hoje os russos nos atacam com morteiros".



Corpos de dois membros do Batalhão Azov, formado por neonazistas, mortos em combates na cidade de Moschun. André Lúcio/Rede Globo

Apesar do anúncio de sua "operação militar especial", o presidente russo, Vladimir Putin, citou entre os motivos para sua desistência a guerra a necessidade de "desnazificar" a Ucrânia. O presidente do Batalhão Azov, criado há oito anos para lutar contra separatistas russos, confirma a presença de neonazistas no país, mas diz que não sabem a maioria no Exército nem fazem parte do governo ucraniano.

Tur, 32, diz que, no início deste ano, não acreditava que a Rússia fosse de fato invadir a Ucrânia. "Putin sempre soube que os ucranianos são melhores soldados do que os russos. Um soldado ucraniano não pode combater dois soldados

dos russos e ainda ter grande chance de vencer". Otimista, ele é um entre um descontentamento de combatentes na linha de frente, cifra que o governo mantém em segredo.

Seja qual for, esses dois têm hoje em mãos equipamentos militares modernos fornecidos por países ocidentais para empregar novas estratégias de defesa, mas também de contra-ataque o que vem possibilitando, até agora, em algumas cidades, que as forças ucranianas mantenham suas posições.

Informações do relatório dos serviços de inteligência

do Reino Unido divulgado na sexta-feira dão conta de que as tropas da Ucrânia estão recuperando cidades a leste de Kiev, e na Rússia, que tentavam tomar a capital, recuando. De acordo com Volodimir Borisenko, prefeito de Bórispol, onde fica o principal aeroporto da área urbana da capital, os russos entraram em uma cidade e foram expulsos. Os soldados russos não foram vistos, mas os corpos de dois soldados foram encontrados. Com pouco mais de dois metros de altura, forte sem ser muito musculoso, com cabelos e barba bem ruivos, o combatente ucraniano, além de

ter adotado o nome Tur, se que também um visual inspirado em Thor, deus do trovão na mitologia nórdica, decorado por muitos outros membros da extrema direita ucraniana.

Uma das estratégias de recrutamento do Azov é buscar pessoas como Tur, fascistas natos pelo mundo militar mas que em algum momento foram impedidas de seguir a carreira por motivos físicos, sociais e até psicológicos. Muitas vezes, a conversão ideológica é forçada com o tempo nas zonas de combate.

Não porta a cabeça, os dois olhos, um aberto e outro

lacrado, ficaram expostos a combatentes e familiares dos jovens mortos. Diante das ruas, cobertas com o bandedo amarelo e azul da Ucrânia ornamentada com o emblema do Batalhão Azov — "Wolfsangel", símbolo heráldico alemão inspirado nas armadilhas medievais de caça de lobos —, cinco soldados se colocaram em linha e dispararam salvas de tiros depois de um comandante proferir as palavras "Slava Ukraini" (glória à Ucrânia).

O "Wolfsangel" foi usado pelos SS nazistas, inclusive por sua segunda divisão de combate

## Ocidente se precipita ao achar que o mundo inteiro está do seu lado na guerra

Edward Luce  
É editor e colunista da Financial Times

LOCOMOTIVAS FINANCEIRAS. Um dos pontos mais importantes da economia mundial é o mundo inteiro se precipita ao achar que o mundo inteiro está do seu lado na guerra.

A América corre o risco de se deixar seduzir por sua própria mensagem de relações públicas. A reação do mundo à invasão russa da Ucrânia é muito mais complexa que isso.

Desde 24 de fevereiro, o Ocidente se mobilizou para demonstrar suas unidas

de do que mostra há anos. Mas a maior parte do mundo aguarda à margem do mundo, esperando para ver o rumo que a disputa vai tomar.

Não pela primeira vez, o Ocidente está confundindo sua própria unidade com um consenso global. Um cenário em ganho para avaliar essa unidade é a ONU. Na última conferência feita pela organização neste mês, 141 dos 193 países membros condenaram a invasão da Ucrânia internacionalmente liderada por Vladimir Putin.

Mas os 35 países que se abstiveram responder por quase metade da população mundial. Incluem China, Índia, Vietnã, Rússia e África do Sul. Se

somarmos esses países aos que votaram a favor da Rússia, o resultado é mais de metade da população do mundo.

E mais: muitos dos que estão nominalmente contra a Rússia estão protegendo suas apostas. A Arábia Saudita, estada o pedida da China de ser paga por seu petróleo em dólares, não quer a Rússia e a Rússia quer o poder do dólar. Arábia Saudita e Estados Unidos se negaram a atender aos telefonemas de Joe Biden neste mês quando ele falou que numericamente sua produção de petróleo, uma desfeira arrua atual presidente dos EUA.

Moscow, que pode ser considerado o aliado mais es-

treito dos EUA, está adotando uma posição neutra, aberta a todas as possibilidades. O primeiro-ministro Naftali Bennett está procurando agir como mediador entre Rússia e Ucrânia e tem feito questão de mostrar-se imparcial.

Dentro de alguns meses se a Ucrânia continuar a lutar, a Rússia e o Ocidente conseguir manter sua posição usual, tudo isso se de parecer que não vem ao caso. Todo mundo ama um vencedor, e os países que veem em cima do muro no momento provavelmente perderão de volta ao Ocidente. Mas a ambivalência do mundo deveria dar o que

pensar a Biden e à Europa.

Um sinal de perigo é a tendência habitual do Ocidente de reivindicar liderança moral. Isso cria três problemas. Em primeiro lugar, é hipocrisia. O que a Rússia está fazendo à Ucrânia é uma barbárie. Mas também é algo que não falta no mundo. Muitos países no mundo muçulmano, em especial, acham que os EUA adotam dois pesos e duas medidas. Milhares de civis morreram no Iraque e no Afeganistão, abatidos por munições americanas, embora não tenham sido alvos intencionais (diferentemente do que está ocorrendo na Ucrânia).

Um segundo ponto é que o Ocidente é imprudente quando o supõe que seus valores são universais. Nesta semana os EUA classificaram o que Mi anunciou com sua maioria rotineira de genocídio. Ape-

sar de Manmur, diferente mente da Ucrânia, localizar-se na mesma região que a Índia, Narendra Modi, o premiê de Nova Délhi, expressou protestos apenas da boca para fora.

O terceiro ponto é que boa parte do mundo espelha suas ações ocidentais. O Ocidente em grande medida se dividiu da Rússia em um mes. A execução desse processo vem sendo sequencial. Mas também lembrou a outros países da capacidade que o Ocidente possui de punir aqueles de quem discorda.

A resposta do público ocidental à barbárie de Putin tem sido admirável. Mas, inevitavelmente, é seletiva. Quanto mais governos ocidentais compreendem que os ganhos de parte do mundo se encaixam, mas capazes sendo de entrar numa diplomacia eficaz, tradução de Clara Allier

## MUNDO VU

### Filme 'Leviatã' retrata desintegração de sociedade russa sob Vladimir Putin

João Batista Nardi

SÃO PAULO. A palavra Leviatã significa monstro, uma criatura portante ao mesmo tempo.

É um livro de 1629, inspirado em personagens bíblicos, do filósofo inglês Thomas Hobbes, que alerta para o perigo da autocracia social em países desprovidos de um governo eficiente e com regras claras de convivência. É o também o nome de um filme russo de 2014, que retrata a desintegração de uma sociedade de valores muito específicos, aliás, do período sob Vladimir Putin.

Como toda boa obra de ficção, o longa-metragem dirigido por Andrei Zvyagintsev dá

livros, filmes, séries, podcasts e o que mais houver para tentar entender o mundo

um olhar a muitas interpretações. Conhecer que uma política na época da estória entre o monarca russo da Defesa e o produtor Alexander Rodnianski que é ucraniano — deixou claro que a ideia era fazer mal do país no Exterior.

O filme, que é produzido, dá com as questões sociais mais importantes da Rússia contemporânea e nunca se tornou um sermão de um artista ou uma declaração pública — uma história de amor e tragédia vivida por pessoas comuns? Ou seja, uma lei para essas questões sociais é ainda que recomendável.

A idade se passa numa cidadezinha pacífica do mar de

Barents, esse pedacinho pouco atraente de mundo dividido pelo Rússia e pela Noruega no oceano Glacial Árctico. É um regime em que os valores não crescem o frio não deixa, e nem com muita vontade — alguém ensenara um condono natural de beleza.

Pois é lá que moram Nikolai Kargin, um mecânico local, obeso com 40 anos, sua mulher Lida e um filho adolescente e malcriado. Roma.

A casada mais leve e superficial do enredo opõe a sua um homem mais, o prelo da cidade cujo nome é Vidin e que deseja desaparecer a casa e a oficina do mecânico por um projeto proposital

mente baixo. Kolia pede a ajuda de uma jovem do mundo da música, mas ela não quer. Mas as coisas começam a se complicar por todos os flancos. O judicário é poder. Rejeita sem motivo os recursos pelos quais Kolia precisa obter uma indenização mais justa. Um diálogo entre o advogado e o juiz retrata com simplicidade a degradação ética à qual essa Rússia, ao mesmo tempo verdadeira e ficcional, chegou ao descer a ladeira do pós-comunismo. No tribunal, bem atrás do juiz, lá está a fotografia oficial de Putin.

A complicação prossegue quando o advogado se torna amante de Lida, a mulher do mecânico. A politização do adultério se dá quando o marido do mecânico perde a vida em um acidente de trânsito. E ele é condenado a 15 anos de prisão, em julgamento em que não cabe re-

leva a percepção desse fato que leva a esposa a se despar de Lida, um homem bem sucedido, no quarto do hotel, modesto em que ele está hospedado. A mulher do mecânico se torna adúltera ao receber o quarto o marido era andava um bêbado sem graça.

Kolia descobre a infidelidade da mulher durante um piviquenque. Daí nela uma boa surra e rompe com o amigo. Mas estamos apenas no começo de um cenário que vai piorar um bocadinho. Lida desaparece por três dias, e os amigos acreditam que ela foi fugiu com o amante para Moscou. No quarto dia o corpo aparece numa praia deserta.

O mecânico está embriagado e é preso sob a suspeita de um crime que provavelmente não cometeu. E é condenado a 15 anos de prisão, em julgamento em que não cabe re-

curso. Roma, seu filho, é adotado por um casal de amigos. O filme acaba com gatilhos desolando a casa e a oficina. Com a chegada do inverno, os escombros se confundem com a neve abundante. Para o lado mundo e tempos relevantes, 'Leviatã' concorreu ao Oscar de melhor filme internacional e ganhou o Prêmio de Ouro em Cannes, por melhor roteiro.

Leviatã  
Rússia 2014. Dir. Andrei Zvyagintsev. Com Anton Shevchenko, Roman Madyanov e Vadim Mikhailovich. Disponível para locação no YouTube

# Gafisa Cash back

10% da entrada do  
seu imóvel **voltam**  
*para você.*

## Pagou, voltou!

O CASHBACK GAFISA É DINHEIRO DE VOLTA, SIMPLES  
ASSIM. PARTE DA SUA ENTRADA VOLTA DIRETO PARA O  
SEU BOLSO. A GRANDE OPORTUNIDADE PARA VOCÊ  
CONQUISTAR O SEU GAFISA.

CONFIRA OS PRODUTOS PARTICIPANTES  
[gafisa.com.br/cashback](https://gafisa.com.br/cashback)



11 3025-9210

 **Gafisa**

REALIZAÇÃO



**Orbán teve que ir até o Brasil por apoio, dizpositor na Hungria**

**Eleição parlamentar no próximo dia 3 opõe premiê conservador, aliado de Bolsonaro, a frente ampla**

**ENTREVISTA**  
**PÉTER MÁRKI-ZAY**

Michèle Oliveira

**MILO** Como conciliar, numa campanha eleitoral, o eixo coalizão de governo, aliados totais, quanto liberais e verdes, conservadores e socialistas democratas? Péter Márki-Zay, líder da candidatura de uma esquerda frente única de oposição ao premiê húngaro, Viktor Orbán, reconhece as dificuldades. "Mas se tem uma coisa que me amedronta mais do que ter um governo diverso e dividido e Orbán continuar a governar esse país", diz.

As eleições parlamentares na Hungria ocorrerão em 3 de abril. Orbán está no quarto mandato e terceiro consecutivo desde 2010 — e enfrentando o perigo de Hódmezővásárhely, de 45 mil habitantes.

"Tudo mudou que voltar ao normal. A saída desse cenário em que Orbán colocou a Hungria não é para a esquerda ou para a direita, mas para fora", diz Márki-Zay. Em entrevista coletiva a jornalistas internacionais que a Folha acompanha nesta quinta (24), também foram perguntados sobre a soma de EUA, Espanha, Alemanha, Bélgica e Inglaterra.

A última pesquisa do instituto Republika, dos dias 16 e 18 de março, indica uma disputa apertada: o Fidesz de Orbán tem 47% das intenções de voto, dos pontos percentuais a mais que a frente única de esquerda, com 39% — se não deslaram indecisos. "Orbán teve que ir longe quanto ao Brasil para encontrar alguém que o apoiasse", afirmou, em referência à visita recente de Jair Bolsonaro (PL) a Budapeste. "Não acho que o Brasil esteja se beneficiando muito dessa amizade, mas cabe a vocês decidir".

Pesquisa recente mostrou que a maioria dos húngaros pensa que deve haver neutralidade entre Rússia e Ucrânia, o que parece ressoar a ambição de Orbán. O sr. assumiu uma posição mais clara, de que é preciso ficar do lado do Ocidente. Como está a disposição dos eleitores? Orbán está sempre dividido a opinião pública. Ele está jogando com os desejos de paz do povo húngaro, mas escondendo os pontos importantes a guerra não foi uma escolha do povo ucraniano. Não é possível ter uma posição equidistante entre um agressor e uma vítima.



**Péter Márki-Zay, 49**  
Político independente e ex-partido de Hódmezővásárhely desde 2018. Conservador católico, é pai de sete filhos e explora este histórico na campanha. Antes da política, trabalhava em multinacionais na "Hungria no Canadá e nos E.U.A."

**A saída desse cenário em que Orbán colocou a Hungria não é para a esquerda ou para a direita, mas para fora. Temos que sair da ditadura**

**Como primeiro ministro, o sr. aprovou sanções sobre o petróleo e o gás russo? Foi apenas sanções em muitos campos, não necessariamente petróleo e gás. A Hungria depende do gás russo, não podemos apoiar o boicote da importação no momento. Sobre as outras sanções, Orbán rejeitou, e nós definitivamente vamos concordar com toda e qualquer sanção que evite a criminalidade da guerra.**

**Por que o apoio de Orbán a Vladimir Putin não está repercutindo contra ele nos países? Porque ele faz ligação cerebral. Ele conseguiu a conexão no movimento comunista, depois continuou com o liberal, do se tornou conservador. Anti Putin, pró-Europa. Eu o apoiei em 2014, e depois disso ele mudou de novo, tornando-se pró-Putin e anti-Europa. Para ele, é uma coisa tão pragmática, para manter seu poder e sua riqueza.**

**Como vê as chances de uma coalizão tão ampla conseguir governar? Não tenho dúvida de que será difícil. Mas se tem uma coisa que me amedronta mais do que ter um governo dividido é Orbán continuar a governar esse país. A saída desse cenário em que Orbán colocou a Hungria não é para a esquerda ou para a direita, mas para fora. Temos que sair da ditadura.**

**Além do controle de mídia por Orbán, há outros fatores que o impedem de ter uma disputa equilibrada? Não haverá eleições livres e justas na Hungria, não importa o que aconteça. É um sinal de míngua que a gente tenha chance de derrotar Orbán. Temos fraude eleitoral institucionalizada.**

No entanto, o maior problema é a mídia. Não conseguimos nem mesmo espaço no YouTube. Temos talvez 20% do dinheiro do Fidesz, mas temos recebido doações e que estamos comprando mais espaço, como outdoors, as empresas não vendem para a gente porque temem indenização. As coisas pelas quais sou criticado não são verdadeiras, e os eleitores não sabem as coisas que Orbán faz. É difícil chamar isso de democracia ou de Estado de Direito.

**Se eleito, qual será sua abordagem em relação ao Brasil e a Bolsonaro, aliado de Orbán que recentemente visitou seu país? O sr. se manifestará sobre a eleição no Brasil? Não acho que deva decidir o destino do povo brasileiro. Eu apoio o Brasil, seu desenvolvimento político e econômico, e tenho certeza de que todos os brasileiros querem viver em uma sociedade livre. Não quero influenciar as eleições.**

Orbán está bastante isolado do cenário internacional. Seus outros aliados na Europa eram Eslavens e Polónia, e até eles deram as costas para Orbán, em razão do apoio a Putin e da reticência em ajudar a Ucrânia. Ele votou pelas sanções e pelo armamento para a Ucrânia, mas sempre no último momento, sob pressão. Orbán sempre esteve a serviço de Putin, e seu fantasma. Ele está isolado e teve que ir longe quanto ao Brasil para encontrar alguém que o apoiasse. Não acho que o Brasil esteja se beneficiando muito dessa amizade, mas cabe a vocês decidir. Alguém que é um traidor da Europa e da comunidade internacional. Ele é bom sinal para Bolsonaro? É bom ser amigo do Orbán, um oligarca corrupto? Acho que é útil para Bolsonaro também.

**China diz que 2ª caixa-preta de avião que caiu ainda não foi achada**

**PEQUIM REJEITA** Pouco depois de a Administração da Aviação Civil da China (CAAC) anunciar que havia encontrado a segunda caixa-preta do avião que caiu na última semana (24), a agência de notícias do regime chinês negou a informação.

Na sequência, segundo a Reuters, o jornal da CAAC apoiou de suas fontes nos meios sociais o texto em que dizia que o objeto havia sido encontrado. De acordo com o noticiário da Xinhua nesta sexta (25), ainda falta de noventa e cinco (95) mil habitantes.

Na quarta-feira (23), as equipes recuperaram a primeira caixa-preta do avião, o que permitiu a identificação do piloto. Ela foi encontrada no cabine. Ela foi levada para Pequim para análises.

As companhias aéreas registram informações cruciais para entender o que ocorreu, como as conversas entre o piloto e a tripulação e os dados técnicos do voo. Os dados técnicos do voo, como os indicadores de vários problemas mecânicos, o Boeing 737-800 da China Eastern Airlines partiu da cidade de Kunming com destino a Guangzhou, com 134 pessoas a bordo, e caiu em uma área montanhosa próxima a Wuzhou na segunda-feira. Centenas de equipes de resgate, res, médicos e voluntários foram mobilizados para buscar vestígios dos passageiros e das caixas-pretas. A aeronave caiu em um ângulo quase vertical e perdeu 8 km de altitude em menos de dois minutos, em circunstâncias que intrigam especialistas. Reportagem desta sexta no jornal The New York Times reforçou que o mistério em relação à queda é ainda maior quando se leva em conta o histórico dos pilotos das veteranas que tinham mais de 30 mil horas de experiência, o equivalente a quatro anos e meio em escolas na cabine. Autoridades da China Eastern descreveram a tripulação como não sendo do problema de saúde ou falhas em seus registros. Seu desempenho anterior foi "muito bom", disse Sun Shuying, presidente da falha de Yunnan da empresa. Um segundo capitão estava em voo. Os três atendiam aos requisitos para o ar, disse a companhia aérea. Especialistas ovidos pela WTT disseram que uma derrubada intencional do avião sempre faz parte de qualquer investigação, mas que é prematuro optar por qualquer possibilidade.

**TENSÃO ENTRE IÊMEN E ARÁBIA SAUDITA CRESCER COM ATAQUE DE REBELDES HOUTHIS**



O grupo rebelde houthis, do Iêmen, lançou missões nesta sexta-feira (25) contra instalações da petroliera estatal da Arábia Saudita Aramco, uma das maiores empresas do mundo no ramo.

O ataque, em Jidá, ocorreu a dois dias da etapa da Fórmula 1 na cidade. A fumaça pode ser vista de perto do autódromo, onde os tremores livres desta sexta sofreram atrasos por causa do ataque.

De acordo com os rebeldes, apoiados pelo Irã, os bombardeios causaram incêndios em dois tanques da empresa. Não há relatos de vítimas e as chamas foram controladas, segundo o governo local.

**TODA MÍDIA**

**EUA hesitam, mas Europa segue a China e 'alguma' as Big Techs**

O Brookings, centro de estudos dos de Washington, alertou no final do ano passado que a regulação das plataformas que estão sendo realizada na China era "uma mensagem para os políticos americanos".

Quanto às pessoas estão preocupadas com o tamanho e o poder das empresas (ameaças) de tecnologia, não há dúvida de preocupação nos EUA com o tamanho e o poder das empresas chinesas. Sushil Sachdev, CEO da Alphanet, que reúne Google, YouTube e Android, foi mais

Nelson de Sá  
nelson.sag@uol.com.br

direto ao ponto: "Eu me preocupo que, se você regular por regular, isso tenha consequências negativas não intencionais, inclusive implicações para a nossa segurança nacional". O esforço de guerra das plataformas ao longo do último mês, mudando a maneira como os dados são tratados, não é apenas uma questão de segurança, mas também de controle. "O lado da informação, se não com a esperança de que Casa Branca e Capitólio não vissem a mensagem chinesa. Mas Brasil, as escutas e, na noite de quinta (24), depois de oito horas de negociação para mais de um mês desde que o primeiro projeto foi apresentado, "União Europeia coloca as Big Techs", na chamada do alemão Frank

furter Allgemeine Zeitung. A Alemanha alcançou o consenso com a Lei de Mercados Digitais que proíbe "certas práticas usadas por grandes plataformas que atuam como 'gatekeepers'", porteiros da informação, todos americanos. A legislação, que ainda precisa passar por aprovação no Parlamento Europeu, tem como alvo grandes empresas que fornecem os chamados "serviços de plataforma central" mais próximos a práticas comerciais desleais, como redes sociais ou ferramentas de pesquisa". Por exemplo, "os maiores serviços de mensagens, como WhatsApp, Messenger ou iMessage, terão de se abrir e

operar integrados com plataformas menores de mensagens". Será possível em 2024? Talvez não, mas um aplicativo para outro.

Na China, a "interoperabilidade" levou aplicativos como o WeChat e o Weibo a serem obrigados a conversar, abrir seus "jardins murados" não sem alguma resistência dos gigantes Tencent e Alibaba. Na Europa, pelo menos, o "gatekeeper" resistiu, ele será multado em 10% de sua receita anual global, na primeira vez, e 20%, a partir da segunda. Outros resiliência da Lei de Mercados Digitais, empresas que usam as plataformas poderão acessar seus dados

coletados por elas, caso de vendas no Amazon, e se livrar do privilégio de Google nas pesquisas, plataformas, caso das buscas no Google.

A Alphabet foi uma das primeiras a reagir, já que suas pesquisas não são afetadas, mas as pesquisas podem sofrer uma mudança e a escolha (de produtos) disponível para os europeus. Mas a questão que vale a pena é: a Alphabet, o Alphabet, Apple, Amazon e Microsoft? A lei de "muito fácil" A lei de entrar em vigor em outubro.

LANÇAMENTO

YOU, INC APRESENTA

v3rso

J A R D I N S

EMILIANO

STUDIOS+

COM PÉ-DIREITO

3,40 M\*

V3RSO TAYLOR STAY

NOVO CONDOMÍNIO DE LUXO COM SUITES  
E SUÍTES COM SUÍTE COM SUÍTE COM SUÍTEVISITE OS DECORADOS  
AL. SANTOS, 957 | JARDINSGRUPO  
EMILIANO

RB CAPITAL

Rocontec  
Real Estate & Technology

you,inc

you,aredigital

VERSOJARDINS COM BR 3164.3451



You, Intermediação Imobiliária Ltda., Av. Pres. Juscelino Kubitschek, 950 - 2º andar - São Paulo - SP - CEP 04543-000 - Tel.: (11) 3159-7900 - CRECI 25.672 J - Incorporação imobiliária registrada sob o nº R-22 da Matrícula nº 88.960, do 4º Oficial de Registro de Imóveis de São Paulo, no dia 3/12/2021. (\*) As imagens contidas neste material são meramente ilustrativas, podendo sofrer alterações. A vegetação e o paisagismo retratados são meramente ilustrativos e não representam o que será entregue. Na entrega do empreendimento, essa vegetação poderá apresentar diferenças de tamanho e porte. \*\* Em todo o 105 um dos Studios com pé-direito de 3,40 m entregues conforme memorial descritivo.

BREVE LANÇAMENTO

F3A



MOEMA

signature

BY you,inc

3 SUÍTES

HALL  
PRIVATIVO2 VAGAS  
DEMARCADAS• LAZER COM VISTA  
PARA O IBIRAPUERA• A 4 MIN<sup>15</sup>  
DA FARIA LIMA• SKYLounge  
COM VISTA 360°• A 6 MIN<sup>20</sup>  
DO IBIRAPUERA

VEM AÍ O NOVO MARCO  
DE SOFISTICAÇÃO DE MOEMA.  
NO PONTO MAIS DESEJADO DO BAIRRO,  
COM VISTA PARA O PARQUE IBIRAPUERA  
E AO LADO DA FARIA LIMA

A 500 M DA ESTAÇÃO  
MOEMA DO METRÔ

you are digital

[YOU@GOLDBE](#) [YOU@CORPORADORA](#) [@YOUVINO](#) [@YOU@CORPORADORA](#) [@COMPANY/YOU@INC@CORPORADORA](#)


5054.5269

MOEMASIGNATURE.COM.BR

Incorporação, administração, resgate  
e futura intermediação.

you,inc

++

Yiu Intermediação Mobiliária Ltda. Av. Pres. Juscelino Kubitschek, 360 - 3º andar - São Paulo - SP - CEP 04563-000 - Tel: (11) 3199-7900 - CRI/CA 26.679-1. O empreendimento só será comercializado após o Registro de Incorporação no Cartório de Imóveis competente, nos termos da Lei nº 4.397-64. Projeto em aprovação e sujeito a alterações. (8) Distância do carro, calculada através do Google Maps. (2) Distância a pé, calculada através do Google Maps. (3) Fonte: Google Maps.



## MP regulamenta trabalho híbrido e permite contrato por produção

Texto também torna mais rígidas regras para auxílio-alimentação, após demanda de empresas

Fábio Pupo e  
Mariana Holanda

**BRASILIA** O governo assinou nesta sexta-feira (25) uma MP (medida provisória) que flexibiliza regras para a contratação por teletrabalho e altera a regulação do auxílio-alimentação.

Bruno Dalcolmo, secretário-executivo do Ministério do Trabalho e Previdência, disse que a medida permite

a adoção do modelo híbrido para os funcionários das empresas, com prevalência do presencial sobre o remoto e vice-versa.

\*[O teletrabalho] Era algo binário, ou a pessoa estava no teletrabalho ou no presencial. As pessoas que têm algo flexível, e as empresas entendem que na formação ética das pessoas é importante que elas estejam em algum momento dentro das empresas. A medi-

da permite essa flexibilidade”

A medida passa a prever expressamente que o teletrabalhador poderá ser contratado por jornada, produção ou tarefa. No caso de contrato por produção, não será aplicado o capítulo da CLT (Consolidação)

das Leis do Trabalho) que trata da duração do trabalho e que prevê o controle de jornada.

De acordo com o governo, os trabalhadores com deficiência ou com filhos de até quatro anos completos devem ter

Para aquelas atividades em

Para aqueles trabalhadores em que o controle de jornada não é essencial, o trabalhador terá liberdade para exercer suas tarefas na hora em que desejar. O teletrabalho também poderá ser aplicado a aprendizes e estagiários.

Segundo o governo, fica permitido que os detalhes constem no acordo individual entre a empresa e o trabalhador.

No caso do auxílio-alimentação, a medida altera as regras de pagamento proibindo, por exemplo, a cobrança de taxas negativas ou descontos na contratação de empresas fornecedoras de auxílio-alimentação.

O modelo em uso até agora permitia descontos pelas empresas emissoras dos vales-refeição e alimentação às empresas beneficiárias, que recebem isenção tributária para implementar programas de alimentação a seus trabalhadores.

Com isso, diz o governo, as empresas "liqueteiras" equalizam essa perda exigindo as taxas dos estabelecimentos comerciais credenciados. Para o Ministério do Trabalho e Previdência, a prática desvirtua a política pública, retirando o trabalhador da condição de maior beneficiado.

Continua na pág. A23

Continua no pág. A23

**POR TEMPO LIMITADO**

**A HORA  
É AGORA!  
EZTEC**

**JUROS À PARTIR DE**

**7,99%<sup>T</sup>**  
**AO ANO**

## FINANCIAMENTO DIRETO COM A CONSTRUTORA

**ENTRADA  
A PARTIR DE**

# 15%

**E CRÉDITO SEM BUROCRACIA.**

2022

## CONDOMÍNIO E IPTU

# GRÁTIS

**PREÇOS  
E CONDIÇÕES  
ESPECIAIS!**

**IMÓVEIS PRONTOS**

**OS MELHORES IMÓVEIS NAS MELHORES LOCALIZAÇÕES COM PREÇOS E CONDIÇÕES ESPECIAIS. APROVEITE. É POR TEMPO LIMITADO.**

**IMÓVEIS DE 25 A 283 M<sup>2</sup>**

**\*CONSULTE O REGULAMENTO E OS PRODUTOS PARTICIPANTES NO SITE**  
**WWW.EZTEC.COM.BR/AHORAEEAGORA**

**3135-5110**

• **Cartesian product with**

© 2004 Blackwell Publishing Ltd, *Journal of Internal Medicine* 255: 101–108



**EZ-TEC**  
Controlando a qualidade de vida

## mercado

## PAINEL S.A.

Joana Cunha

joana@grupofolha.com.br

## Conexão

Cresceu a pressão das empresas sobre o LinkedIn por causa da suspensão do anúncio de vaga para profissionais negros e indígenas pela plataforma. A Iniciativa Empresarial pela Igualdade Racial, um movimento de grandes companhias para combater o racismo no ambiente corporativo, já havia se posicionado em nome da entidade contra a medida da rede social na quinta (24). Mas nesta sexta (25), o documento ganhou peso com a assinatura de mais de 40 gigantes.

**CURRÍCULO** Entre os signatários estão Grupo Pão de Açúcar, AbbVie, Ambev, Bayer, Dasa Magalhães, Santander e Unilever. No texto, a Iniciativa afirma que muitas das empresas utilizam o LinkedIn como ferramenta de recrutamento e que a suspensão de anúncio pela plataforma pode gerar um enorme retrocesso no país e prejudicar a milhares de profissionais negros.

**CLIQUE** "O LinkedIn empreendeu publicamente uma série de ações buscando promover a diversidade racial, inclusive internamente, buscando produtores de conteúdos especificamente negros, obviamente uma ação afirmativa. Portanto, qual o motivo da mudança de direcionamento?" questiona o texto da Iniciativa.

**ONLINE** O Grupo Pão de Açúcar afirma que valoriza as ações afirmativas como políticas de inclusão e promoção da diversidade. A Unilever diz que o LinkedIn é uma importante plataforma de acesso a oportunidades de trabalho e às próprias ações da empresa.

**BANDEIRA** No retorno de compromissos do governador João Dória (PSDB-SP) antes de deixar o Palácio dos Bandeirantes para seguir na campanha presidencial, a agenda do reatado de secretários da segunda (28), a última do turno no cargo, tem a presença do chefe honorário da Ucrânia em São Paulo, Jorge Rybina.

**TRICHIERIA** Todos os secretários vão usar a bandeira da Ucrânia na lapela. No momento em que Dória ainda busca fortalecer seu nome para a corrida presidencial, a homenagem também é vista como mais um contraponto a seu inimigo político Jair Bolsonaro, que expressou solidariedade à Rússia. Jussara diz que o anúncio à Ucrânia é crítico às sanções impostas a Moscou.

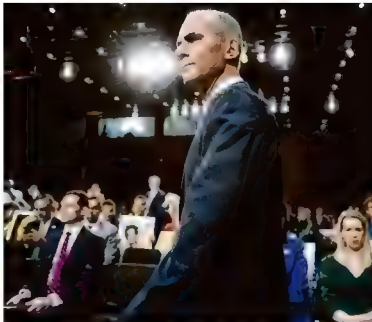
**MESA** O DBC (Instituto Brasileiro de Governança Corporativa) anunciou a nova composição de seu conselho de administração com nove membros. Três são mulheres: Gabriela Baumgart, do Grupo Baumgart e da TrackField, Deborah Patricia Wright, do Banco Santander, e Crisina Lucia Duarte Pinho, da Oryon.

com Andréa Mutter e Ana Paula Branco

A HORA DO CAFÉ | Fabiane Langone



## CIFRAS &amp; FILMES



Dennis Muilenburg, então presidente-executivo da Boeing, chega para depor no Senado dos EUA sob os olhares de familiares das vítimas dos acidentes da Lion Air e da Ethiopian. Ana Marques/Alto 11, 21 de Mar. 2021, The New York Times

## Busca por lucro levou a tragédias com 737 Max, sustenta documentário

Produção da Netflix mostra como mudança de cultura da Boeing resultou na maior crise de sua história e na morte de 346 pessoas

Rafael Balagó

**WASHINGTON** A Boeing se tornou a maior fabricante de aviões do mundo por várias razões. Uma delas foi a preocupação obsessiva com a segurança. Deixar essa atitude para trás levou a empresa à maior crise de sua história: o documentário "Queda Livre: A Tragédia do Caso Boeing".

Disponível na Netflix, a produção investiga as razões para dois acidentes com o modelo 737 Max, que mataram mais de 300 pessoas. A primeira queda foi em outubro de 2018, na Indonésia, e deixou 189 mortos. A segunda, em março de 2019, na Etiópia, matou 157 (o acidente que matou 232 pessoas nesta semana na China foi com outro modelo, o 737-800).

As tragédias geraram surpresas por envolverem aviões novos, em operação há poucos meses, e por terem ocorrido de modo parecido: as aeronaves desancaram pouco depois da decolagem, após os pilotos não conseguirem manter as alturas.

Após o segundo acidente, quase todos os países do mundo vetaram o uso do 737 Max, em um movimento nunca ocorrido antes.

O filme retrata detalhes técnicos dos acidentes, com projeções realistas, a luta dos parentes das vítimas por respostas e as mudanças da cultura empresarial da Boeing.

A empresa americana revolucionou o setor aéreo a partir dos anos 1950, ao lançar aeronaves capazes de levar centenas de passageiros por longas distâncias e de modo seguro, o que tornou as viagens internacionais muito mais acessíveis.

Modelos lançados nos anos 1960, como o 737 (para viagens de média distância) e 747 (para cruzar oceanos), ficaram tanto sucesso que são usados no mundo inteiro até hoje, com atualizações tecnológicas. Uma dessas adap-

tações, no entanto, é apontada como a causa dos acidentes com o Max.

Nos anos 2000, a Boeing perdeu o posto de maior fabricante de aviões comerciais para a Airbus. A fabricante europeia ganhava ainda mais espaço ao lançar, em 2010, o A320neo, modelo que se destacou por economizar combustível, questão sensível para as empresas aéreas.

Pressionado, a Boeing decidiu fazer uma adaptação no 737: colocar motores mais econômicos e lançá-lo como 737 Max.

Aprovação do modelo também foi marcada pela aceleração dos processos de produção: funcionários foram cobrados para evitar atrasos, e verificações de qualidade e segurança foram sendo abandonadas.

Quem apontasse alguma falha era criticado, ou até punido pela chefia, o que criou um clima que estimulava o acobertamento de erros.

Assim, a prioridade deixou de ser a segurança, uma mudança da empresa, para se tornar a obtenção de lucro e a remuneração de acionistas, dizem os funcionários.

Comercialmente, o 737 Max deu muito certo: a companhia conseguiu vender mais de 5.000 unidades dele nos anos seguintes.

Para atrair as empresas aéreas, usou o argumento de que os pilotos não precisariam de treinamento novo, por se tratar do 737 de sempre. Co-

mo treinamento, custam caro, as empresas aéreas curtiram a ideia.

No entanto, o avião não era tão qualificado. Havia um novo sistema, chamado MCAS, que servia para estabilizar automaticamente o voo caso de testes que esse estivesse em um grau de inclinação errada. O MCAS age de modo automático, sem que os pilotos precisassem fazer nada. Os pilotos, aliás, dizem não ter sido informados de que



Queda Livre: A Tragédia do Caso Boeing. EUA, 2021. Direção de Rory Kennedy (99 min). Disponível na Netflix.

ele existia. Documentos mostram que a Boeing buscava esconder isso, para agilizar o processo de aprovação do 737 Max e evitar que as autoridades exigissem treinamento para operar a nova aeronave. O sistema foi concebido para compensar a instabilidade gerada pela colocação dos novos motores, mais pesados que os anteriores, sem que fosse preciso fazer mudanças profundas de design.

Em outra tentativa de cortar custos, o sistema dependia apenas dos dados de um sensor extensor, não de dois, como o padrão Airbus, as investigações indicam que uma falha nesse sensor fez com que o MCAS recebesse dados errados e, automaticamente, ele cruzou o voo a baixar seu nariz na hora errada.

Sem entenderem o que estava acontecendo, os pilotos tentaram aliviar o avião, mas tiveram de brigar com as decisões automáticas de um sistema que desconheciam.

Estudos posteriores mostraram que os pilotos teriam apenas dez segundos para corrigir o rumo depois que o MCAS entrasse em ação fora de hora. Depois disso, a perda de estabilidade seria tão grande que se tornaria impossível retomar o voo de forma normal.

Após o primeiro acidente, a Boeing buscou minimizar as falhas técnicas. Depois da segunda queda, disse que uma atualização dos sistemas seria suficiente.

Os 737 Max receberam autorização para voltar a voar em outubro de 2020. Para escapar da má fama, passaram a ser chamados apenas de 737-8.

Após ser investigada pelo Congresso dos Estados Unidos, a Boeing fez um acordo e pagou US\$ 2,5 bilhões em multas, em troca de não ser processada criminalmente.

A empresa não deu entrevista para o documentário, mas respondeu por escrito às críticas e que suas aeronaves são seguras.





# mercado guerra na ucrânia



Colheita de soja no DF, projeções para o saldo da balança comercial saltam de US\$ 52 bi para US\$ 83 bi

# Alta das commodities eleva previsões para saldo comercial

Analistas, por outro lado, esperam aumento no preço dos importados

Douglas Gavian

**SÃO PAULO** A disparada nos preços internacionais das commodities, com destaque para as que foram afetadas diretamente pela guerra na Ucrânia e pelas sanções impostas à Rússia, já está levando a projeções quase dobradas para a balança comercial, em 2022.

Nesta semana, o Banco Central revisou, significativamente para cima, as projeções para a balança comercial deste ano, de um superávit de US\$ 52 bilhões para US\$ 83 bilhões. Esse volume é a diferença entre o que o Brasil exporta para o mundo e o que importa do exterior.

O movimento se deve a um aumento das expectativas para as exportações brasileiras neste ano — que saltaram de US\$ 276 bilhões para US\$ 318 bilhões.

Segundo a instituição, os preços de grãos também se elevaram diante das incertezas quanto ao impacto do conflito nas exportações dos países envolvidos, bem como nas preços internacionais de fertilizantes.

Embora se espere uma redução no volume exportado, com o impacto negativo de problemas climáticos sobre a safra de soja do Sul e com expectativas meliores para a produção da indústria extrativa, a expectativa de forte al

ta das exportações em valor é consensado entre analistas ouvidos pela Folha.

Desde o início do conflito na Ucrânia, em 24 de fevereiro, o índice CBM (Commodities Research Bureau), cota que reúne preços de 19 produtos básicos (como grãos, petróleo e metais), subiu 15%. Do início de 2021 até agora, o seu aumento foi de 31,68%, segundo o Trading Economics.

No caso do petróleo, a alta do CBM foi de 38%, entre 26 de fevereiro e 24 de março, no dos dólares de soja, de 7,6%, no do trigo, 29,7%.

Por outro lado, os analistas esperam um aumento de preços nos produtos transformados que o Brasil importa.

O preço de importados neste ano deve ser 20% maior do que em 2021, pelos choques nas cotações de produção e aumento de preços de cotação.

Olhando para o que o Brasil compra do exterior, o CBM também agora prevê um aumento de US\$ 233 bilhões para US\$ 245 bilhões.

Nas importações, as projeções foram afetadas pela expectativa de alta nos preços internacionais, sobretudo de combustíveis e fertilizantes, mas o BC já espera um freio na compra de produtos do exterior, em linha com a desaceleração da indústria brasileira neste ano e da atividade doméstica como um todo.

Em 2021, a Rússia respon

## Comércio do Brasil com o exterior

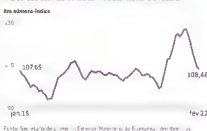
Variação nos fluxos comerciais em bilhões de dólares



Variação das exportações de commodities e não commodities no período 2021-22



Índice dos termos de troca - média móvel trimestral



## Dólar fecha a R\$ 4,75 e acumula quatro semanas de queda

Clayton Castelli

**SÃO PAULO** A valorização do real em relação ao dólar completou nesta sexta-feira (25) um ciclo de quatro semanas. A última vez que a moeda brasileira perdeu para a americana no fechamento semanal foi em 25 de fevereiro, um dia após tropas da Rússia invadirem a Ucrânia.

O dólar fechou o pregão desta sexta-feira a R\$ 4,7470. O tombo foi de 1,77% em relação ao dia anterior. Essa é a menor cotação desde os R\$ 4,75 registrados no encerramento da sessão de 11 de março de 2020, dia em que a OMS (Organização Mundial da Saúde) declarou a pandemia de Covid-19.

Nesta semana, a divisa do Eia afundou 5,38%. No ano, a moeda americana caiu 12,36%.

É a Bolsa de Valores brasileira uma das portas de entrada para os dólares de investidores estrangeiros que, neste momento, fazem do real um dos mais valorizados de fora entre os países emergentes.

O Ibovespa variou 0,02%, a 119,08 pontos. Na última sessão de alta, o índice de referência da Bolsa de Valores estacionou na sua maior pontuação desde o início de setembro.

Depois das oscilações geradas pelo início da guerra da Ucrânia, o Brasil dispõe de uma alternativa para investidores que procuravam oportunidades no setor de commodities, uma vez que os embargos impostos à Rússia tendem a agravar a restrição da oferta de petróleo.

Os preços da matéria-prima toberem desde o fim do ano passado devido à resistência da Opec (cartel formado pelos países que mais exportam petróleo) em reduzir o aumento da oferta. Em 2021, a alta é de 50%, sendo 20% de ganho após o início do con

flicto na Europa.

Nesta sexta, porém, o petróleo não foi decisivo para a alta da Bolsa. O barrel do Brent, referência para o mercado, subiu apenas ligeiramente, a US\$ 119,68. Ainda assim, a commodity está em um dos patamares mais elevados dos últimos 14 anos.

Desde o início do ano, porém, estrangeiros também buscaram no Brasil oportunidades em ações que estavam desvalorizadas. É esse movimento voltado a outros segmentos da Bolsa que colabora nesta sessão com a alta

de 0,02%.

De acordo com o mais recente boletim Focus, também do Banco Central, a estimativa do mercado é que o Brasil cresça 0,5% este ano e que o IBCA fique em 6,5%.

Apesar das revisões positivas para a balança comercial deste ano, projeções de pesquisadores do Ibr (Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getúlio Vargas) apontam que houve uma queda no primeiro bimestre de

2022, na comparação com o mesmo período do ano passado, nos chamados termos de troca (a relação entre os preços das exportações do país e os dos seus importações).

Análise aponta que os termos de troca recuaram 13,4% nos dois primeiros meses deste ano em relação ao mesmo período do ano passado. "Aí, agora, os preços das importações estão aumentando mais rápido do que o das exportações", o mercado aponta que o Brasil deve crescer muito pouco neste ano, e a importação é sensível ao nível de atividade de", diz Liz Vulliamy, pesquisadora do FGV.

Uma melhora dos termos de troca também a renda real. Isso permite que, com as mesmas exportações, se possa importar mais.

Vulliamy complementa que o aumento de preços dos produtos agropecuários é visível, mas não se sabe se isso vai gerar um grande efeito sustentável. "A verdade é que, no fim, ninguém nunca saiu ganhando com uma guerra".

Já na avaliação de Sroufe, do Credit, os próximos meses devem ser positivos para os termos de troca — esse efeito ainda deve demorar para se dissipar.

No horizonte dos analistas, a guerra entre Rússia e Ucrânia, além de supervalorizar o preço dos combustíveis, tem causado produtos agrícolas (como trigo e soja) se, por um lado, o preço de compra e venda para o produtor, por outro os analistas preveem novos repasses para os preços de alimentos, que tendem a pressionar ainda mais a inflação.

O aumento dos valores das commodities já estava em curso desde 2020, sendo destaque como um dos fatores que explicam o aumento da taxa de inflação no país, na forma de um novo choque de custos para a inflação no Brasil, diz, ainda, o levantamento do Ibr.

O peso das exportações no PIB deve ser maior, mas o que importa para o crescimento de médio prazo são os impactos que uma maior renda derivada do comércio global pode trazer para o PIB potencial, aumento de investimentos e produtividade, e isso vai depender de vários outros fatores.

"O peso das exportações no PIB deve ser maior, mas o que importa para o crescimento de médio prazo são os impactos que uma maior renda derivada do comércio global pode trazer para o PIB potencial, aumento de investimentos e produtividade, e isso vai depender de vários outros fatores."

Apesar das revisões positivas para a balança comercial deste ano, projeções de pesquisadores do Ibr (Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getúlio Vargas) apontam que houve uma queda no primeiro bimestre de

2022, na comparação com o mesmo período do ano passado, nos chamados termos de troca (a relação entre os preços das exportações do país e os dos seus importações).

Análise aponta que os termos de troca recuaram 13,4% nos dois primeiros meses deste ano em relação ao mesmo período do ano passado. "Aí, agora, os preços das importações estão aumentando mais rápido do que o das exportações", o mercado aponta que o Brasil deve crescer muito pouco neste ano, e a importação é sensível ao nível de atividade de", diz Liz Vulliamy, pesquisadora do FGV.

Uma melhora dos termos de troca também a renda real. Isso permite que, com as mesmas exportações, se possa importar mais.

Vulliamy complementa que o aumento de preços dos produtos agropecuários é visível, mas não se sabe se isso vai gerar um grande efeito sustentável. "A verdade é que, no fim, ninguém nunca saiu ganhando com uma guerra".

Já na avaliação de Sroufe, do Credit, os próximos meses devem ser positivos para os termos de troca — esse efeito ainda deve demorar para se dissipar.

No horizonte dos analistas, a guerra entre Rússia e Ucrânia, além de supervalorizar o preço dos combustíveis, tem causado produtos agrícolas (como trigo e soja) se, por um lado, o preço de compra e venda para o produtor, por outro os analistas preveem novos repasses para os preços de alimentos, que tendem a pressionar ainda mais a inflação.

O aumento dos valores das commodities já estava em curso desde 2020, sendo destaque como um dos fatores que explicam o aumento da taxa de inflação no país, na forma de um novo choque de custos para a inflação no Brasil, diz, ainda, o levantamento do Ibr.

O peso das exportações no PIB deve ser maior, mas o que importa para o crescimento de médio prazo são os impactos que uma maior renda derivada do comércio global pode trazer para o PIB potencial, aumento de investimentos e produtividade, e isso vai depender de vários outros fatores."

Apesar das revisões positivas para a balança comercial deste ano, projeções de pesquisadores do Ibr (Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getúlio Vargas) apontam que houve uma queda no primeiro bimestre de

2022, na comparação com o mesmo período do ano passado, nos chamados termos de troca (a relação entre os preços das exportações do país e os dos seus importações).

Análise aponta que os termos de troca recuaram 13,4% nos dois primeiros meses deste ano em relação ao mesmo período do ano passado. "Aí, agora, os preços das importações estão aumentando mais rápido do que o das exportações", o mercado aponta que o Brasil deve crescer muito pouco neste ano, e a importação é sensível ao nível de atividade de", diz Liz Vulliamy, pesquisadora do FGV.

Uma melhora dos termos de troca também a renda real. Isso permite que, com as mesmas exportações, se possa importar mais.

Vulliamy complementa que o aumento de preços dos produtos agropecuários é visível, mas não se sabe se isso vai gerar um grande efeito sustentável. "A verdade é que, no fim, ninguém nunca saiu ganhando com uma guerra".

Já na avaliação de Sroufe, do Credit, os próximos meses devem ser positivos para os termos de troca — esse efeito ainda deve demorar para se dissipar.

No horizonte dos analistas, a guerra entre Rússia e Ucrânia, além de supervalorizar o preço dos combustíveis, tem causado produtos agrícolas (como trigo e soja) se, por um lado, o preço de compra e venda para o produtor, por outro os analistas preveem novos repasses para os preços de alimentos, que tendem a pressionar ainda mais a inflação.

O aumento dos valores das commodities já estava em curso desde 2020, sendo destaque como um dos fatores que explicam o aumento da taxa de inflação no país, na forma de um novo choque de custos para a inflação no Brasil, diz, ainda, o levantamento do Ibr.

O peso das exportações no PIB deve ser maior, mas o que importa para o crescimento de médio prazo são os impactos que uma maior renda derivada do comércio global pode trazer para o PIB potencial, aumento de investimentos e produtividade, e isso vai depender de vários outros fatores."

Apesar das revisões positivas para a balança comercial deste ano, projeções de pesquisadores do Ibr (Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getúlio Vargas) apontam que houve uma queda no primeiro bimestre de

2022, na comparação com o mesmo período do ano passado, nos chamados termos de troca (a relação entre os preços das exportações do país e os dos seus importações).

Análise aponta que os termos de troca recuaram 13,4% nos dois primeiros meses deste ano em relação ao mesmo período do ano passado. "Aí, agora, os preços das importações estão aumentando mais rápido do que o das exportações", o mercado aponta que o Brasil deve crescer muito pouco neste ano, e a importação é sensível ao nível de atividade de", diz Liz Vulliamy, pesquisadora do FGV.

Uma melhora dos termos de troca também a renda real. Isso permite que, com as mesmas exportações, se possa importar mais.

Vulliamy complementa que o aumento de preços dos produtos agropecuários é visível, mas não se sabe se isso vai gerar um grande efeito sustentável. "A verdade é que, no fim, ninguém nunca saiu ganhando com uma guerra".

Já na avaliação de Sroufe, do Credit, os próximos meses devem ser positivos para os termos de troca — esse efeito ainda deve demorar para se dissipar.

No horizonte dos analistas, a guerra entre Rússia e Ucrânia, além de supervalorizar o preço dos combustíveis, tem causado produtos agrícolas (como trigo e soja) se, por um lado, o preço de compra e venda para o produtor, por outro os analistas preveem novos repasses para os preços de alimentos, que tendem a pressionar ainda mais a inflação.

O aumento dos valores das commodities já estava em curso desde 2020, sendo destaque como um dos fatores que explicam o aumento da taxa de inflação no país, na forma de um novo choque de custos para a inflação no Brasil, diz, ainda, o levantamento do Ibr.

O peso das exportações no PIB deve ser maior, mas o que importa para o crescimento de médio prazo são os impactos que uma maior renda derivada do comércio global pode trazer para o PIB potencial, aumento de investimentos e produtividade, e isso vai depender de vários outros fatores."

Apesar das revisões positivas para a balança comercial deste ano, projeções de pesquisadores do Ibr (Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getúlio Vargas) apontam que houve uma queda no primeiro bimestre de

2022, na comparação com o mesmo período do ano passado, nos chamados termos de troca (a relação entre os preços das exportações do país e os dos seus importações).

Análise aponta que os termos de troca recuaram 13,4% nos dois primeiros meses deste ano em relação ao mesmo período do ano passado. "Aí, agora, os preços das importações estão aumentando mais rápido do que o das exportações", o mercado aponta que o Brasil deve crescer muito pouco neste ano, e a importação é sensível ao nível de atividade de", diz Liz Vulliamy, pesquisadora do FGV.

Uma melhora dos termos de troca também a renda real. Isso permite que, com as mesmas exportações, se possa importar mais.

Vulliamy complementa que o aumento de preços dos produtos agropecuários é visível, mas não se sabe se isso vai gerar um grande efeito sustentável. "A verdade é que, no fim, ninguém nunca saiu ganhando com uma guerra".

Já na avaliação de Sroufe, do Credit, os próximos meses devem ser positivos para os termos de troca — esse efeito ainda deve demorar para se dissipar.

No horizonte dos analistas, a guerra entre Rússia e Ucrânia, além de supervalorizar o preço dos combustíveis, tem causado produtos agrícolas (como trigo e soja) se, por um lado, o preço de compra e venda para o produtor, por outro os analistas preveem novos repasses para os preços de alimentos, que tendem a pressionar ainda mais a inflação.

O aumento dos valores das commodities já estava em curso desde 2020, sendo destaque como um dos fatores que explicam o aumento da taxa de inflação no país, na forma de um novo choque de custos para a inflação no Brasil, diz, ainda, o levantamento do Ibr.

O peso das exportações no PIB deve ser maior, mas o que importa para o crescimento de médio prazo são os impactos que uma maior renda derivada do comércio global pode trazer para o PIB potencial, aumento de investimentos e produtividade, e isso vai depender de vários outros fatores."

Apesar das revisões positivas para a balança comercial deste ano, projeções de pesquisadores do Ibr (Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getúlio Vargas) apontam que houve uma queda no primeiro bimestre de

2022, na comparação com o mesmo período do ano passado, nos chamados termos de troca (a relação entre os preços das exportações do país e os dos seus importações).

Análise aponta que os termos de troca recuaram 13,4% nos dois primeiros meses deste ano em relação ao mesmo período do ano passado. "Aí, agora, os preços das importações estão aumentando mais rápido do que o das exportações", o mercado aponta que o Brasil deve crescer muito pouco neste ano, e a importação é sensível ao nível de atividade de", diz Liz Vulliamy, pesquisadora do FGV.

Uma melhora dos termos de troca também a renda real. Isso permite que, com as mesmas exportações, se possa importar mais.

Vulliamy complementa que o aumento de preços dos produtos agropecuários é visível, mas não se sabe se isso vai gerar um grande efeito sustentável. "A verdade é que, no fim, ninguém nunca saiu ganhando com uma guerra".

Já na avaliação de Sroufe, do Credit, os próximos meses devem ser positivos para os termos de troca — esse efeito ainda deve demorar para se dissipar.

No horizonte dos analistas, a guerra entre Rússia e Ucrânia, além de supervalorizar o preço dos combustíveis, tem causado produtos agrícolas (como trigo e soja) se, por um lado, o preço de compra e venda para o produtor, por outro os analistas preveem novos repasses para os preços de alimentos, que tendem a pressionar ainda mais a inflação.

O aumento dos valores das commodities já estava em curso desde 2020, sendo destaque como um dos fatores que explicam o aumento da taxa de inflação no país, na forma de um novo choque de custos para a inflação no Brasil, diz, ainda, o levantamento do Ibr.

O peso das exportações no PIB deve ser maior, mas o que importa para o crescimento de médio prazo são os impactos que uma maior renda derivada do comércio global pode trazer para o PIB potencial, aumento de investimentos e produtividade, e isso vai depender de vários outros fatores."

Apesar das revisões positivas para a balança comercial deste ano, projeções de pesquisadores do Ibr (Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getúlio Vargas) apontam que houve uma queda no primeiro bimestre de

2022, na comparação com o mesmo período do ano passado, nos chamados termos de troca (a relação entre os preços das exportações do país e os dos seus importações).

Análise aponta que os termos de troca recuaram 13,4% nos dois primeiros meses deste ano em relação ao mesmo período do ano passado. "Aí, agora, os preços das importações estão aumentando mais rápido do que o das exportações", o mercado aponta que o Brasil deve crescer muito pouco neste ano, e a importação é sensível ao nível de atividade de", diz Liz Vulliamy, pesquisadora do FGV.

Uma melhora dos termos de troca também a renda real. Isso permite que, com as mesmas exportações, se possa importar mais.

Vulliamy complementa que o aumento de preços dos produtos agropecuários é visível, mas não se sabe se isso vai gerar um grande efeito sustentável. "A verdade é que, no fim, ninguém nunca saiu ganhando com uma guerra".

Já na avaliação de Sroufe, do Credit, os próximos meses devem ser positivos para os termos de troca — esse efeito ainda deve demorar para se dissipar.

No horizonte dos analistas, a guerra entre Rússia e Ucrânia, além de supervalorizar o preço dos combustíveis, tem causado produtos agrícolas (como trigo e soja) se, por um lado, o preço de compra e venda para o produtor, por outro os analistas preveem novos repasses para os preços de alimentos, que tendem a pressionar ainda mais a inflação.

O aumento dos valores das commodities já estava em curso desde 2020, sendo destaque como um dos fatores que explicam o aumento da taxa de inflação no país, na forma de um novo choque de custos para a inflação no Brasil, diz, ainda, o levantamento do Ibr.

O peso das exportações no PIB deve ser maior, mas o que importa para o crescimento de médio prazo são os impactos que uma maior renda derivada do comércio global pode trazer para o PIB potencial, aumento de investimentos e produtividade, e isso vai depender de vários outros fatores."

2022, na comparação com o mesmo período do ano passado, nos chamados termos de troca (a relação entre os preços das exportações do país e os dos seus importações).

Análise aponta que os termos de troca recuaram 13,4% nos dois primeiros meses deste ano em relação ao mesmo período do ano passado. "Aí, agora, os preços das importações estão aumentando mais rápido do que o das exportações", o mercado aponta que o Brasil deve crescer muito pouco neste ano, e a importação é sensível ao nível de atividade de", diz Liz Vulliamy, pesquisadora do FGV.

Uma melhora dos termos de troca também a renda real. Isso permite que, com as mesmas exportações, se possa importar mais.

Vulliamy complementa que o aumento de preços dos produtos agropecuários é visível, mas não se sabe se isso vai gerar um grande efeito sustentável. "A verdade é que, no fim, ninguém nunca saiu ganhando com uma guerra".

Já na avaliação de Sroufe, do Credit, os próximos meses devem ser positivos para os termos de troca — esse efeito ainda deve demorar para se dissipar.

No horizonte dos analistas, a guerra entre Rússia e Ucrânia, além de supervalorizar o preço dos combustíveis, tem causado produtos agrícolas (como trigo e soja) se, por um lado, o preço de compra e venda para o produtor, por outro os analistas preveem novos repasses para os preços de alimentos, que tendem a pressionar ainda mais a inflação.

O aumento dos valores das commodities já estava em curso desde 2020, sendo destaque como um dos fatores que explicam o aumento da taxa de inflação no país, na forma de um novo choque de custos para a inflação no Brasil, diz, ainda, o levantamento do Ibr.

O peso das exportações no PIB deve ser maior, mas o que importa para o crescimento de médio prazo são os impactos que uma maior renda derivada do comércio global pode trazer para o PIB potencial, aumento de investimentos e produtividade, e isso vai depender de vários outros fatores."

Apesar das revisões positivas para a balança comercial deste ano, projeções de pesquisadores do Ibr (Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getúlio Vargas) apontam que houve uma queda no primeiro bimestre de

2022, na comparação com o mesmo período do ano passado, nos chamados termos de troca (a relação entre os preços das exportações do país e os dos seus importações).

Análise aponta que os termos de troca recuaram 13,4% nos dois primeiros meses deste ano em relação ao mesmo período do ano passado. "Aí, agora, os preços das importações estão aumentando mais rápido do que o das exportações", o mercado aponta que o Brasil deve crescer muito pouco neste ano, e a importação é sensível ao nível de atividade de", diz Liz Vulliamy, pesquisadora do FGV.

Uma melhora dos termos de troca também a renda real. Isso permite que, com as mesmas exportações, se possa importar mais.

Vulliamy complementa que o aumento de preços dos produtos agropecuários é visível, mas não se sabe se isso vai gerar um grande efeito sustentável. "A verdade é que, no fim, ninguém nunca saiu ganhando com uma guerra".

Já na avaliação de Sroufe, do Credit, os próximos meses devem ser positivos para os termos de troca — esse efeito ainda deve demorar para se dissipar.

No horizonte dos analistas, a guerra entre Rússia e Ucrânia, além de supervalorizar o preço dos combustíveis, tem causado produtos agrícolas (como trigo e soja) se, por um lado, o preço de compra e venda para o produtor, por outro os analistas preveem novos repasses para os preços de alimentos, que tendem a pressionar ainda mais a inflação.

O aumento dos valores das commodities já estava em curso desde 2020, sendo destaque como um dos fatores que explicam o aumento da taxa de inflação no país, na forma de um novo choque de custos para a inflação no Brasil, diz, ainda, o levantamento do Ibr.

O peso das exportações no PIB deve ser maior, mas o que importa para o crescimento de médio prazo são os impactos que uma maior renda derivada do comércio global pode trazer para o PIB potencial, aumento de investimentos e produtividade, e isso vai depender de vários outros fatores."

Apesar das revisões positivas para a balança comercial deste ano, projeções de pesquisadores do Ibr (Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getúlio Vargas) apontam que houve uma queda no primeiro bimestre de

2022, na comparação com o mesmo período do ano passado, nos chamados termos de troca (a relação entre os preços das exportações do país e os dos seus importações).

Análise aponta que os termos de troca recuaram 13,4% nos dois primeiros meses deste ano em relação ao mesmo período do ano passado. "Aí, agora, os preços das importações estão aumentando mais rápido do que o das exportações", o mercado aponta que o Brasil deve crescer muito pouco neste ano, e a importação é sensível ao nível de atividade de", diz Liz Vulliamy, pesquisadora do FGV.

Uma melhora dos termos de troca também a renda real. Isso permite que, com as mesmas exportações, se possa importar mais.

Vulliamy complementa que o aumento de preços dos produtos agropecuários é visível, mas não se sabe se isso vai gerar um grande efeito sustentável. "A verdade é que, no fim, ninguém nunca saiu ganhando com uma guerra".

Já na avaliação de Sroufe, do Credit, os próximos meses devem ser positivos para os termos de troca — esse efeito ainda deve demorar para se dissipar.

No horizonte dos analistas, a guerra entre Rússia e Ucrânia, além de supervalorizar o preço dos combustíveis, tem causado produtos agrícolas (como trigo e soja) se, por um lado, o preço de compra e venda para o produtor, por outro os analistas preveem novos repasses para os preços de alimentos, que tendem a pressionar ainda mais a inflação.

O aumento dos valores das commodities já estava em curso desde 2020, sendo destaque como um dos fatores que explicam o aumento da taxa de inflação no país, na forma de um novo choque de custos para a inflação no Brasil, diz, ainda, o levantamento do Ibr.

O peso das exportações no PIB deve ser maior, mas o que importa para o crescimento de médio prazo são os impactos que uma maior renda derivada do comércio global pode trazer para o PIB potencial, aumento de investimentos e produtividade, e isso vai depender de vários outros fatores."

Apesar das revisões positivas para a balança comercial deste ano, projeções de pesquisadores do Ibr (Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getúlio Vargas) apontam que houve uma queda no primeiro bimestre de

2022, na comparação com o mesmo período do ano passado, nos chamados termos de troca (a relação entre os preços das exportações do país e os dos seus importações).

Análise aponta que os termos de troca recuaram 13,4% nos dois primeiros meses deste ano em relação ao mesmo período do ano passado. "Aí, agora, os preços das importações estão aumentando mais rápido do que o das exportações", o mercado aponta que o Brasil deve crescer muito pouco neste ano, e a importação é sensível ao nível de atividade de", diz Liz Vulliamy, pesquisadora do FGV.

Uma melhora dos termos de troca também a renda real. Isso permite que, com as mesmas exportações, se possa importar mais.

Vulliamy complementa que o aumento de preços dos produtos agropecuários é visível, mas não se sabe se isso vai gerar um grande efeito sustentável. "A verdade é que, no fim, ninguém nunca saiu ganhando com uma guerra".

Já na avaliação de Sroufe, do Credit, os próximos meses devem ser positivos para os termos de troca — esse efeito ainda deve demorar para se dissipar.

No horizonte dos analistas, a guerra entre Rússia e Ucrânia, além de supervalorizar o preço dos combustíveis, tem causado produtos agrícolas (como trigo e soja) se, por um lado, o preço de compra e venda para o produtor, por outro os analistas preveem novos repasses para os preços de alimentos, que tendem a pressionar ainda mais a inflação.

O aumento dos valores das commodities já estava em curso desde 2020, sendo destaque como um dos fatores que explicam o aumento da taxa de inflação no país, na forma de um novo choque de custos para a inflação no Brasil, diz, ainda, o levantamento do Ibr.

O peso das exportações no PIB deve ser maior, mas o que importa para o crescimento de médio prazo são os impactos que uma maior renda derivada do comércio global pode trazer para o PIB potencial, aumento de investimentos e produtividade, e isso vai depender de vários outros fatores."

# Cenoura sobe 46% e puxa alta de 0,95% do IPCA-15 em março

Indicador tem a maior variação para o mês desde 2015, sob impulso dos preços dos alimentos e das bebidas

Leonardo Vileci

**RIO DE JANEIRO** A inflação medida pelo IPCA-15 (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo) voltou a dar sinais de força e ficou acima dos projeções de analistas em março.

Neste mês, o índice teve alta de 0,95%. É a maior taxa para o período desde 2015 (0,24%), no primeiro semestre (0,10%) do IGP.

O resultado foi puxado pela carestia de alimentos, cuja produção sofreu efeitos do clima adverso no começo do ano.

O IPCA-15 também já refletiu os impactos econômicos da fase inicial da guerra na Ucrânia, que elevou as cotações do petróleo e, assim, gerou mais aumento em combustíveis no Brasil.

Na mediana, as análises com cálculos para a inflação 15m do IPCA-15 acumularam 0,83% para o IPCA-15. Em fevereiro, o indicador registrou a alta ainda maior, de 0,99%.

Com a entrada do novo da guerra, o IPCA-15 acumulou inflação de 10,79% em 12 meses até março. Nessa comparação, trata-se do sétimo mês consecutivo com taxa de crescimento acima de 1%, após inflação de 0,66% de 10% desde setembro de 2021.

A alta de 10,79% é a maior para a acumulada desde fevereiro de 2015 (10,84%). O IPCA-15 estava em 10,76% nos últimos

até fevereiro de 2022.

Todos os nove grupos de produtos e serviços pesquisados pelo IBGE tiveram alta em março. O principal impacto (5,40 pontos percentuais) e a maior variação (1,95%) vieram de alimentação e bebidas. O segmento acelerou em relação ao mês anterior (1,20%).

Segundo o IBGE, o quadro reflete a seca no Sul e as fortes chuvas no Sudeste, que prejudicaram plantações e pressionaram preços. Os alimentos para consumo no domicílio subiram 3,24% em março.

As principais contribuições vieram da disparada da cenoura (45,65%) e das albatas expressivas do tomate (5,44%) e das frutas (5,34%).

Em 12 meses, a cenoura acumulou avanço de 24,64%. Foi o maior aumento da pesquisa nesta base de comparação.

Apesar de alimentos e bebidas, o grupo de saúde e cuidados pessoais teve a segunda maior influência (0,16 ponto percentual) no IPCA-15 de março. Os preços subiram 3,0%, após inflação em fevereiro (0,02%).

O grupo de transportes após recuo longo na sequência. O segmento teve impacto de 0,15 ponto percentual no IPCA-15 com alta de 0,68% no mês.

Dentro de transportes, os preços da gasolina, o subíndice com maior peso no índice, subiram 0,03%. O resultado do espelho o mesmo aumento

de combustíveis nas refinarias da Petrobras, que entrou em vigor em 12 de março.

No caso, gasolina, óleo diesel e gás de cozinha ficaram mais caros devido aos efeitos econômicos da guerra entre Rússia e Ucrânia.

Isso ocorreu porque o conflito provocou avanço das cotações do petróleo no mercado internacional, um dos parâmetros utilizados pela Petrobras na hora de definir os preços nas refinarias.

Em março, também houve altas nos preços do diesel (4,20%) e do gás veicular (5,87%). O etanol foi a exceção, com queda de 4,70%.

O índice oficial de inflação no Brasil e o IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo) também produzido pelo IBGE.

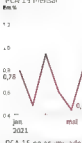
Como a variação do IPCA é calculada ao longo do mês de referência, o dado de março ainda não está fechado. Será conhecido no dia 8 de abril.

O IPCA-15 pelo fato de ser divulgado antes, sinaliza uma tendência para os preços. O indicador prevê consumo ser calculado entre a segunda metade do mês anterior e a primeira metade do mês de referência da divulgação.

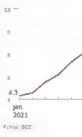
Neste caso, os preços foram costeados entre 12 de fevereiro e 12 de março. Isso significa que o índice capta os primeiros efeitos do conflito na

## Inflação persistente

PCIA 15 mensal



PCIA 15 no acumulado de 12 meses



FONTE: IBGE

Ucrânia, já que os combustíveis subiram em 12 de março nas refinarias.

"O impacto dos combustíveis não se esgota neste mês. A colheita do IPCA-15 pegou um período curto após a alta nas refinarias", avalia a economista Mariana Hirakawa, da gestora A2 Quest.

"Que os dados já mostram é que o repasse ocorreu de maneira muito rápida", completa. Além de impactar os combustíveis, o conflito no Leste Europeu também pressionou as cotações de commodities agrícolas como o trigo.

Outro temor gerado pela guerra é a escassez de fertilizantes, devido ao grande peso na produção russa. Assim, analistas temeram novos repasses para os preços fi-

nais de alimentos, o que alertava principalmente os mais pobres.

"A alta do trigo reflete o risco de escassez e acaba impactando outros alimentos", diz a economista-chefe do banco Itaú, Raíssa Ventura. "Isso preocupa um pouco mais".

Ela lembra que o avanço de outras commodities agrícolas, como milho e soja, pode causar efeitos indiretos sobre os preços das carnes. É que esses insumos são usados para alimentação animal.

No acumulado de 12 meses, o IPCA-15 está bem acima da meta de inflação perseguida pelo Banco Central para o IPCA. O cenário da medida de referência é de 1,50% anuais. Já o teto fixo, definido em 5%.

Analistas projetam estouro

## Maiores altas em março

Cenoura	45,65%
Repolho	29,68%
Abobrinha	28,46%
Pimentão	26,43%
Morango	24,59%
Meio	21,35%
Laranja-bala	17,66%
Melancia	16,44%
Tomate	15,46%
Maçã	13,29%
Manga	12,97%
Perfume	12,84%
Bataco-inglesa	11,81%
Maracujá	11,53%

da meta em 2022, o que significaria o segundo ano consecutivo de desaquecimento.

A alta prevista pelo mercado para o IPCA-15 de 6,59% até dezembro, de acordo com a mediana do Boletim Focus, divulgada pelo BC.

As projeções vêm sendo revisadas para cima nas últimas semanas, em meio aos reflexos da guerra. Já há instituições financeiras projetando o IPCA anual de 7% ao fim do ano.

Nesta sexta, o presidente do BC, Roberto Campos Neto, disse que o risco de inflação no Brasil deverá ocorrer em abril tocando 1% no acumulado em 12 meses.

Colaboração: Natália Garcia de Freitas  
Leila mais sobre inflação na Folha

## Combustível fica mais barato no posto, diz ANP

**RIO DE JANEIRO** Após forte alta com repasse dos maiores aumentos promovidos pela Petrobras há duas semanas, os preços da gasolina e do diesel recuaram nos postos brasileiros esta semana, segundo a ANP (Agência Nacional de Petróleo, Gás e Biocombustíveis).

A gasolina caiu 0,8%, para um preço médio nacional de R\$ 7,20 por litro. O maior preço detectado pela ANP foi R\$ 8,949 por litro, em Itaquara (BA). Na semana passada, o valor mais alto havia sido visto em Balaia (MA), com R\$ 8,399.

O diesel caiu 1,3%, para R\$ 6,264 por litro. A ANP encontrou o combustível sendo vendido a R\$ 7,970 em Belém (PA). E mais baixo do que os R\$ 7,960 visto no fim da semana anterior em Ilheus (BA).

O gás de cozinha subiu 0,6%, para R\$ 103,24 por botijão de 75 quilos. O produto foi encontrado ao preço mais baixo de R\$ 145,00 em Rio Branco (AC). É o mesmo valor detectado na semana anterior em Sinop (MT).

A alta reflete a alta repasse dos maiores aumentos promovidos pela Petrobras há duas semanas, quando os preços de venda de gasolina, diesel e gás de cozinha em suas refinarias foram elevados em 18,8%, 24,6% e 16,1%.

Na primeira semana após os repasses, os preços da gasolina e do diesel haviam recuado em 14,4% e, respectivamente, nos postos.

O preço do etanol hidratado subiu 0,3% nesta semana, para R\$ 4,954 por litro. Já o etanol anidro (velho



Frentista substitui preços em posto em Curitiba, diesel ficou 1,3% mais barato no país nesta semana

## Lira ataca estados e afirma que alíquota definida para ICMS sobre diesel zera esforço do Congresso

Danielle Brant

**BRASÍLIA** O presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), emitiu nesta sexta-feira (23) a seguinte declaração sobre o aumento da alíquota de ICMS sobre o diesel e afirmou que a medida praticamente zera o esforço do Congresso para conter a alta de combustíveis.

Lira comentou regulamentação votada na quinta (24) pelo Conselho (Conselho Nacional de Política Fazendária), formado pelos 26 estados, o Distrito Federal e representantes do Ministério da Economia, e anunciou pelos setores estaduais de Fazenda.

Na reunião, também foi prorrogado por 90 dias o congelamento da base de cálculo do ICMS para gasolina, etano-

e gás de cozinha.

Lira, que está no Maranhão, concedeu entrevista à TV Mirante. Quando Lira foi perguntado sobre o aumento dos combustíveis, o deputado lembrou que o problema é mundial, agravado pela pandemia e pela guerra.

Na entrevista, disse que, no país, há um componente "muito perigoso, que é o ICMS, que os governadores temem em não zerar, que não está, que não inicia o aumento, mas ele puxa o aumento".

"Costumo chamar de pato nipo feio da conta da gasolina, ele praticamente dobra quando vem em cima de toda a cadeia. E os governadores estão insensíveis a este feio".

Lira acusou ainda os estados, que "ganham tanto do

neste período da pandemia com relação ao ICMS na conta de luz, na conta do telefone e na conta dos combustíveis", não querendo abrir mão dessa arrecadação.

O presidente da Câmara, em maio, comentou a regulamentação aprovada. Conforme a decisão, a alíquota única do ICMS sobre o diesel terá um limite máximo de R\$ 1,00 no país, mas cada estado poderá conceder uma espécie de bonificação fiscal que, na prática, resultará em uma cobrança menor a seus consumidores.

O desenho foi feito de forma a preservar a arrecadação dos estados no mesmo patamar de novembro de 2020, quando o preço de referência dos combustíveis para a cobrança do imposto foram congelados.

"Eu tive informação antes de que o Confaz se reuniu no Brasil e praticamente zerou tudo o que nós fazíamos com relação ao PLE 11 [de com. bustíveis] no Congresso Nacional, num PLP votado nas duas Casas, anulando praticamente toda economia que nós fazíamos com relação ao PIS e Cofins [impostos federais] da União", criticou Lira.

"Tanto é importante que as pessoas saibam disso, que a gente possui trazer essa tema para discussão no Congresso, porque os estados não podem ter essa falta de sensibilidade neste momento em que recuaram suas finanças em cima de um processo inflacionário e de uma cobrança de ICMS pesada principalmente em cima de combustíveis".

Em debate no plenário do Senado, o presidente do Senado, Roberto Campos Neto, disse que o risco de inflação no Brasil deverá ocorrer em abril tocando 1% no acumulado em 12 meses.

## Discussão sobre preço é besteira, diz ex chefe da Petrobras

Nicola Pamplona

**RIO DE JANEIRO** O ex-presidente de da Petrobras Roberto Castella Branco disse nesta sexta-feira (23) que o Brasil precisa de tempo para debater preços dos combustíveis em vez de focar na aprovação de leis que permitam o crescimento econômico.

Primeiro chefe da estatal durante o governo Jair Bolsonaro (PL), Castella Branco foi demitido em fevereiro de 2021 em meio a uma crise por uma linha gerada pela escalada dos preços internos em repasse à recuperação do petróleo após o início da pandemia.

Em debate no plenário do Senado, o ex-presidente da Petrobras defendeu que os preços dos combustíveis acompanham os custos e que a discussão é uma discussão de risco de intervenção que afasta investimentos e fomenta o Brasil.

"Ficar pensando tempo com discussões sobre preço dos combustíveis é uma besteira", afirmou o economista, que foi indicado para a estatal pelo ministro da Economia, Paulo Guedes, e hoje ocupa uma vaga no conselho de administração da Vale.

"A solução, em vez de ficar nessa conversa de preços dos combustíveis, o crescimento econômico, combater a pobreza, investir em reformas para gerar produtividade porque são os ganhos de produtividade de que geram emprego, crescimento econômico e desenvolvimento".

Castella Branco criticou propostas de "abrandamento" dos preços, feitas pela oposição ao governo, afirmando que petróleo e combustíveis são commodities, internacionalizadas e, por isso, seus preços são cotados em dólar.

# Tem dinheiro sobrando no Tesouro?

Ilusão de cofre cheio e governabilidade corroída podem terminar em crise institucional

**Marcos Mendes**

Pesquisador associado do Insper. É autor de "Por que É Difícil Fazer Reformas Econômicas no Brasil?"

A arrecadação do governo federal tem batido recorde, e isso leva os políticos a achar que há dinheiro sobrando. Na data mais recente, o PIB cresceu 0,2%.

A previsão do Ministério da Economia é de um déficit de R\$ 67 bilhões (0,2% do PIB) em 2022. Para que o dividendo público pare de subir, precisamos, em um cenário muito otimista de um superávit de, pelo menos, 1,5% do PIB. Isso significa que o ajuste fiscal de, no mínimo, 1,3 pontos percentuais do PIB (1,5 - 0,2) ou R\$ 112 bilhões.

Esse ajuste é necessário, em bom ou mau jeito, para a economia ter chances de voltar a crescer.

As decisões políticas, contudo, seguem na contramão. As reduções de impostos já em plenitudo têm custo anual aproximado de R\$ 40 bilhões. Há propostas de aumento de gastos com alta probabilidade de aprovação que, em uma conta conservadora, somam R\$ 30 bilhões por ano, o que não inclui o custo da eventual criação de um fundo de estabilização de preços de combustíveis, aprovado no Senado, mas travado na Câmara. Se aprovado, esse fundo seria uma conta em aberto, de custo elevado, como argumenta em coluna anterior.

A dissonância entre a fragil

situação fiscal e a sensação de dinheiro sobrando decorre do aumento dos preços das commodities, com as quais a receita tributária federal é fortemente correlacionada.

Quando sobem os preços das commodities exportadas pelo Brasil, lucram as empresas ligadas ao setor, pagando mais impostos, royalties, e, no caso de estatais, dividendos. Há também impacto inflacionário, pelo aumento do preço daqueles bens no mercado interno, que se transfere rapidamente à arrecadação do governo.

Dados da Receita para os 12 meses encerrados em janeiro mostram que, entre as setes

economias que mais aumentaram o pagamento de impostos, predominam as ligadas à exportação de commodities minerais metálicos (até 6% de aumento), petróleo e gás (5,9%), agropecuária (5,0%). O aumento médio da arrecadação foi de 24%.

Em relatório divulgado na terça (22), o Ministério da Economia mostra que, na comparação com os valores que constam do Orçamento, a expectativa de arrecadação com royalties, dividendos e bonas de assinatura ligadas à indústria do petróleo aumentou 50%, representando R\$ 64 bilhões a mais. Esse é o típico aumento de receita que está fora do con

trole do governo. Se o preço das commodities descesse no mercado internacional a arrecadação tributária cairia junto. Se usarmos esse ganho temporário de receita para conceder benefícios fiscais e aumentos de gastos domésticos, quando a maré das commodities virar, nossa delirada situação fiscal se agravará ainda mais.

Foi o que aconteceu entre 2004 e 2012, houve um longo ciclo positivo de preços de commodities, e o governo usou isso para despesar e conceder benefícios fiscais. Com a queda dos preços das nossas exportações, a arrecadação caiu, mas os despeses continuaram altos e os benefícios fiscais se perpetuaram.

Abriu-se grande déficit primário, o Brasil perdeu a grau de investimento, e ingressamos na recessão de 2014.

Parece que rumamos, de novo, na mesma direção. O que tem seguido a expansão de despesas é o teto de gastos. Embora ferido pelas diversas flexibilizações do regime, ele ain

da está sendo capaz de segurar mais pressões.

Por outro lado, a captura do Orçamento e da coordenação política do governo pelo contrão, somado às pretensões eleitorais do presidente, e à filtragem de interesses privados nos ministérios tem criado esse pago para todo tipo de gasto e benefício fiscal parafiscal e populista. Votos presidenciais e leis que propõem mais gastos como moedas, atreladas do cotidiano eleitoral, e da responsabilidade fiscal.

Isso faz antever novos surtos contra o teto. Se houver novas flexibilizações, ou até mesmo a sua revogação por um novo presidente simultaneamente a uma queda dos preços das commodities, a desmontagem fiscal se acelerará.

Uma nova crise fiscal, em um contexto de economia que não cresce há anos, governabilidade de comprometido, orçamento capturado e polarização política, coloca no radar o risco de crise institucional.

com Samuel Passado, ser, Marcos Vasconcelos, Renaldo Lemos, ter, Michael França, Cailla Machado, qua, Heide Beltrão, cid, Cida Bento, Solange Genu, jex, Nelson Barbosa, s/a, Marcos Mendes, Rodrigo Zaidan

# Receita Federal mira sites de compras estrangeiros

Secretário cita possível ação contra 'camelódromo digital' após queixas

**Fábio Pupo**

**BRASÍLIA** A Receita Federal estuda editar uma MP (medida provisória) para impedir que empresas de comércio eletrônico estrangeiras vendam mercadorias para brasileiros sem pagar os devidos impostos.

A informação foi dada pelo secretário-geral da Receita Federal, João César Vieira Gomes, em evento na quarta-feira (23). Segundo ele, a mudança permitirá verificar o fluxo financeiro das operações compradas online e é declarada na importação das mercadorias.

Gomes diz que a medida co

tribui o que chama de "camelódromo virtual". "Estamos desenvolvendo uma medida provisória, e acho que ela vai ter grandes elevadíssimos", afirma Gomes.

As declarações do secretário foram dadas durante encontro com membros da Frente Parlamentar pelo Brasil Competitivo e representantes da iniciativa privada em Brasília e é sinalizada após pedido de empresas como Alexandr Ostrowiecki, presidente executivo da Multisider.

Os empresários afirmam que empresas asiáticas têm aproveitado brecha da legislação que autoriza a pessoa física a enviar bens estrange

iros para outra pessoa no Brasil sem pagar impostos, desde que o valor da mercadoria fique abaixo de US\$ 50.

A avaliação é que empresas de comércio eletrônico estão fraudando os dados no registro mercadorias mais caras com preço abaixo do valor de US\$ 50. Além disso, muitas deixaram a operação como se fosse uma transação entre duas pessoas físicas.

"Existem grandes plataformas asiáticas de e-commerce que usam uma brecha que permite que pessoas enviem produtos de fora sem pagar imposto. Essa brecha foi criada nos anos 90 pensando em encomendas de pessoa fi

sica para pessoa física", afirma Gomes. Ostrowiecki, em vídeo gravado durante o evento.

"Essas plataformas estão enviando centenas de milhares de pacotes fingindo ser pessoas físicas e substituíram [os produtos]", disse.

Segundo ele, dados da Receita apontam que o número de encomendas está crescendo de forma geométrica e já passa de 700 mil pacotes por dia, "diversos dos fabricantes asiáticos para a casa das pessoas, sem pagar tributo".

Para ele, a situação é injusta com as empresas brasileiras que têm que recolher os impostos brasileiros com uma carga alta.

Segundo Ostrowiecki, o país perde R\$ 80 bilhões em arrecadação por ano com as fraudes, e a demanda já foi apresentada aos ministros da Economia e da Justiça, além da PGR (Procuradoria-Geral da República).

Entre as medidas da União contra a Receita, está fazer o teste de marketplace (que vende produtos de diferentes lojas) serem responsabilizados criminalmente como se fossem as operadoras de seus parceiros.

Além disso, também é sugerida a responsabilização do site de transporte (como os Correios) em caso de transporte de produto ilegal.

Os empresários ainda defendem a exigência de a nota fiscal acompanhar qualquer mercadoria a ser transportada pela Correios, com todos os dados fiscais necessários. E pedem ao governo até mesmo o veto a empresas atacas domésticas, varejistas ou de comércio eletrônico que não tenham no processo de privatização da estatal.

Nos reuniões com o gover

no, tem sido feita uma apresentação sobre a contra banda digital organizada pelo IDV (Instituto para o Desenvolvimento do Varejo), que menciona as perdas sobre a qualidade dos produtos e dos serviços, usando fotos que retratam centros de distribuição das empresas acusadas como mercados espaciais pelo chão.

"Aprovando-se esta bandeira, nós, plataformas digitais, não vamos ter nenhuma operação dentro e fora do Brasil, não vamos um verdadeiro ataque econômico à economia brasileira, a uma velocidade surpreendente e no mesmo tempo, sem nenhum respeito às legislações nacionais, em especial as tributárias", afirma o texto do IDV.

"Essas plataformas estão indo muito longe, elas estão atacando pequenas, médias e até mesmo grandes empresas nacionais, desde o comércio varejista até o setor industrial. Empresas, empregos e a economia brasileira estão sob ataque sem precedentes na história econômica do país."

# União Europeia fecha acordo para regulação das big techs

**Daniel Azeiteiro**

**BRUXELAS** A União Europeia (UE) (União Europeia), a Comissão Europeia (braço executivo do bloco) e o Parlamento Europeu alcançaram na noite de quinta-feira (24) um acordo que abre caminho para a adoção de uma ambiciosa legislação para regular a atividade das gigantes digitais.

Após vários meses de negociações, as instituições europeias alcançaram um compromisso sobre a Lei dos Mercados Digitais (Digital Markets Act), que visa impedir as práticas de abuso de poder econômico de empresas como a Facebook, a Amazon e a Microsoft, conhecidos pela sigla "Gafam", uma série de obrigações e proibições para regular práticas anticompetitivas.

O acordo abençoado "marca o início de uma nova era de regulamentação tecnológica em todo o mundo", afirmou o europeizado alemão Andreas Schwab, que dirigiu as negociações para o Parlamento Europeu.

"As sete maiores empresas tecnológicas, conhecidas como as sete maiores das grandes empresas tecnológicas, cresceram. Para o secretário de Estado francês sobre assuntos digitais, Gilles O, trata-se da "regulamentação econômica mais importante das últimas décadas".



Unidade da Apple em Paris, usuário poderá escolher outra loja de aplicativo e evitar a App Store

Estados Unidos, 23/03/2021, The New York Times

Considerado como histórico, o regulamento, cuja entrada em vigor estase prevista para janeiro de 2023, serviu tanto para a União Europeia, mas também para a América do Norte. E poderia servir precedente para legislações parecidas em outras partes do mundo.

O texto, que determina dezenas de regras sob pena de multas das autoridades, é direcionado às maiores platafor

mas do "Gafam" e outros grupos, como o site de reservas online Booking e a rede social TikTok.

"Haverá consequências profundas" nas atividades dessas empresas, afirma Katrin Schallenberg, do gabinete de advogados Clifford Chance. Em resposta enviada à AFP, a americana Apple se disse "preocupada" com "algumas disposições que criariam vulnerabilidades injustas em termos de

confidencialidade e segurança para nossos usuários, em quanto outras nos proíbem de fazer pagar a propriedade intelectual, na qual investimos muito".

A lei impõe a possibilidade de o usuário escolher entre várias lojas de aplicativos, o que permitiria que a App Store, da Apple, fosse evitada, um dos pontos criticados pela Comissão. O regulamento estabele

ce um controle da Comissão Europeia sobre todas as operações de compra desleais, a fim de limitar o acúmulo das inovações das empresas emergentes e evitar as aquisições que o único objetivo de acabar com a concorrência.

Também inclui regras para evitar abusos constatados nos últimos anos, e em caso de infração, prevê multas que podem ir de 10% das vendas

mundiais do grupo a até 10% em caso de reincidência.

Será proibido para as grandes plataformas qualquer favorismo com seus próprios serviços nos resultados dos motores de busca, como o Google focado de fazer com o Google Shopping.

Um porta-voz da empresa, que também deve oferecer alternativas aos usuários do Android para o Google Maps ou para o navegador Chrome, afirmou que "severamente se opõe a essas restrições e trabalhará com os reguladores para implementá-las".

"Embora apoiemos muitas iniciativas da DMA sobre a escolha do consumidor e a interoperabilidade, estamos preocupados que algumas regras possam reduzir a inovação e as escolhas disponíveis para os europeus", acrescenta.

A nova lei também impedirá que os gigantes da tecnologia usem dados gerados em seus aplicativos por parte de seus próprios clientes.

Além disso, o texto busca prevenir melhor os usuários, ao tornar obrigatório seu consentimento para o uso de dados pessoais em serviços online. Também proibirá a imposição de programas pré-instalados nos computadores e celulares, ou aplicativos maliciosos, e facilitará o acesso a produtos alternativos.



[illegible][illegible][illegible]

# semináriosfolha economia circular

## Modelo sustentável exige integração da indústria e incentivos do governo

Empresários e especialistas debateram maneiras de avançar na gestão das cadeia e de resíduos

Paulo Ricardo Martins

**DIQUE DE CARIAS** O Alvaro cruz a transição para a economia circular aquela que não é linear, ou seja, que propõe uma solução para resíduos da produção — esse não apenas incentivo governamental, mas integração e desenvolvimento conjunto da indústria. É o que afirma Beatriz Luz, CEO da Exchange 4 Change Brasil, organização que promove, por meio da criação e adaptação de soluções globais e realidades brasileiras, o desenvolvimento sustentável.

Ela foi uma das participantes do seminário Economia Circular, promovido pela Folha com o apoio da UOL, realizado na última terça (22) e teve mediação de Mara Gama, colunista da UOL. Segundo Luz, existe uma dificuldade nos mercados pelo mundo, incluindo no Brasil, em achar soluções para os resíduos provenientes da indústria. A transição para a economia circular só vai acontecer, diz a engenheira química, com a união entre grandes empresários e núcleos médio-empresariais.

"Precisamos unir os olhos das cadeias, caminhar juntos, trocar dados e criar um ambiente de confiança. O empresário brasileiro ainda tem o receio de trocar informações". Esse é um movimento mais consolidado na Europa, e alguns países têm políticas fortes de integração. O Holanda, por exemplo. Na América Latina, por outro lado, há cen-



A colunista da UOL, Mara Gama medeia o seminário Economia Circular, realizado na última terça (22)

Araceli Cavallini/Magallanes

ção tecnológica. "Não adianta a indústria trazer uma grande solução se quem compra não está apto para trabalhar esse novo modelo de consumo". Como exemplo no Brasil, Luz cita a indústria de combustíveis que começou a produzir bioetanol, mas com resíduos veiculados da produção do etanol de primeira geração. A solução foi incorporada posteriormente pela marca O Boticário, que usa esse tipo de álcool em linhas de perfume.

No Klabin, um caminho foi buscar entidades parceiras e pequenos empreendedores.

Julio Nogueira, gerente de sustentabilidade e meio ambiente da empresa, diz que o desafio é dar destino a resíduos inorgânicos gerados pela produção de papel. Uma solução foi converter os em fertilizantes para florestas da Klabin e plantações de pequenos agricultores que produzem para restaurantes das fabricas.

Hoje a companhia tem um índice de reaproveitamento de resíduos de 95% e até se orgulha de processos mais sustentáveis. Valéria Magalhães, gerente-executiva da Klabin, diz que o investimento em

Teófilo Borba, no Paraná, numa cidade 100% circular até o fim de 2023. Segundo Nogueira, um diagnóstico den- tificou os resíduos gerados e a taxa de recuperação de e da matéria, por exemplo, e a iniciativa busca apoiar, medi- ação chamada pública, solu- ções de ONGs, startups e com- sários municipais que pos- sam contribuir com projeto.

A indústria têxtil, também tem se movimentado para abraçar processos mais sus- tentáveis. Valéria Magalhães, gerente-executiva da Klabin, diz que o investimento em

O Brasil ainda não tem uma política pública específica para a economia circular, diz Di- vi Bomtempo, gerente-execu- tivo de meio ambiente e sus- tentabilidade da CNL. O eco- nômico, estimado, é um com- passo importante a Política Nacional de Resíduos Sólidos (lei 12.305/2010), que tem co- mo um de seus princípios a responsabilidade do consu- midor pelo ciclo de vida dos produtos. "A gente ainda é se- ri o não mudou, para criar es- se tipo de incentivo econô- mico, muito diferente de nu- rios, partes do mundo, como no bloco europeu".

Empresas também têm ado- tado medidas para reduzir o impacto desses plásticos de uso único. Em 2019, companhias como PepsiCo e Nestlé assina- ram uma declaração global de- sobre plásticos, documento do Puma e da Fundação Ellen MacArthur para impulsionar a adoção da economia circular no ciclo do material. Na segunda edição do Fórum Econômico Mundial apontou que 95% do valor do plástico é perdido após um único uso.

Empresas também têm ado- tado medidas para reduzir o impacto desses plásticos de uso único. Em 2019, companhias como PepsiCo e Nestlé assina- ram uma declaração global de- sobre plásticos, documento do Puma e da Fundação Ellen MacArthur para impulsionar a adoção da economia circular no ciclo do material. Na segunda edição do Fórum Econômico Mundial apontou que 95% do valor do plástico é perdido após um único uso.

## Tratado da ONU incentiva reúso para combater lixo plástico

Emmy Galdeano

**MONTE-ALBANO** Ao abordar o ci- clo de vida completo do mate- rial, da produção ao descarte, uma resolução da ONU assi- nada em março de 2019 por 115 Estados-membros pode represen- tar novo impulso em direção à economia circular. O docu- mento prevê a criação do pri- meiro tratado global, contra poluição pelo material.

"Não podemos continuar a lógica de extração infini- ta. A circularidade é uma ap- roximação da natureza, que faz com que tudo sempre da cadeia", diz Vitor Pinheiro, coordena- dor de campanha no Puma (Programa das Nações Uni- das para o Meio Ambiente).

O acordo pode representar uma nova fase no setor am- biental para os envolvidos, es- te é o mais importante com- promisso ambiental desde o Acordo de Paris de 2015.

Além disso, o tratado será juridicamente vinculativo e, portanto, terá força de lei. O documento vai estabelecer obrigações legais que os Esta- dos signatários devem seguir. "Surge esperança para que se chegue a possíveis soluções com uma visão global e a uni- dação da ONU", afirma Aldo Onorato, co- ordenador do centro de pes- quisa em economia circular da UOL/USP.

No Brasil, ainda há muito a se fazer. Levantamento de 2019 da ONG WWF (World Wide Fund) feito com dados do Banco Mundial mostrou que o país é o quarto maior pro- dutor de lixo plástico no mun- do, com 3,3 milhões de tone- ladas por ano.

Também é o oitavo no ran- king de um plástico por habi- tante, com quase 100 gramas a cada ano. Do total, mais de 10 milhões de toneladas acabam em aterros sanitá-

os, índices altos ou na natu- reza. Segundo o estudo, ape- nas 1,8% desse material é re- ciclado, índice muito abaixo da média global, de 9%.

Como os taxas de recicla- gem do material ainda são muito baixas, a maior parte do plástico que poderia ser reaproveitado para a fabri- cação de novos produtos é jogado no lixo.

"Não adianta dizer que [gar- rantia] PPT é insustentável, que não há visão estrutural que garanta reciclagem", diz Pinheiro, do Puma.

Alema do Brasil, não ter uma cadeia capaz de reaproveitar tudo que seria reciclável. Pi- nheiro afirma que, na circu- laridade, a indústria que pro- duz o plástico precisa absorver o apóio o descarte para criar um novo produto, mas o país segue uma lógica de fabri- cação que que reutilizar não são feitas com materiais que facilitem a reciclagem.

A economia circular reduz o impacto no ambiente e promo- ve uma diminuição de plás- ticos de uso único, como can- didos, o investimento em em- balagens reutilizáveis e a recicla- gem para que um material re- torne a cadeia de consumo. O estudo do Inovalife USP av- isa que o baixo valor de mer- cado de alguns materiais po- de desestimular políticas de reciclagem das empresas. É justamente o caso do plás- tico, que tem baixo valor agre- gado comparado ao alumínio.

Ometido diz que, para garan- tir a circularidade, é preciso adotar um modelo de negó- cio que vá além da cadeia tra- dição de fabricação. Segundo ele, isso inclui investimentos de grandes empresas em in- fraestrutura de materiais em out- ros da cadeia, como coo- perativas e catadores.

No Brasil, os trabalhadores

### Economia circular reduz impacto da poluição plástica

Circularidade pode ter efeitos dos 400 milhões de toneladas de mate- rial produzidos por ano no mundo

#### Economia linear



#### Economia circular (potencial até 2040)



Fonte: "Tug and the Mass", e "Rising an ocean of trash", Catherine Ellen MacArthur, B. Bering, M. P. de la Torre

de coleta são responsáveis por 90% de todo o lixo re- ciclado, segundo o Ipea (Insti- tuto de Pesquisa Econômica Aplicada). A resolução aprova- da pela ONU reconhece a im- portância de catadores e coo- perativas em coletar e reci- clar o lixo.

De acordo com Thais Vo- jovic, especialista em plástico da Fundação Ellen MacArthur, que estuda a economia circu- lar outra barreira é o envol- vimento de diferentes setores, o que também inclui governos. Mesmo que haja compromi- sos voluntários de algumas in- stituições, essas medidas não são suficientes para san- ar o problema. Segundo Vo- jovic, a aprovação da resolu- ção já é resultado de um en- gajamento maior dos en- volvidos. "É um sinal de afini- damento, e isso pode ser um fator de aceleração da transi-

ções, essas medidas não são suficientes para san- ar o problema. Segundo Vo- jovic, a aprovação da resolu- ção já é resultado de um en- gajamento maior dos en- volvidos. "É um sinal de afini- damento, e isso pode ser um fator de aceleração da transi-

### ção para economia circular"

O resumo de plásticos (emba- lagens que podem ser utiliza- das várias vezes, por exemplo) é outra estratégia da econo- mia circular, mas ainda pouco difundida. Pesquisa do Fórum Econômico Mundial apontou que 95% do valor do plástico é perdido após um único uso.

Empresas também têm ado- tado medidas para reduzir o impacto desses plásticos de uso único. Em 2019, companhias como PepsiCo e Nestlé assina- ram uma declaração global de- sobre plásticos, documento do Puma e da Fundação Ellen MacArthur para impulsionar a adoção da economia circular no ciclo do material. Na segunda edição do Fórum Econômico Mundial apontou que 95% do valor do plástico é perdido após um único uso.

Empresas também têm ado- tado medidas para reduzir o impacto desses plásticos de uso único. Em 2019, companhias como PepsiCo e Nestlé assina- ram uma declaração global de- sobre plásticos, documento do Puma e da Fundação Ellen MacArthur para impulsionar a adoção da economia circular no ciclo do material. Na segunda edição do Fórum Econômico Mundial apontou que 95% do valor do plástico é perdido após um único uso.

De acordo com estudo da Fundação Ellen MacArthur, substituir 20% das embal- gens plásticas de uso único por embalagens reutilizáveis é uma oportunidade de negó- cio que pode gerar mais de US\$ 10 bilhões (cerca de R\$ 50 bilhões) por ano. Para as multinacionais, o acordo da ONU traz ainda mais um elemento regulatório. Dessa forma, as compa- nias terão que se adequar à legislação de cada país, o que facilita a transição para a economia circular.

## Reações do público

Seria interessante trazer exemplos mais palpáveis. Quando falaram da casa de açúcar, trouxeram exemplos de grandes corporações. Quando falamos de pequenas empresas, com cadeias de produção menores, fica difícil fazer a economia circular. Falaram exemplos de empresas pequenas e médias, e não de grandes corporações, que têm poder de barganha grande para colocar isso para frente. De resto, os conceitos foram ótimos.

**Ismael Amaral**

administrador, São Paulo (SP)

Gostei do nível de conhecimento dos palestrantes. A economia circular será um grande desafio no Brasil nos próximos anos. Temos potências ali, porque há muitos recursos naturais aqui. Basta implementar e fortalecer a cultura popular nesse sentido, junto com as empresas. Parabéns à Folha pela iniciativa. Como disse a representante da Tintas para o Brasil, se não fizermos nada, em 2050 precisamos de três Terras para dar conta do que se usa hoje em termos de recursos naturais.

**Mauro Medeiros**

advogado, Campinas (SP)

O debate é muito relevante na situação ambiental e social que vivemos no mundo. A economia circular é vista como possível resposta para os vários problemas ambientais e climáticos que já vivemos e ainda serão intensificados. Esse esse tipo de debate deve acontecer mais vezes.

**Wilson Danilo de Carvalho**

pesquisador, Rio de Janeiro (RJ)

Os convidados trouxeram pontos muito bons. A conversa foi interessante e bem conduzida, com exemplos e mostrando a realidade atual da economia circular. Minha sensação seria trazer ainda mais exemplos de economia circular, explicando como as empresas funcionam e tentando mostrar no que foi necessário investir que se chegasse à condição atual.

**Nicole Dalla Molla**

engenheira ambiental,

Porto Alegre (RS)

O tema é muito relevante! Gostei de terem trazido pontos bons. As várias dicas da economia circular, valeu, com exemplos de empresas, com a pesquisa, com a área de internacional. Muito pertinente incluir temas emergentes e necessários para a construção de um mundo melhor.

**Daniela Fontana**

professora, São Paulo (SP)

Achei interessante a conversa com especialistas, que deve se somar a outras medidas para que haja um real impacto na redução de emissões. Sugiro uma abordagem sobre a importância de trazer mais as mudanças climáticas. As emissões anuais de dióxido de carbono por pessoa não devem ser superiores a duas toneladas, o que não é o caso do mundo produz em média 70. Tocar mais quem por sua mais é justo e necessário.

**Andréia Chade**

psicóloga, Porto Alegre (RS)

O tema é muito importante e deve estar na pauta de toda sociedade. Poderia haver novas ações sobre os benefícios da economia circular em questões sociais, com casos concretos de transformação.

**Cecília Matsumura**

meicadista, São Paulo (SP)

Seria interessante abordar como as empresas locais podem ou devem ajudar na transição, como a falta de conhecimento de consumo contribui para o atraso do processo e como reverter isso. Também é importante discutir como chamar atenção para a presença mais efetiva do governo.

**Margareta Oliveira Di Giovanni**

professora, São Paulo (SP)



**Precisamos trabalhar em rede para mudar nossa relação com o meio ambiente**

**Ana Carolina Amaral**  
diretora de inovação e negócios do IPT



**A economia circular deve ser uma responsabilidade compartilhada**

**Julio Nogueira**  
gerente de sustentabilidade da Kubo



**Precisamos de um modelo desconectado da exploração de recursos naturais**

**Isaías Luz**  
CEO da Exchange e Change Brasil



**A virada é enxergar o resíduo como um recurso e criar oportunidades**

**Davi Bomtempo**  
gerente executivo de meio ambiente da Citel



**As alternativas passam necessariamente por investimento em pesquisa**

**Valéria Magalhães**  
gerente-executiva da R&D-geo



# Para fazer uma transição, é preciso que todos atores do sistema se envolvam

Responsável por iniciar mudança da Holanda para uma economia circular, ex-ministra defende coalizão voluntária com a presença de um mediador

## ENTREVISTA

**Ana Carolina Amaral**

**GENEREA** A ex-ministra do Meio Ambiente da Holanda Jacqueline Cramer (2007-2010) é responsável pelo início da transição do país de um modelo produtivo linear para uma economia circular, com os objetivos de reduzir tanto o uso de recursos naturais para a produção quanto a geração de lixo.

A Holanda implantou ainda em 1979 uma política para gestão de resíduos, que inaugurou a priorização dos recursos antes do descarte: reduzir, reutilizar e reciclar.

Nas metade dos anos 1980, o governo estabeleceu programas de reciclagem para 30 tipos de material e no longo dos anos 1990, empresas holandesas foram incentivadas a fazer o ecodesign, desentão ecológico de produtos.

Mas, para Cramer, "o ecodesign ainda pode resultar em um produto que vai para o lixo". Ao assumir o Ministério do Meio Ambiente da Holanda, reuniu em um só plano as políticas de gestão de resíduos com as de produção ecológica, juntando as pontas da economia linear e ecológica para formar um círculo, do berço ao berço, indo de uma cadeia produtiva à outra.

O desafio é, de um berço a outro, os materiais vão para diferentes cadeias produtivas e exigem compromissos de setores inteiros para o desenvolvimento de novos ciclos econômicos.

Neste contexto, Cramer entrou como uma "corretora da transição", como ela define seu papel, intermediando a negociação com setores produtivos para encontrar as soluções técnicas, políticas e financeiras para a circularidade.

Nas última década, as negociações descolaram em 23 setores, com experimentos que transformaram restos do processamento de alimentos em aditivos aromáticos, como tomates em bioplásticos.

Entre os acordos setoriais já assinados, há planos sobre o redesign de colchões para que seus materiais sejam recicláveis e reutilizados de concreto após de moléculas e uso de materiais sustentáveis no setor têxtil.

Cramer avalia que a governança em rede foi a chave da transição holandesa que pode ser exportada para o mundo. "Já consumimos excessivamente. Se continuarmos nesse caminho, vamos precisar, em 2050, de três Terras. E isto é impossível".

**Como foi possível desenvolver na Holanda a política de economia circular?** Na verdade, começamos a desenvolver esse conceito nos anos 1980, porque não somos um país muito pequeno e altamente industrializado. Não podemos contar criando mais aterros para esconder resíduos.

Por isso que começamos a reciclar e a pensar como podemos desenhando produtos de uma forma que considere os aspectos ecológicos.



**Jacqueline Cramer, 70**

Foi ministra da Habitação, Ordenamento do Território e Ambiente da Holanda entre 2007 e 2010, pelo Partido Trabalhista. Bióloga e doutora em ciência pela "universidade de Amsterdam", e consultora de sustentabilidade empresarial desde 1990 e professora de inovação sustentável da Universidade de Utrecht. Nos últimos dois anos, publicou os livros "Building a Circular Future" (construindo um futuro circular) e "How Network Governance Powers the Circular Economy" (como a governança em rede potencializa a economia circular), ambos editados pelo Amsterdam Economic Board e disponíveis gratuitamente na internet, em inglês.

**Como aconteceu o salto da política de reciclagem e gestão de resíduos para a economia circular?** Nos anos 1990, eu fui uma das pessoas que promovia o ecodesign, mas ele ainda pode resultar em um produto que vai ser jogado fora.

Então começamos a desenvolver o conceito de berço a berço, não (do berço) à tumba. Berço a berço significa que você realmente vai voltar para o berço, para usar os produtos novamente. Produtos devem circular do berço ao berço, não (do berço) à tumba.

Além disso, nós tentamos conectar essa ideia com as políticas de gestão de resíduos, em vez de tratá-la como partes separadas. Essa foi a minha maior intervenção [durante a participação no governo].

**A senhora estava envolvida com a política de economia circular antes e depois de ter sido ministra. Sua atuação tem relação com o modelo de governança em rede, que defende nos seus livros?** Sim. Antes de ser ministra, já era muito ativa na sociedade, conhecia os países importantes dos diferentes setores.

Também sabia que quando você faz uma transição você precisa que todos os setores se envolvam. Não se pode mudar um sistema sozinho.

**A senhora acha que os governos estão preparados para governar junto à sociedade?** Essa questão é interessante, porque nós somos um país acostumado a trabalhar juntos entre atores. Nós podemos ser insuportavelmente fáceis. Temos uma história com sete

nas de gestão híbridas com um conselho em que cidadãos trabalhavam juntos para assegurar a gestão da água.

Mas quando finalizei meu primeiro livro, sobre como a governança em rede pode impulsionar a economia circular, pensei: bem, talvez isso seja bem específico da Holanda. Então entrevistei representantes de centros de economia circular em outros 15 países e perguntei sobre a necessidade e as condições para a governança em rede.

Alguns países, como o Brasil, são receptivos para a governança em rede. Você tem seguido cooperar uns com os outros e têm uma sociedade para. Então há uma possibilidade para que vocês criem essa rede.

No Brasil, há um forte componente social para a reciclagem, promovida por catadores de materiais, frequentemente em situação de extrema pobreza. Como garantir inclusão social em uma transição baseada em abstrações de mercado e avanços tecnológicos? Essa é uma missão para o "corretor da transição", assim como você definiu seu próprio papel? A razão pela qual eu digo que precisamos de um corretor da transição é que quando você começa uma coalizão voluntária com os atores, na maior parte do tempo, cada um tem seu próprio interesse.

E quanto mais poderosos é um ator, mais dificuldade você tem para incluir os mais fracos. Se você tem um mediador, ele pode assegurar que todos os interesses sejam alinhados.

**A Holanda tem a meta de reduzir 26% do uso de materiais prima até 2030. Como isso é possível em uma economia globalizada? Isso inclui tudo que circula na nossa economia, então de fato inclui o que nós importamos. E importa muito. Quanto mais alto você mira na escala da economia circular, mais matéria-prima você poupa. A prioridade mais alta deveria ser evitar o uso de matéria-prima, depois, reduzir o uso de novos materiais por unidade de produto não zero-carbono, e, então, o descarte dos produtos.**

Depois, reutilização e reparos e, por último, a recuperação energética através da incineração, o que não é mais circularidade. Todas essas coisas juntas bastam a meta de 26%.

**Empresas fazem "marketing verde" com a economia circular? Ou não é economia circular? Como distinguir?** Há graus de circularidade. Alguns negócios são mais avançados que outros. Alguns são mais avançados que outros. Alguns são mais avançados que outros.

Depois, reutilização e reparos e, por último, a recuperação energética através da incineração, o que não é mais circularidade. Todas essas coisas juntas bastam a meta de 26%.

de identificação, inclusive do representante legal, quando o interessado não for pessoa física, e o conteúdo em que se encontra. O representante ou tutor para a assinatura do documento deve ser pessoa física, residente no Brasil, com capacidade legal para assumir a responsabilidade pelo exercício do direito de preferência para exercer a aquisição, por escrito, o pagamento, por meio de depósito em nome de terceiros.



## mercado imobiliário

Torres do Grand Reserva Paulista, empreendimento da MRV em Pirituba (zona norte de SP) Divulgação/PR

# Fora do 'centrão', Pirituba vira a queridinha das construtoras

## Distrito lidera lançamentos entre bairros periféricos de SP, aponta pesquisa

Ana Luiza Tieghi

SÃO PAULO Com quase 7.300 unidades, o empreendimento Grand Reserva Paulista, lançado em 2011 pela MRV, é o maior projeto do grupo no país, mas por pouco tempo. Segundo Sandro Perin, gestor executivo da oportunidade na regional São Paulo, um novo empreendimento ainda maior será lançado em breve pela empresa. Em contrapartida, o Grand Reserva e o novo projeto têm o distrito Pirituba, na zona norte de São Paulo. Segundo levantamento feito pela plataforma de inteligência de mercado Urbip, Pirituba foi o distrito periférico que registrou o maior número de unidades residenciais lançadas nos últimos três anos, com 1.311.

Periférico, nesse caso, se refere a classificação geográfica das regiões fora do centrão espaldado de capital, pouso, a mesma utilizada, por exemplo, pelo CETV para estabelecer o rodízio de veículos.

Ela é seguida por Cidade Ademar (1.118), na zona sul, e José Bonifácio (1.100), na leste.

Apesar de não ser parte do centro expandido, limitado pela Marginal Tietê, Pirituba fica em sua margem, o que a torna atrativa ao mercado. "Você se desloca rápido para o centro e tem tudo perto de shopping, facilidade, redes de supermercado", afirma Perin, que cita também a Linha Laranja do metrô, prevista para 2015.

Os incorporadores imobiliários, especialmente do segmento econômico, têm em vista com cada vez mais interesse para bairros distantes do centrão da cidade. E entre estes os terrenos com preços mais baixos, o que ajuda a viabilizar empreendimentos nas faixas do programa Casa Verde e Amarela, explica Daniela Perin, diretora executiva da habitação econômica do Secovi-SP (Sindicato da Habitação).

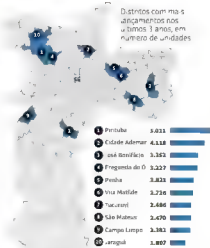
Em São Paulo, o programa limita o valor dos imóveis a R\$ 164 mil e as famílias com rendas devem ter renda mensal de até R\$ 2.000.

Porém, não basta ter espaço e ser barato, é preciso ter infraestrutura que acomode o adensamento da população. "O importante é que os lançamentos aconteçam junto com essas melhorias, o consumidor econômico precisa de acessibilidade de transporte e serviços", defende Perin.

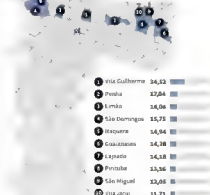
Não há limite um dos destaques do levantamento é a Penha. A incorporadora Cu-

ry, também especializada no segmento econômico, tem empreendimentos na região. Leonardo Mesquita, vice-presidente comercial da empresa, afirma que a presença do metrô, com a Linha Vermelha, é um atrativo do bairro, mas ressalta que a classificação do distrito como periférico é uma questão de escala.

### Crescimento imobiliário em bairros periféricos de São Paulo



Distritos com maior percentagem de área disponível para novos empreendimentos



\* levantamento feito de 2009 a 2011, com base em dados de lançamentos imobiliários disponíveis no mercado

# Ainda minoria, mulheres tentam ampliar presença no segmento imobiliário

SÃO PAULO Dois grupos de mulheres do setor de construção comandam iniciativas para mudar a dominância masculina entre as lideranças do segmento.

Fundada em 2009 pela arquiteta Eliza Tawil, autora do livro "Proprietárias: a ascensão da liderança feminina no setor imobiliário" (Maspuriana Editorial, 99 páginas, R\$ 37,90), as Mulheres no Imobiliário reúne cerca de 700 profissionais.

A pesquisa debate sua participação no mercado e ajuda outras mulheres a ingressarem no setor, com capacitação gratuita para aquelas que perderam o emprego durante a paralisação e deslendam-se com contadores de mercado.

Uma pesquisa realizada pelo grupo em janeiro de 2011, em parceria com a Datafolha, constatou que 66% das profissionais do mercado imobiliário já passaram por situações no trabalho em que se sentiram ofendidas ou constrangidas.

Ano todo, 40% das 800 mulheres ouvidas relataram episódios de assédio sexual, 25% de assédio moral e 24% de machismo.

A pesquisa também mostrou que, entre as profissionais que são mães, 44% relataram dificuldades para retornar ao trabalho após a licença-maternidade.

"São ambientes que foram historicamente preenchidos por homens", diz Tawil, que ressalta a prevalência de profissões de vendas de serviços de engenharia, economia e direito no setor imobiliário.

O GRI (Live Jo) merca do imobiliário que reúne os principais executivos de empresas do setor, também percebeu que tinha pouca representatividade feminina e decidiu agir. No ano passado, foi criado o GRI Women no Brasil (Comitê BR das Mulheres de Real Estate).

"Em 2010, tínhamos no máximo 30 mulheres em um evento com 400 pessoas, por muito tempo fui uma das poucas mulheres nas reuniões", afirma Patrícia Pinheiro, diretora do GRI e responsável pelo comitê.

O grupo, que hoje reúne 50 executivas, visa aproximar essas mulheres e fomentar novas negócios entre elas. "O nosso ponto principal é que se conectem e que possam dar holofore a elas", explica Tawil.

Também focou em aumentar o número de mulheres inscricas no clube, mesmo que ainda não façam parte do comitê. Se em 2010 eram 30, no final de 2011 já havia 100 cadastradas.

Na outra ponta do mercado, as imobiliárias, a presença feminina já é maior. A plataforma de comercialização de imóveis Urbania, por exemplo, possui 47% do time de vendas formado por mulheres, e elas têm apresentado performance melhor do que a de seus colegas homens em quatro dos últimos seis meses, o profissional que mais vende, era uma mulher.

"Isso mostra a capacidade das mulheres de se conectar e mais facilmente com as pessoas, conseguem transmitir empatia com o cliente, o que faz com que tenham resultados expressivos no nosso mercado", avalia Amanda Lins, diretora de pessoas da Urbania.

Renée Silveira é uma das poucas mulheres a ter se incorporado. Desde o início de 2011, ela é diretora de incorporação da Planck & Planck, uma das maiores do segmento econômico no país. Há 15 anos na empresa, ela lembra que quando chegou havia apenas duas mu-

lheres em cargos de gerência, atualmente são 10, contra 14 homens - e parece impossível ter uma mulher na função que ocupa.

Quando assumiu o cargo de diretora, várias mulheres que trabalhavam na empresa não no segmento imobiliário para elogiar, vendo o quanto isso era representativo principalmente para as estagiárias, diz.

Silveira analisa que, em poucas gerações, as mulheres já avançaram muito em seus direitos, mas ainda no mercado de trabalho, mas que ainda precisam se provar mais do que seus colegas para atingir os mesmos cargos e reconhecimento.

Outra questão evidente é a maternidade, conta Silveira. Decidiu deixar os 17 anos a não ter filhos, e diz que sua escolha era receber com alívio em entrevistas de emprego.

"Existiu sempre essa preocupação do quanto uma mulher se dedicava para estar em cargo de chefia", diz.

Ela acredita, no entanto, que há hoje uma maior disposição das empresas em promover um equilíbrio entre vida pessoal e profissional e encara a maternidade de forma mais humanizada, o que pode ajudar mais mulheres a chegarem a posições de liderança.

Tawil lembra que iniciou o primeiro evento do Mulheres no Imobiliário já pensando no fim da carreira. "Abri o escritório pensando em algumas coisas: o movimento não precisasse existir, que fosse algo natural", afirma.

No último dia 17, a fintech de crédito imobiliário do Credit All lançou uma linha específica para o público feminino, a Creditall Mulher. O projeto foi feito em parceria com Tawil, e as empresas vão dar suporte às mulheres para iniciarem a carreira e combater a violência doméstica.

A linha terá suporte jurídico e financeiro gratuito para as mulheres, e, de acordo com a fintech, contará com taxas abaixo de 8% ao mês.

Segundo Paulo Carrete, fundador da Creditall, a empresa está construindo um sistema de algoritmos para combater o que ela acredita ser um viés negativo na pontuação para as mulheres no mercado de crédito. Os pontos serão o fim de suas vidas e não ganham mais os dois homens.

Os bancos não fazem diferença, mas a gente percebe que quando uma mulher compra sozinho, acaba tendo dificuldades para aprovar (o crédito) ou aprova com juros mais altos em relação a um homem que compra sozinho", diz.

Em novembro, a startup chilena Credit também criou uma linha de crédito imobiliário para mulheres, Informais e Jovens no Brasil. Na época, o presidente executivo do produto, Ignatius Almeida, afirmou que as mulheres enfrentam mais dificuldades para acessar o financiamento por não conseguirem estabilidade no trabalho. All



A diretora de incorporação da Planck & Planck, Renée Silveira, no escritório, em São Paulo. Divulgação

mercado imobiliário

# Ruas mais caras de SP são lhas de imóveis residenciais

Apartamentos com metro quadrado acima de R\$ 18 mil ficam em vias sem lojas, valorizadas pela tranquilidade

**SÃO PAULO** Seda das dez ruas de prédios que possuem o metro quadrado mais caro da cidade de São Paulo têm mais de 90% de apartamentos e menos de 10% de lojas e escritórios, segundo análise feita pelo Lofit Analytics, núcleo da plataforma imobiliária que dissemina análises sobre o mercado, aponta que, quanto maior o preço do metro quadrado de uma rua, maior a chance de ela ser quase que exclusivamente residencial, sem comércio e serviços.

A via mais valorizada do levantamento é a Berdô, no Jardim Europa, zona oeste da capital paulista, que apresenta uma média de R\$ 35,098 por metro quadrado em transações imobiliárias. Por lá, há apenas um imóvel, registrado como comercial, um spa exclusivo para moradores de um dos prédios.

Outras fatores influenciam no valor do imóvel, e um deles é o quão uniforme é uma rua. O domínio de apartamentos na via é muito importante, especificamente nas ruas mais valorizadas, afirma Fábio Takahashi, gerente de dados da área de gerenciamento da Lofit.

Dentro da amostra utilizada, a 896 ruas que tiveram no mínimo cinco transações imobiliárias com apartamentos entre janeiro de 2018 e fevereiro deste ano — a plataforma também previu, a função das imóveis nas vias com o metro quadrado mais baixo.

A rua com o metro quadrado mais barato da amostra foi a Salvador Costa, na Vila Romana, também na zona oeste, onde 55,6% dos imóveis são residenciais.

Marco Tulio, diretor executivo da Equinova Imóveis, imobiliária especializada em alto padrão, aponta que a mes-

ma dinâmica dessas ruas mais valorizadas é observada na parte verticalizada dos Jardins, ruas próximas à av. Paulista, que são quase exclusivamente residenciais em sua maior parte, mas com lojas e comércio comercial, como Oscar Freire, Pamplona e Augusta.

Por isso que o cliente de alto padrão prefere uma via de uso residencial, ter proximidade com ruas de lojas, restaurantes, mercados e serviços, além de estar perto de polos empresariais, é essencial, segundo Tulio.

“É igual feira de rua, é algo ótimo para pessoas de qual padrão, mas não na porta da sua casa”, afirma.

Para ele, a principal vantagem das ruas mais residenciais é a tranquilidade. “O alto padrão quer uma rua bonita, agradável, arborizada, tranquila e uma via de muito comércio e fluxo de pessoas de alto padrão”, diz.

A região no entorno do Parque do Povo, próxima à avenida Faria Lima, onde estão várias das ruas mais valorizadas da capital, viu seu perfil mudar há cerca de 20 anos com a chegada de grandes empreendimentos residenciais.

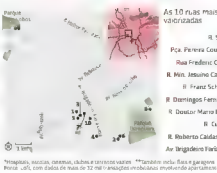
“A rua Berdô já foi dividida com restaurantes, e eu frequento baladas na Rua Schubert. As incorporadoras compraram tudo e começaram a transformar no que é hoje, porque a Faria Lima substituiu a Paulista como o principal centro financeiro de São Paulo”, afirma.

Uma situação diferente de outros bairros de alto padrão porque que estrategicamente residências da cidade, mas os Jardins, a América, Europa e Guadalupe e o Alto de Pinheiros. Nelas, as regras de zoneamento



Prédios residenciais no cruzamento das ruas Frederic Chopin e Franz Schubert, na zona oeste de SP

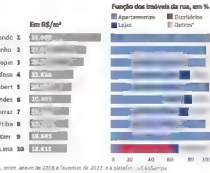
## Como se dividem as ruas mais caras de São Paulo



Fonte: Lofit, com dados de mais de 32 mil transações imobiliárias envolvendo apartamentos, entre janeiro de 2018 e fevereiro de 2022

**O alto padrão quer uma rua bonita, agradável, arborizada, tranquila, e uma via de muito comércio e fluxo de pessoas de alto padrão**

Marco Tulio, diretor executivo da Equinova Imóveis



tornando essas comunidades mais homogêneas.

Para Chieroni, ruas estritamente residenciais não são a ideia, para a cidade porque, ao transformar bairros, interfere no planejamento urbano, as elites fogem de áreas segregadas, afirma o arquiteto e urbanista Lucas Chieroni.

Ele aponta para a existência de uma relação simétrica entre os bairros de alto padrão formados por apartamentos e por casas: a ampliação construtiva nos bairros de casas, os moradores, que por si só já encarecem imóveis, geram uma vista eterna para os bairros de apartamentos no entorno, sem chance de novos torres bloquearem o horizonte, limitam a valorização da área.

Essa proximidade também atua como um filtro social, tornando essas comunidades mais homogêneas.

Para Chieroni, ruas estritamente residenciais não são a ideia, para a cidade porque, ao transformar bairros, interfere no planejamento urbano, as elites fogem de áreas segregadas, afirma o arquiteto e urbanista Lucas Chieroni.

Para Chieroni, ruas estritamente residenciais não são a ideia, para a cidade porque, ao transformar bairros, interfere no planejamento urbano, as elites fogem de áreas segregadas, afirma o arquiteto e urbanista Lucas Chieroni.

comércio no térreo e de unidades não residenciais, como escritórios e quartos de hotel, em prédios que ficam entre regiões de uso de transporte público de linhas do metrô e corredores de ônibus. Isso pode ter efeito sobre a concentração de residências.

No entanto, o cliente de alto padrão ainda tem reservas quanto a investir e morar em um prédio com lojas e escritórios, afirma Tulio.

Para contornar o problema, o que incorporadoras têm feito é criar duas entradas separadas para um mesmo empreendimento, segregando quem vive nos imóveis maiores de quem frequenta ou trabalha nos comércios, assim como os demais moradores ou hóspedes do prédio.

Ana Luiza Tieghi

# Reinde-lançados, metaversos vendem terrenos a preços altos

**SÃO PAULO** O rapper Snoop Dogg anunciou em dezembro um espaço próprio no metaverso, o Snoopverse, onde haverá shows, festas e uma variedade de outros eventos. Pouco depois, um usuário da plataforma adquiriu um terreno virtual no lado da propriedade por 71 mil dólares, criptomoeda utilizada no mundo virtual, o equivalente a R\$ 2,2 milhões.

Esses são dois exemplos de como o novo mundo digital paralelo invadiu o mercado imobiliário. Empresas investidoras estão comprando terrenos nas principais plataformas de metaverso como Decentraland, The Sandbox (parte de Snoop Dogg), CryptoWorld e Somnium Space.

O negócio é feito por meio de NFTs (tokens não fungíveis), que é o direito de propriedade sobre um ativo virtual. A oferta de metaversos com o mercado imobiliário do mundo real, para especialistas, está na especulação. Como as plataformas estão em seus estágios iniciais, quem compra um espaço por lá hoje espera que o terreno virará, se valorize para revenda, ou, ainda, lá.

“Você não precisa dele para dormir, mas pode receber gente, alugar seu espaço para eventos”, afirma Bruno Hora, cofundador da InvestSmart,

em entrevista durante do seu escaratório no metaverso do Facebook.

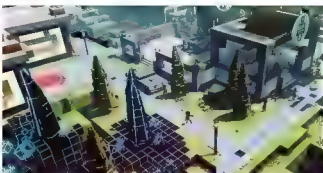
Se um artista ou marca com pra um terreno, também é possível que gere valorização na área, como no caso do rapper americano. Os preços, porém, não são para iniciantes.

“Se você for comprar, o preço do terreno no Sandbox é o equivalente a R\$ 2,2 milhões de Nova York, um absurdo”, diz Hora.

“Se não fosse tão caro, eu compraria um terreno lá, mesmo que fosse um dia”.

Além da especulação, os valores sofrem influência também da cotação da criptomoeda usada em cada plataforma.

Para Hora, por enquanto, a compra de terrenos e imóveis nos metaversos faz sentido para empresas e artistas que ganham projeção ao anunciarem a aquisição, podem lucrar com a exposição de suas marcas e garantir um espaço físico para plataformas realmente se popularizem no futuro.



O metaverso do jogo Cryptovoxels, que permite comprar imóveis virtuais

**Você não precisa dele [o imóvel virtual] para dormir, mas pode receber gente, alugar seu espaço para eventos**

Bruno Hora, cofundador da InvestSmart

tuais, faz sentido poderem construir seus avatares e casas virtuais”, afirma Fábio Araújo, sócio-diretor da consultoria imobiliária Brat.

Fábio Tavares, fundador da Welcome Tomorrow, que promove eventos sobre tecnologia e inovação, afirma que o metaverso só se tornará realmente popular quando for criado um aparelho para acessá-lo de forma simples e com preço mais acessível.

“Quando esse hardware sair e for democrático, talvez possamos ter essas coisas que to-

do mundo aponta, de usar o metaverso para reuniões, em contras pontos, porque hoje ainda é mais fácil fazer uma chamada de vídeo”.

Até lá, a experiência mensal via essas plataformas é proporcionada por aparelhos como Oculus, do Facebook. O item, uma espécie de óculos de realidade virtual, não é comercializado pela empresa no Brasil, mas pode ser encontrado na internet por R\$ 4,5 mil.

O mercado imobiliário do metaverso não deve tomar o segmento físico.

dizem os especialistas.

Para Flávio Tavares, a compra e a venda de terrenos no metaverso é um tipo específico de investimento que gosta de fazer riscos, e que já aponta nas criptomoedas, necessárias para as transações virtuais.

“Como investiste nos ativos físicos e mais conservadora, quer lucrar”, afirma.

Se os construtores, o espaço virtual pode ser uma nova forma de marketing. Araújo, do Brat, imagina uma versão digital dos imóveis em empreendimentos, cujas unidades podem ser alugadas para que usuários passem um final de semana no imóvel digital.

Se os planos de Mark Zuckerberg se concretizarem, o metaverso se tornará tão cotidiano quanto o Instagram e o Facebook, os imóveis virtuais devem ganhar outra nomenclatura com aqueles do mundo real, mas empostos.

Outro especialista em direito tributário Fernando Zilvero explica que a compra e a venda de terrenos no metaverso é uma operação de compra e venda de bens e direitos do Imposto de Renda. Eles são incorporados como bens móveis por serem intangíveis. “Por enquanto não tem IPTU, conta de luz e condomínio, mas logo inventam”. ALT

# SIM, É AGORA.

SÃO PAULO

## PARA CADA AGORA, UM TEGRA.

A Tegra apresenta: Sim, é agora, São Paulo. A oportunidade do ano para fechar negócio e dizer sim aos seus planos.



Obras em fase final

### TEG Sacomã - Visite decorado na torre

Rua MAÍVINA FURTADO  
Samarone, 100 - Sacomã  
(frente ao Hipermercado Extra)

1, 2 e 3 dorm.  
com suíte, vaga  
e terraço

Conheça também nossas outras opções de aptos. de 1 a 4 dormitórios

Studios e salas comerciais nos melhores bairros de SP.

QR Code

(11) 3197-2990  
tegraincorporadora.com.br

Imobiliária e Construtora

**TEGRA**  
INCORPORADORA

TEGRA INCORPORADORA S.A. é uma empresa de capital aberto, inscrita no CNPJ nº 06.940.888/0001-00, com sede na Rua da Consolação, nº 1.111, 11º andar, São Paulo, SP. A Tegra atua no mercado imobiliário e de construção civil, oferecendo soluções para o desenvolvimento urbano e a melhoria da qualidade de vida. A Tegra é uma empresa de capital aberto, inscrita no CNPJ nº 06.940.888/0001-00, com sede na Rua da Consolação, nº 1.111, 11º andar, São Paulo, SP. A Tegra atua no mercado imobiliário e de construção civil, oferecendo soluções para o desenvolvimento urbano e a melhoria da qualidade de vida. A Tegra é uma empresa de capital aberto, inscrita no CNPJ nº 06.940.888/0001-00, com sede na Rua da Consolação, nº 1.111, 11º andar, São Paulo, SP. A Tegra atua no mercado imobiliário e de construção civil, oferecendo soluções para o desenvolvimento urbano e a melhoria da qualidade de vida.

BREVE LANÇAMENTO

CASA.  
JARDINS jaú

3 SUITES

STUDIOS+

ALAMEDA JAÚ, 477 | JARDINS

AGENDE SUA VISITA E CONHEÇA O DECORADO

you, inc.



011 3413 4481

Incorporação, administração, reserção  
e futura intermediação.

you, inc.



you, inc. Imobiliária Ltda., Av. Pres. Juscelino Kubitschek, 360 - 2º andar - São Paulo - SP - CEP 04543-000 - Tel. (11) 3199 7000 - INSCRIÇÃO IMOBILIÁRIA REGISTRADA SOB O Nº 12.00 da matrícula nº 201/201, do 6º Oficial de Registro de Imóveis de São Paulo, no dia 14/02/2021. \*As imagens contidas neste material são meramente ilustrativas, podendo sofrer alterações. A vegetação e o paisagismo retratados são meramente ilustrativos e apresentam porte adulto de referência. Na entrega do empreendimento, essa vegetação poderá apresentar diferenças de tamanho e porte.





Governador João Doria (PSDB), de preto, durante inauguração da fábrica Butantan. Foto: R. H. / Agência

## Butantan está emperrada em testes um ano após anúncio

Com dez milhões de doses paradas, Butantan avalia imunizante como reforço

Ana Bottolino

**SÃO PAULO** Um ano após o anúncio da vacina "100% brasileira" produzida pelo Butantan contra a Covid, a Butantan encontrou obstáculos nos testes iniciais em humanos e está com cerca de dez milhões de doses paradas no Instituto.

Segundo o diretor do Butantan, Dumas Covas, o ensaio clínico da vacina teve que ser remodelado devido ao avanço da vacinação contra o coronavírus no Brasil. Agora o imunizante é avaliado como um reforço, ou seja, para estimular novamente a resposta imune contra a Covid em indivíduos já vacinados.

Tal percepção não era esperada pelo governo paulista,

que encomendou a produção de dez milhões de doses já em abril de 2020. Agora o estoque corre o risco de ter o prazo de validade expirado.

Procurado o Butantan não respondeu até quando o produto vai entrar. Fontes ouvidas pela reportagem contam que normalmente é de um ano o período para esse tipo de imunobiológico. A Folha, a Anvisa disse que, se os estudos vierem a vencer, terão de ser descartadas.

No dia 16 de março de 2022, o governador de São Paulo, João Doria (PSDB), apresentou o que seria a primeira vacina "100% brasileira" contra a Covid. O anúncio, porém, não dizia que a vacina tinha sido, na realidade, desenvolvida por pesquisadores da Escola de

Medicina Ibmh do Hospital Monte Sinai, em Nova York, com data revelada pela Folha. O Mount Sinai disse ser o detentor da tecnologia e responsável pelos testes pré-clínicos em animais. A instituição afirmou que testava o imunizante em forma de coadjuvante com diversos países de renda média e baixa com capacidade de produção em larga escala, incluindo o Brasil.

Diferentemente de outros imunizantes, a Butantan utilizou como vetor o vírus da gripe de Newcastle, que age normalmente aves. A produção é feita em ovos embrionados, o que traz vantagens, uma vez que ela se baseia em uma tecnologia já dominada pela fabricação da vacina da gripe, mais barata, e

que não depende de IFA (injeção de fármaco ativo) imortalizado.

No mesmo dia, o Butantan enviou a Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) um pedido para iniciar os testes em humanos. Horas depois de outra candidatura a vacina, a Moderna, com apoio do governo federal, foi feita a mesma solicitação.

Após a revelação da procedência do imunizante pela Folha, Doria disse que havia notado o reconhecimento da origem americana da vacina, mas garantiu que ela estaria disponível para os brasileiros no final de 2022, mas em que, na realidade, só conseguiu começar a ser testada.

A Anvisa autorizou o ensaio clínico da Butantan no dia 9 de junho e, um mês depois, tiveram início os primeiros testes em voluntários brasileiros.

No plano inicial de estudo, o Butantan esperava avaliar a segurança e imunogenicidade (de capacidade de gerar resposta imune) da Butantan em comparação com outras vacinas já em uso, como a própria Coronavac, produzida no mesmo Instituto.

Com o atraso para o início dos ensaios clínicos, no entanto, o avanço da vacinação da população brasileira, especificamente no estado de São Paulo, tornou mais difícil àquela altura encontrar voluntários que não houvessem recebido ainda nenhuma vacina, para compor o grupo controle dos estudos.

O Instituto ampliou então os centros de teste, incluindo participantes de outros estados, como Minas Gerais, mas mesmo assim teve dificuldade de encontrar os cerca de 400 voluntários iniciais.

Após nove meses desde a autorização dos testes, os primeiros dados divulgados da Butantan foram de um ensaio de fase II feito no Tailândia. Os resultados apontaram que a vacina se mostrou segura e produziu resposta imune de natureza semelhante à da Pfizer.

Segundo Covas, os testes da fase III no Brasil, com 200 voluntários, foram concluídos com "resultados satisfatórios" no final de janeiro. Seus resultados, porém, ainda não foram oficialmente divulgados.

De acordo com a Anvisa, o Instituto solicitou, em 5 de novembro, uma extensão do pedido de teste, adequando as fases do estudo e tratando o teste de placebo como um dado um produto sem efeito por um com indivíduos imunizados com a Coronavac.

A agência disse que não foi

ram apresentados resultados desse estudo ou avaliações de suas fases da pesquisa até sexta-feira (24).

No início da tarde desta sexta, em uma entrevista para jornalistas na nova fábrica de vacinas do Butantan, o CMFV (Centro Multiproto para a Produção de Vacinas), Covas disse que, por se tratar de um consórcio internacional, os estudos com a Butantan em outros países podem formar a base para a aprovação da vacina no Brasil.

"O conjunto final desses estudos vai permitir que essa vacina seja utilizada em termos mundiais. E uma vacina com grande esperança para os países participantes e a própria OMS [Organização Mundial da Saúde], que já mencionou que essa seria uma excelente opção para o reforço", afirmou Covas.

Em nota o Butantan disse também que o desenvolvimento da Butantan caminha para a fase 2, com previsão de conclusão ainda em 2022.

"A fase I foi encerrada e os dados ainda estão em análise, mas os resultados preliminares são positivos. (...) Há o potencial de produzir aproximadamente dez milhões de doses, dependendo dos dados finais da fase I", afirmou.

No Brasil, apesar dos avanços nos últimos anos em pesquisa farmacêutica e imunológica, só cerca de uma em cada dez vacinas produzidas consegue atravessar o chamado "vale da morte".

A expressão é empregada quando a pesquisa pré-clínica gera resultados satisfatórios, mas a instituição de pesquisa ou o desenvolvedor não tem condições de avançar nos testes que envolvem centenas de milhares de pessoas.

Assim como ocorreu em diversos países do mundo durante a pandemia, é comum que a tecnologia ou a plataforma para uma nova vacina, dada a vacina seja elaborada em um Instituto de pesquisa ou universidade mas, para chegar aos resultados necessários, necessite do interesse de uma grande farmácia ou de uma empresa farmacêutica. Esse foi o caso, por exemplo, da vacina de Oxford em parceria com a AstraZeneca (do Brasil, produzida na Fiocruz).

Para diminuir a quantidade de projetos que caem no "vale da morte", especialistas defendem que haja uma autonomia dos países, especialmente de baixa e média renda, para a produção dos fármacos necessários.

## Pela 1ª vez, UTIs Covid de todo o país estão fora da zona de alerta

Cláudia Colucci

**SÃO PAULO** Pela primeira vez na pandemia, o mapa de UTIs, está totalmente verde em relação às taxas de ocupação de leitos de UTI Covid para adultos nos SUS. É o que mostra o boletim do Observatório Covid-19 Fiocruz, divulgado nesta sexta (25), que fez monitoramento da crise sanitária desde julho de 2020.

O mapa verde significa que todas as UTIs em atividade de todos os estados brasileiros e do Distrito Federal, estão com taxas de ocupação inferiores a 60% e fora da zona de alerta para esse indicador. O boletim divulgado nesta sexta se refere ao período de 6 a 19 de março.

"É um alívio. Saímos da zona de alerta de UTIs vermelha, onde as UTIs estavam presionadas, com falta de leitos, com equipes sobrecarregadas. Está todo mundo com os dedos cruzados para que isso se mantenha", afirma o médico intensivista Edson Maciel, coordenador do UTIs Brasileiros, projeto que monitora a vida sobre terapias intensivas. Segundo ele, as equipes de terapia intensiva observam uma volta à rotina, agora com leitos ocupados mais por pa-

cientes cirúrgicos. "Mas não estão recuperadas dessas duas ondas ininterruptas. Tem muita gente ainda com sequelas, o impacto foi muito grande".

O cenário de otimismo nas UTIs é atribuído ao avanço da vacinação. Os dados da Fiocruz mostram que 84% da população brasileira já tomou a primeira dose, 74% está com a vacinação completa e 34% foi vacinada com a dose de reforço. "O agravamento das quadras hoje é observado em não vacinados ou em pessoas com imunossupressão ou imunoessência [envelhecimento natural do sistema imunológico pela idade]", diz a epidemiologista Ethel Maciel, professora da Universidade Federal do Espírito Santo.

Os pesquisadores do observatório da Fiocruz alertam que o momento ainda exige atenção nas ações de vigilância em saúde e cuidados. "É importante destacar que essa queda encontra-se acompanhada de taxas ainda significativas de [Síndrome Respiratória Aguda Grave] SRAG e incidência de mortalidade por Covid-19", dizem.

As análises sobre internações e óbitos por SRAG e Covid-19 destacam que os grupos

**País sai da zona de alerta para taxa de ocupação de UTI Covid-19**

Taxa de ocupação de leitos de UTI, em %

Fora da zona de alerta



**Taxa de ocupação de leitos de UTI acima de 60% em 23 de março**

de todos os estados e do Distrito Federal está fora da zona de alerta

País tem

82% da população com a primeira dose da vacina

74% com o esquema de vacinação completo

34% com a dose de reforço

1%

e a taxa de letalidade por Covid-19 em 2021 oscilou entre 2% e 3%

Foto: Butantan/Estadão e J. S. / Agência

extremos da pirâmide etária são afetados: os idosos que têm a maior chance de sofrer com as complicações e as crianças de 3 a 9 anos, em razão da baixa adesão dos seus responsáveis à vacinação.

Segundo os pesquisadores, o controle da pandemia não deve se concentrar apenas na vacinação mas em uma série de providências e recomendações, como a manutenção de medidas de distanciamento. Maciel lembra que, como não há uma vacinação de forma igualitária no mundo, isso pode propiciar surgimento de novas variantes. "Estamos vendo um crescimento da B.1.2.1.1 em países da Europa e nos Estados Unidos e aqui no Brasil, também".

Dados divulgados na quinta (24) pelo Instituto Todos pela Saúde mostram uma alta na proporção de casos entre os idosos: de 3,8% para 27,4% das amostras positivas. Para os menores de 18 anos, os laboratórios DB Movier e Dana entre 5 e dezembro de 2020 e 9 de março deste ano. O boletim epidemiológico da Fiocruz também destacou o perfil dos pacientes internados em UTI para tratamento de Covid-19 ativa. Os sinais e

sinomas mais prevalentes foram dispnéia (71%), tosse, náusea e vômito (68%), febre e desconforto respiratório (66%).

Os dados das duas últimas semanas epidemiológicas (de 6 a 19 de março) confirmam a manutenção da estabilidade da queda de indicadores de letalidade e mortalidade por Covid-19, porém, em menor velocidade. Para os pesquisadores, essa redução pode apontar para um período de estabilidade da transmissão nas próximas semanas, com taxas ainda altas de incidência e mortalidade.

Fora registrada uma média de letalidade de 0,1%, um decréscimo de 34% em relação às duas semanas anteriores (20 de fevereiro a 5 de março). Também se observa a redução do número de óbitos por Covid-19 no período, com uma média diária de 76 óbitos, cerca de 33% abaixo dos valores das duas semanas anteriores. Para os especialistas, o plano de mudança da Covid-19 de pandemia para endemia em volantes um conjunto de indicadores, sendo um deles o de letalidade. O boletim epidemiológico Mundial da Saúde deve ser a principal referência para essa definição.









---



# Instagram Festa na Firma tira sarro da vida corporativa com piadas à la The Office

Yvan Pinotti

**SÃO PAULO** Enquanto a maioria das pessoas seilha com a fama nas redes sociais, os criadores do perfil Festa da Firma, no Instagram, fogem da exposição como o jibo da cruz. A razão para esse anonimato é a natureza das postagens: gozações com a vida corporativa.

Um post recente curtido por mais de 50 mil pessoas, pergunta: "Por que te copiam nas e-mails?" As respostas são apresentadas em um gráfico estilo pizza, típico do Excel, e variam com grandes frases: "tre", "você é meu... chefe e quero mostrar que estou trabalhando", "prate culpar por algo que fiz" "pra te culpar por algo ve

fer", "uma demonstração de poder" e "pra provar, no futuro, que você estava certo".

Aquela que seria a resposta "certa", ou seja, desejável em uma corporação, é a que representa uma parte ínfima do gráfico: "perce, que se ria tãl". Seria que os quatro amigos que mantêm a operação do perfil trabalham todos em corporações a melhor saída foi fazer isso em segredo.

"Não sei como eles viraram o fato de que o cara que tira sarro do trabalho deles tira sarro para eles. Por isso, decidimos nunca aparecer", diz o criador da Festa da Firma, que bate cartão como engenheiro em uma multinacional de São Paulo.

Quanto ao assunto para os

posts, isso vem da experiência pessoal do fundador. "Na minha profissão, acabo atendendo e tendo muito contato com outras multinacionais, bancos, agências de marketing, empresas de tecnologia etc. Em todos esses encontros, as dores das funcionários são as mesmas. É prazo urgente, cliente sem paciência, cobrança do chefe, metas a serem atingidas etc", conta ele.

Uma fonte de inspiração, é claro, é a versão norte-americana do seriado norte-americano "The Office" (2005-2013, na Amazon Prime e na HBO Max), que revelou para o grande público o comediante Steve Carell como o chefe de um escritório que, metendo os pés pelas mãos, praticamente

trabalha contra seus comandados. É o rosto dele, na pele do personagem Michael Scott, que ilustra a foto de perfil da Festa da Firma.

Outras piadas que caíram no gosto do público são a almost trolly e o log off. A primeira, publicada sempre às quintas, traz fotos e vídeos do pessoal se divertindo e se preparando para o fim de semana. Já o log off, que acontece toda sexta, é o ato de desligar o seu computador ao fim da jornada semanal.

Captozando essa angústia universal, que é idêntica em escritórios no Brasil, nos EUA, na Inglaterra e em todo o mundo, a Festa da Firma conseguiu chegar a 665 mil seguidores no Instagram, além de

operações mais recentes e milhares no Twitter e no TikTok.

Para bolar uma média de dois posts por dia, o banda desce acabei fazendo uma jornada dupla. Mas não está sozinho. A página teve uma primeira encarnação em 2017, em que apenas ele trabalhava, e foi logo fechada. Em 2019, três amigos de infância — um advogado, um CEO de start-up, e outro engenheiro civil — se uniram a ele e perfiz renascer.

Destes vier, para o sucesso. Comercialmente, o Festa da Firma deslanchou em 2021, quando a maioria dos escritórios fechou e as pessoas passaram a trabalhar em home office — de quebra, abrindo o leque para um assunto tão relevante: novo para piadas.

Algumas firmas passaram a procurar o perfil para divulgar seus produtos pagando por publicações, caso da Cultura Inglesa em São Paulo. Gigantes da indústria estão pagan

do para anunciar ali vagas em seus escritórios, inclusive de estágio e trainees, como foi o caso da Ambev. Todos esses anúncios são tratados pelo equipe e seguem o mesmo espírito anárquico dos posts normais do Festa da Firma.

Além disso, a equipe do Festa da Firma deu uma master class sobre como aumentar o engajamento e o alcance de suas redes sociais para com profissionais de marketing de uma grande empresa.

O resultado? Espantoso. Segundo o criador do perfil, o Festa da Firma já fatura mensalmente mais de uma média de milhões de reais em vendas. Parece que o plano B deu certo, então?

"Ainda não dá para pensar em largar o emprego normal", diz o fundador. "Estamos sujeitos a mudanças de algoritmos, migração de plataformas, nunca se sabe o que vai acontecer nesse meio digital".



**SEMÁFORO VERMELHO**

Caranguejos atravessam da floresta em direção a estrada em direção ao mar, onde vão procriar, em Playa Larga, Cuba. *Arquivo/Panorama*

## COZINHA BRUTA | Marcos Nogueira

folha.com/contrabasta

### O bolo afrodescendente

Nega maluca e o nome tradicional de um bolo de chocolate muito do ordinário no sentido de comum, já se viu antes em explicar, por a pura da dia é a interpretação das palavras.

A massa leve farinha e chocolate (evidentemente), mais leite, óleo, açúcar e fermento químico. A calda é algo como um brigadeiro mais raro.

Uma padaria de São Paulo, após circular do sindicato patronal que desconsiderava o uso de termos ofensivos, de culpas rebaixar o bolo. A nega maluca virou bolo afrodescendente.

O padaria paulistana operou a facanha de desagradar todo mundo.

"Achavam que a gente que ria polemar", declarou Nani César Pimenta à cultura de Monica Bergamo. Como não achar?

O nome "bolo afrodescendente" rodou a em escan. Ainda mais com as letras "N.M." no lado na etiqueta que naturalmente não re

metem a "Nogueira, Marcos". Na tricheira das racônias, Pimenta pagou de firma. No que celebrou a sua raça dos esguerdos e os identitários.

Sergio Camargo, sempre ele a saborear as causas de sua gente, ri, ri, ri.

Também estão na mira da patrilha policêmica eze corveta a massa mole, lisa e de nega e língua de sogra. Quem ri malhar bulões.

Salvo engano terrível, nenhum dos três artigos citados é bolo. Língua de sogra sequer é alimento — talvez tenha pensado no olho de sogra, beijo de leite cor-de-seda com amêixa seca.

Que seja olho ou língua... a sogra e a maritima mole pare

cem zoeira tonta, embora eu realmente não saiba onde o calo pega para certas pessoas. Mas terá de nega, meia ve-lho???

Ela já soube da existência desde doce e a apagar da memória. Jeseira, nada a ver com vtriale bloqueado ra. Trata-se de um menage, disposto em forma cônica sob uma base redonda de biscoto, e posteriormente coberto com chocolate.

É o doce que a kopenhagen vende há décadas sob o nome Nhã Benta. Alissass...

Sergio Camargo acha belizante que a guerra entenda um menage como o seno de uma mulher preta e se lambuze ao comer, ciscando de rio, diver

são salutar do homem branco mistocan.

Claro que ocorre certo exagero no revisionismo dos nomes das comidas. A imprensa portuguesa deu e roubou porque, no Brasil, o food camurra a punheta de bacalhau e as botatas ao murro.

Por justificativa, incentivo à violência e ao sexo solitário. O brenhileiro é um estóico que ridiculariza o português sem compreender a paráfrase do senso de humor lusitano.

A punheta e o murro têm duplo sentido, pois, mas ambas as preguçosas envolvem o uso do pênis. Para amassar a batata e de fiar o bacalhau, sem sacunagem nem violência, sem ofender o punho.

Quanto a tradição de botar nomes racistas em doces, o que custa mudar? Ou custa chamar um bolo de chocolate comunzinho de "bolo de chocolate"? Menos que com chocolate? E não mais vendedor.

Não é razoável segurar pisotando mulheres negras para preservar a tradição dos doces criados na casa grande. Mudar e tácid e anular. É grátis.

ACERVO FOLHA | Há 50 anos 26.mar.1972

## Governo argentino recusa exigência para fim de sequestro de industrial

O clima de tensão na Argentina é grande depois que o governo argentino as exigências do grupo de guerrilha Baigorri Revolucionária do Povo, que sequestrou na terça-feira (21) o industrial Oberdan Sallastro, presidente da Fiat no país.

A diretoria da empresa já acatou pagar o resgate de

US\$ 1 milhão. Contudo, o governo do presidente Alejandro Lanusse se recusa a liberar as pessoas sequestradas para que se am emborçados para a Argélia e também se nega a assistir líderes sindicais que foram detidos em Córdoba. Se as negociações não forem atendidas, os sequestradores ameaçam matar Sallastro.

**FOLHA DE S. PAULO**

TV e rádio não são, porém, o principal meio de comunicação.

**É uma explosão de crescimento**

O governo brasileiro não lado de Banner. CDF de novo em

LEIA MAIS EM

acervo.folha.com.br

PRONTO PARA MORAR • MOEMA

## O LUXO DE VIVER COM O PARQUE IBIRAPUERA AOS SEUS PÉS.



LE JARDIN

R\$ 24.041

M² A PARTIR DE:  
**R\$ 24.041\***

**ALTÍSSIMO PADRÃO, DIFERENCIAIS E LAZER EXCLUSIVO  
COM VISTA LIVRE PARA O PARQUE IBIRAPUERA.**

**163 M<sup>2</sup> PRIVATIVOS**  
**3 SUÍTES OU 4 DORMS. (2 SUÍTES)**  
**3 E 4 VAGAS COM DEPÓSITO**

- 1º pavimento a 8 m de altura do nível da rua
- Hall social exclusivo
- Elevador com sistema de controle de acesso<sup>1</sup>
- Vagas determinadas
- Gerador para atender 100% do prédio<sup>1</sup>
- Caixilhos dos dormitórios com persianas de enrolar com atenuação acústica<sup>1</sup>

1. CONFORME MEMÓRIA DESCRITIVA



**AGENDE SUA VISITA • 3135-5110**  
**AV. INDIANÓPOLIS, 272 - MOEMA**  
**WWW.EZTEC.COM.BR**

Consultoria

Realização e Construção



Cartão de Arrendamento (TITULO) R. Domingos de Moraes, 2197 - Torre Dubai - Sala 14 - Vila Mariana - São Paulo (SP) - Fone: 5096-8308 - Distrito/24 horas: www.eztec.com.br - CREDENCIADO: 1077 -  
Le Jardin: Moema - Incorporadora: EZTEC - CNPJ: 20.828.214/0001-70 - Matrícula de Incorporação registrada pelo: 4º Cartório Oficial de Registro de Imóveis de São Paulo - sob o número 8.2  
da matrícula 220 - E-mail: 191122@eztec.com.br - JARDIM IBIRAPUERA - CEP: 04570-000 - Fone: 4870-850 - Fone: 4870-850 - Construção pronta para pagamento à vista de até 31% - Torre única do empreendimento  
Le Jardin - Jardim - Contato: 3135-5110 - Para mais informações: 3135-5110





# Envolvida

Ao emplacar 'Envolver' no topo das paradas, Anitta coroa longo investimento na carreira internacional e rompe tabu entre brasileiros

A cantora Anitta que, com 'Envolver', chegou ao primeiro lugar na plataforma de streaming Spotify *Marcio Toledo*

**Pedro Martins**

**NÃO PALEIO.** Mãos no chão, bunda empinada e muito rebolado. Foi com esses movimentos que Anitta levou "Envolver" ao topo das músicas mais ouvidas no Spotify mundo afora.

O single, em espanhol, não era novo nem um grande sucesso. Desde que foi lançado, em novembro, não tinha chegado nem ao topo das paradas brasileiras, o que Anitta

tá já havia feito mais de dez vezes. Eis que, uma semana atrás, sua coreografia viralizou no TikTok e passou a ser replicada por estrelas de Gê do Vigor e Ana Maria Braga.

Desde então, Anitta vem quebrando recordes dia após dia. Flávio Verner, coreógrafo de Pablo Vittar, Luísa Sonza e Duda Beat, arrasa um palpite para o sucesso: "Para gravar um TikTok, a pessoa vai ensaiar várias vezes. Gravar

outras tantas, e isso os plays vão se somando. Você ouve a música mais de dez vezes antes de postar a dançinha", diz.

Mas ele adverte que não podemos ser simplistas. Afinal, já faz cinco anos, desde "Parralinh" que Anitta lançou single atrás de single em espanhol, inglês ou nos dois idiomas misturados com o português para chegar onde chegou.

E o que também diz Marcelo Castello Branco, diretor da

União Brasileira dos Compositores, a UBC. Com 30 anos de carreira, ele presidiu a União, em Portugal e na Espanha. Ao se lembrar das ocasiões em que tentou exportar figuras como Sandy & Junior e Ivete Sangalo, o executivo lembra a falta de disponibilidade dos artistas para se dedicar à carreira estrangeira, como principal motivo do fracasso.

E que não basta, argumen-

ta, fazer um show ou outro no exterior. É preciso se mudar do Brasil para virar presença constante em eventos da indústria e criar conexões sólidas com figuras estrangeiras.

Isso é o que Anitta vem fazendo há anos, numa ponte-ada frenética entre Brasil e Estados Unidos, como mostra a série documental da Netflix que acompanha o seu dia a dia.

E, por outro lado, o que artistas como Mache, Teló

e Gustavo Lima não quiseram fazer na década passada, quando "Ai Se Eu Te Pego" e "Balada Boa" estouraram.

Ou ainda, para dar exemplos mais antigos, o que Chitãozinho & Xororó não fizeram depois de emplacar "Guarda-lupe", que abasteceu a trilha sonora de novelas mexicanas no topo da principal parada musical latina, a Hot Latin Singles, da revista Billboard. *continua na pág. C4*

## ilustrada

## MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@folha.com.br

## TEMPO DE ESPERA

O ex-presidente Lula (PT) bloqueou a agenda para encontros com grandes empresários.

**TEMPO 2** Desde que ficou claro que o ex-presidente disputaria as eleições presidenciais e com chance real de vitória, a fila de pedidos para um encontro com ele vem aumentando. Mas, com raras exceções, abortas a empreitada ruidosa de longo prazo. Lá na tem preferido adiar os encontros.

**TEMPO 3** O prêmio tem, por outro lado, privilegiado a agenda com movimentos sociais. Apenas nesta semana, ele visitou um assentamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Paraná, ao lado de João Pedro Stedile, e visitou condomínios do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto com Guilherme Boulos (PSOL).

**TEMPO 4** De acordo com interlocutores do ex-presidente, ele vai, sim, conversar com líderes de negócios no país, em encontros mais amplos do que os que tem feito.

Mas dentro de seu próprio tempo, de seu próprio lugar, sem se submeter à agenda do mercado.

**SABATINA** Segundo ainda ele, Lula tem dito que não se submeterá a uma sabatina sobre a eventual futura escolha de ministros da área econômica, por exemplo. E pretende também questionar os representantes do mercado, além de ser questionado num dia logo de mais duplo.

**TOGOSAREM** O ex-presidente sabe ainda que não pretende apresentar uma nova Carta aos Brasileiros — documento que divulgou quando estava prestes a vencer pela primeira vez a eleição para presidente, em 2002. Nêle, o petista se comprometeu com bandeiras citadas no mercado como o respeito a contratos.

**MEMÓRIA** Lula afirma agora que uma nova carta é totalmente desnecessária, já que governou o país por oito anos com responsabilidade fiscal e nada precisa provar.

**POKTE** O ex-prefeito Fernando Haddad (PT) tem feito gestões junto ao entorno da ex-ministra Mariana Silva para buscar uma reexaminação. Os dois engrataram o governo Lula em seus primeiros anos: ele, na pasta da Educação, e ela, no comando do Meio Ambiente.

**POKTE 3** Mariana rompeu com o PT em 2008, quando deixou o ministério com severas críticas à Lula na questão do meio ambiente. Fundou a Rede e foi candidata a presidente em 2008 e 2010. As duas vezes contra Dilma Rousseff.

O acirramento da campanha eleitoral, levou Mariana a um afastamento ainda mais profundo dos antigos companheiros de partido. Em 2008, porém, ela declarou voto em Haddad contra Jair Bolsonaro.

**POKTE 3** Liderança da Rede converteu com Mariana sobre a possibilidade de ela ser candidata a deputada por São Paulo mas ela ainda não anunciou a sua decisão.

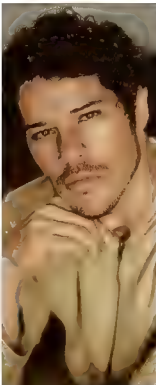


Foto de Mariana Silva/Rede Globo

O ator José Loreto III interpreta Tadeu no remake de "Pantania", que a Globo estreia na segunda (26). Para participar da novela, o artista teve de abandonar outro trabalho para o qual viria se preparando há mais de dois anos. dar vida ao cantor Sidney Magal na cinebiografia "O Meu Sangue Ferve Por Você". Loreto segue como produtor do filme "Eu desisti porque o personagem que eu mais queria fazer agora era o Tadeu mesmo. Não trocava isso por nada", afirma o ator.

**AUDÍO** O show de estreia da primeira turnê de Jalete, que ocorre neste sábado (26), no Rio de Janeiro, vai arrecadar recursos para mulheres refugiadas no Brasil. A apresentação da cantora faz parte do projeto LIVES Solidárias, uma parceria do YouTube Music com o Pacto Global da ONU.

**AUDÍO 2** A performance da artista em palco carônico será gravada e transmitida posteriormente no canal dela no YouTube em data que ainda não foi divulgada. O objetivo é dar visibilidade para uma iniciativa da ONU que busca a Erradicação da Pobreza, que oferece assistência a mulheres apátridas no Brasil.

**AUDÍO 3** A adoção dos recursos será efetuada pela plataforma de vídeos. A expectativa é atender mais de mil famílias recém-chegadas ao país, prestando ajuda com documentação e transporte, além de oferecer alimentos e roupas.

**NB** A série "Do Som à Arte", que mostra a história da Bossa Nova e o legado de João Gilberto, estreia no próximo dia 14 de abril no canal Meus Box Brz. Roberto Menescal, Wanda Sá e João Donato são alguns dos entrevistados para a produção, que tem 13 episódios de 30 minutos cada.

**NERACIA** Sofia Gilberto, neta de João Gilberto, participa da iniciativa. Ela compôs e cantou a música da trilha de abertura da série.

**MEMÓRIA** O Itaú Cultural e a editora Todavia firmaram uma parceria para publicar todos os livros lançados em vida do escritor Machado de Assis. A coleção sairá em 2012. Sendo 26 volumes de poesia, contos e romances — tudo o que o autor escreveu e editou, em ordem cronológica.

**MEMÓRIA 2** O professor de literatura da USP Heitor Guimarães, especialista na obra de Machado, vai editar o livro "Para celebrar o lançamento, o Itaú Cultural planeja realizar no próximo ano uma série de eventos, como exposições, ciclos de filmes e peças baseadas nas obras do autor".

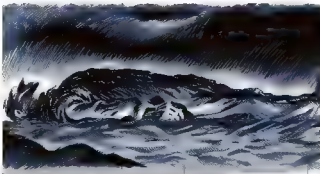


Ilustração de 'Fronteira Híbrida', livro que reúne o trabalho de Luiz Gê com HQs, ópera e música

## PAINEL DAS LETRAS

Walter Porto

walter.porto@folha.com.br

## Companhia das Letras alarma livrarias ao indicar um novo modelo de vendas

Livrarias ligaram o alerta diante de sinalizações da Companhia das Letras, o grupo editorial de maior peso do país, de que pretende recorrer menos ao modelo de consignação, que rege a maior parte das relações comerciais entre livrarias e editores hoje.

A consignação é um acordo no qual as editoras deixam seus livros estocados nas livrarias, grosso modo, emprestados — e recebem só pelos exemplares que foram vendidos, num acordo que costuma ser mensal. Quando bem administrado o modelo favorece as editoras ao assegurar vitrines para seus títulos e as lojas ao garantir um catálogo maior de obras à disposição.

Livros enviados pela loja relatam que a Companhia tem feito abordagem indicando a intenção de deixar aos poucos esse tipo de acordo. Aulas são planejar renegociações gradualmente até 2012, mantendo a consignação restrita aos lançamentos. Livros que se beneficiam mais da exposição nas vitrines e, tradicionalmente, precisam mais das lojas físicas para vender.

Procurada, a Companhia das Letras afirmou estar "impeável de se manifestar sobre

suas negociações, que estão sob acordo de sigilo" e ressaltou "que todas as suas decisões se baseiam na ética comercial e nos interesses de seus leitores e autores".

Do lado dos livreiros, há o temor que a medida prejudique a variedade de obras disponíveis em cada livraria, já que sem a consignação as compras de títulos precisam ser mais criteriosas. Isso num momento em que as lojas ficam lutando para se reerguer após o fechamento panfletado, com competição cada vez mais acirrada da internet. Caso a movimentação se confirme, é possível que se dissemine para outras editoras ou que, ao contrário, as rivais da Companhia aproveitem para ocupar o espaço deixado nas vitrines com seus próprios livros, aumentando seus acordos de consignação.

Quem pondera é Alexandre Martins Torres, que é tanto editor quanto livreiro e afirma não ver o movimento como uma má notícia, se não for feito de forma abrupta. "É um teste de mercado", diz. "Aumenta a responsabilidade do autor, que tem que fazer mais o papel dele de escolher o que quer ter dentro da loja".

"Essa nova postura da Companhia é um voto de confiança na capacidade de trabalho das livrarias", aponta. "No momento em que falta de comprar, há o risco de ver seus livros sumirem das vitrines. Mas está apostando na qualidade dos seus autores e na capacidade das livrarias de reconhecer essa qualidade".

**SOLACIDADE** Para os fãs de literatura japonesa, a Estação Liberdade promete boas novidades nos próximos meses. Em maio, saem "O Marimote" de Perle das Graças do Mar, do autor Yoko M. Shima, e "Beleza e Tristeza", do vencedor do Nobel de literatura Yasunari Kawabata, ambos com tradução direta do japonês. Até o fim do mês também deve chegar o inédito "Mulheres", de Osamu Dazai.

**VIENTOS DE LIBERDADE** É a Boa notícia para a arte: este ano um novo livro da arte americana Angela Davis, "The Meaning of Freedom: And Other Difficult Dialogues", ou o significado da liberdade e outros diálogos difíceis, foi publicado originalmente em 2002 e compila uma dúzia de discursos da feminista negra.

## COMPRAR

Site da coleção pensadores. folha.com.br

Telefone (11) 3224-3590 (Grande São Paulo) e 0800 775-8080 (outras localidades)

Frete Grátis para SP, RJ, MG e PR (na compra da coleção completa)

Nas bancas Por R\$ 22,90 o volume. Coleção completa: R\$ 664,10; lote avulso



Aquarela de Chris Eich no 24º volume da coleção

## Coleção Folha publica livro de Stuart Mill com clássica obra do pensamento liberal

Irineu Franco Perpetuo

SÃO PAULO A Coleção Folha traz agora uma das pedras de toque do pensamento liberal: "Sobre a Liberdade" de John Stuart Mill, com tradução de Denise Bottmann.

Membro do parlamento britânico e defensor do sufrágio feminino, o pensador John Stuart Mill, morto em 1873, publica a obra em 1859. O livro vem se mantendo um clássico desde então. "O objetivo deste ensaio é

defender um princípio muito simples, como o único habilitado a reger de modo absoluto a seleção da sociedade de um indivíduo por meio da obrigatoriedade e do controle, quer o mesmo usado seja de força física segundo as penas da lei ou a coerção moral da opinião pública", afirma Mill.

"Este princípio é o de que o único fim pelo qual a humanidade está autorizada, individual ou coletivamente, a interferir na liberdade de ação de qualquer um de seus integrantes é a autodifesa".

Mas adiante, ele argumenta que "a única garantia da conduta de uma pessoa pela qual ela é responsável perante a sociedade é a que concerne ao outro". Stuart Mill elenca, então, três tipos de liberdade: o primeiro deles seria "a liberdade de consciência em seu sentido mais abrangente, a liberdade de pensamento e sentimento, e liberdade absoluta de opinião e sentimento sobre todos os assuntos, práticos ou reflexivos, científicos, morais ou teológicos".

A segunda modalidade é "a liberdade de escolha e de coação de atividades", e a terceira, a da associação entre indivíduos, a liberdade de se unirem para qualquer finalidade que não envolva danos a outros, desde que as pessoas nessa união sejam maiores de idade e não tenham sido forçadas ou induzidas.

Segundo o autor, "nenhuma sociedade onde tais liberdades não sejam respeitadas como um todo livre, qualquer que possa ser sua forma de governo, não pode ser considerada livre se essas liberdades não existirem de modo absoluto e incondicional".

# RIVAL

## Refit

*Inaugurado em 1934, período áureo da Cinelândia, o Teatro Rival Refit abriu suas portas com a peça "Amor", de Oduvaldo Vianna. Esse sentimento de amor, de amor à arte e à cultura brasileira, norteia nossos ideais e trajetória até hoje.*

*Somos um espaço democrático e berço da diversidade cultural no país. Tornamo-nos uma das marcas mais tradicionais do Rio de Janeiro por sempre empunhar a bandeira do amor e por lutar pela resistência da arte acima de qualquer ameaça.*

*Enfrentamos ditaduras, diversas obras no centro da cidade, e vencemos os vários planos econômicos fracassados. Agora, graças à resiliência, à competência de nossa equipe e à parceria sensível da Refit, seguimos firmes rumo a nove décadas como o palco da cultura carioca. Resistimos à pandemia mantendo-nos como porto seguro para nossos artistas e nosso mais que querido público.*

*O Teatro Rival Refit tem, em sua história, o compromisso com o humor, a irreverência e a ousadia, apontando para a diversidade, a tradição, a inovação e a qualidade artística.*

*Nestes 88 anos, inúmeros eventos de sucesso foram realizados em nosso palco, e posso dizer que estamos preparados para mais, para muito mais. Seguimos firmes em nossa missão de difundir a arte em suas mais diversas formas de expressão. O Teatro Rival Refit permanece vibrante com sua inequívoca capacidade de se reinventar culturalmente e representar – como poucas instituições – são capazes de fazer – a alma carioca.*

*Neste seu aniversário de 88 anos, o Teatro Rival Refit agradece aos funcionários, empresários, produtores, artistas, fornecedores, parceiros e ao público. Agora vamos viver juntos a retomada, construindo um futuro melhor e mais vibrante sempre. Sigam as nossas redes, venham conhecer o teatro da iniciativa privada mais antigo do Brasil. Estamos prontos e de braços abertos para recebê-los e realizar o seu evento.*

**Angela Leal**  
Diretora



[www.rivalrefit.com.br](http://www.rivalrefit.com.br)  
[@teatro.rival.refit](https://www.instagram.com/teatro.rival.refit)

## ilustrada

## Envolvida

Continuação de pag. C1

"Uma coisa é exportar canções. Outra é exportar talentos", diz Castello Branco. "Deixa a correr o risco de perder tempo e dinheiro, já que, no Brasil, um artista estrangeiro pode rodar o país fazendo shows por até cinco anos."

Esse cenário parece estar prestes a mudar, no entanto. Giulia Be, que normalmente alcança posições mais altas em Portugal do que no Brasil, vai se mudar para Miami e produzir um EP em espanhol. Ela já testou com "Palabras". Isso ocorre, diz Castello Branco, porque a nova geração de cantores já nasce num mundo globalizado e abre-se a cultura estrangeira e idiomas como o inglês e o espanhol ainda criança, antes mesmo de se dedicar à música.

"A Anitta pode cantar na língua que quiser, porque não vai soar falso. Nem porque ela tem mais", diz o executivo sobre o inglês da cantora.

É uma realidade diferente de Chiquinho & Xeroro ou de figuras mais novas, como Victor & Leo, que tentaram vender discos inteiros para o espanhol, mas fracassaram. Rick Bonadio concorda que buscar carreira internacional hoje é muito mais fácil. Uma das figuras mais importantes da indústria musical brasileira nos anos 90 e 2000, ele também tentou exportar artistas que produzia, de Mamono Assasanta a Rouge.

Com o streaming e as redes sociais, até o investimento que uma gravadora precisa fazer para lançar um artista lá fora diminuiu. Antes, só para começar o trabalho, já era preciso desmontar os meios de transporte de dólares por terra.

"Havia limitações físicas. Você precisava que a gravadora de fora fabricasse seus CDs e fizesse eles chegarem às lojas, além de levar o artista para uma turnê promocional para que ele se apresentasse nos novos fãs em potencial".

Os executivos também divergem ao tentar explicar o sucesso de Anitta. Enquanto Bonadio diz que o que emplacou a mais fácil lá fora "o pop genérico, cantado em inglês", Castello Branco afirma que os brasileiros precisam "assimilar que somos variações, no bom sentido, e olhar para o espanhol e para a América Latina".

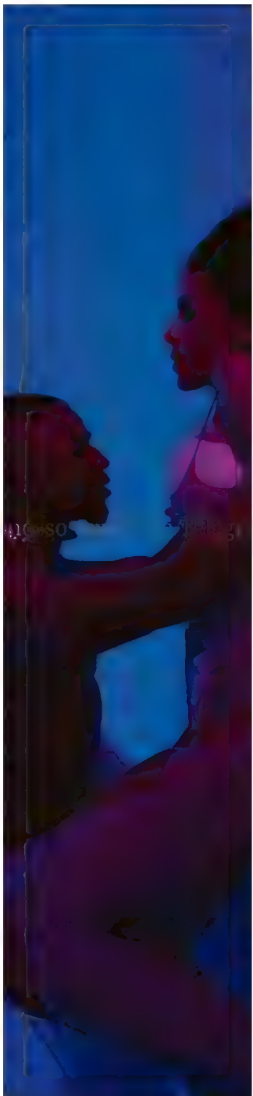
"Por que a nossa exportação está hoje é a bossa nova? Porque ela é absolutamente original", diz. "Ninguém quer uma cópia do que outros já fazem." Com exceção dos Estados Unidos, sete dos dez países que mais estão ouvindo "Envolver" no YouTube são da América Latina e os outros dois, França e Alemanha, são países latinos como idioma principal, como Espanha e Portugal.

Outra evidência disso é que "Boys Don't Cry", a primeira música solo de Anitta cantada em inglês, não figurou entre as 50 mais tocadas do Spotify nos Estados Unidos, mais de 80% das audições dela vieram de brasileiros. É como se o single, produzido por uma das maiores figuras da indústria musical americana, Max Martin, tivesse fracassado. Já que, em português, Anitta voou mais alto.

Mas os rankings precisam ser interpretados com cuidado, já que o sucesso que eles atestam podem ser efêmeros. "Até Caseta Real virou no YouTube, mas só porque era engraçada. Para saber se é sucesso mesmo, você tem que começar a cantar lá fora e todo mundo sair cantando junto, como faziam com 'Ai Se Eu Te Pego'", diz Bonadio.

É nesse sentido, Castello Branco afirma, que apostas anteriores da cantora não podem ser desconsideradas para explicar o sucesso de hoje.

"Gir from Rio foi música que posicionou Anitta bem entre os grandes artistas estrangeiros, justamente por ser uma releitura da música brasileira mais conhecida".



# Anitta colheu os frutos do acesso maior à internet e às redes sociais

Foi com 'Bum Bum Tam Tam', de MC Fioti, que o funk brasileiro explodiu no exterior e consagrou a cantora pop

## ANÁLISE

Lucas Brêda

Não faz tanto tempo assim, mas no segundo semestre de 2017, quando Anitta lançou o projeto "Checkmate", não se falava de outra coisa na pop nacional que não fossem as tentativas da cantora de estabelecer uma carreira internacional. A cujo auge ela chega agora, com o seu "Envolver" encabeçando o ranking de músicas mais ouvidas do Spotify "Checkmate" é da mesma época em que foi lançada "Bum Bum Tam Tam", possivelmente o maior hit brasileiro no exterior dos últimos tempos, tendo passado o 1,5 bilhão de visualizações só no YouTube, produzido e cantado pelo MC Fioti. Aquela altura, o sucesso do funk brasileiro no exterior era uma novidade. Em 2016, no Lollapalooza Brasil, a dupla de produtores americanos Skrillex e Diplo, se apresentando como Jack & Jack, chamou o funkero Bin Laden para o palco para cantar o hit do MC "Tá Tranquilo, Tá Favelável". Antes, o show desfilava há conta de um com um remix de "Baile de Favela" - hit do MC João.

Já Anitta atirava para todos os lados com o projeto "Checkmate", que rendeu um EP com quatro músicas e quatro cliques. Em "Will I See You", uma bossa nova pop cantada em inglês, ela arriscou o que viria a consolidar em "Gir from Rio", anos depois. Em "Is That for Me", ela também cantava em inglês numa EDM ou eletrônico dance music, genericamente assinada pelo super-DJ Alexsandro.

Mas as outras duas músicas do projeto foram sucessos absolutos. Uma delas era "Downtown", uma parceria com o balvin com levada de reggaeton arrastado, letra em espanhol e temperada pela sensualidade da dupla.

É Anitta soando como o melhor da música latina contemporânea. A faixa foi produzida por Sky Rompiendo, nome de primeira linha no reggaeton, e que recentemente trabalhou, por exemplo, em "Motomami", recém lançado e já aclamado disco da espanhola Rosalía.

A outra música de "Checkmate" a estrear foi "Vai Malandra", um funk afiado com toques de trap que é hit no Brasil e fora dele, possivelmente o que de mais interessante Anitta fez em sua carreira. A audiência de "Will I See You" e "Is That for Me" e uma fração mínima das dimensões de "Downtown" e "Vai Malandra".

Não custa lembrar que 2017 também foi o ano de "Despacito", um hit de proporções globais que abriu caminho para o crescimento da música latina no mundo, como a Espanha que continua até hoje. O trapper porto-riquenho Bad Bunny, expoente desse movimento, é há dois anos o artista mais escutado do mundo, por exemplo.

Esses processos passam pela disseminação de acesso à internet local e global através de smartphones em regiões mais pobres do mundo, como a América Latina.

Isso contribuiu para um crescimento exponencial das plataformas de streaming nessas regiões e representou um aumento também nas vendas das produções musicais desses lugares. O que se soma ao sucesso mais vivo e global do pop, principalmente por meio do grupo sul-coreano BTS, que canta também em sua língua local. Divulgado nesta terça-feira, um relatório da Federação Internacional da Indústria Fonográfica consolidou o streaming como dominante na maneira de se consumir e ganhar dinheiro com música, com crescimento especial ano a ano da participação da América Latina, onde o Brasil é o mercado mais importante, seguido pelo México nos números globais.

Em 2021, ano em que a música "Vai Malandra" chegou ao topo da parada Billboard, foi a primeira vez na história em que o streaming se tornou a maior fonte de receita da indústria fonográfica.

Hoje, o streaming corresponde a 85,6% de todo o faturamento do Brasil. Se o estrondoso sucesso de MC Fioti, do Capão Redondo, bairro do oeste do sul de São Paulo, samplando uma flauta de Johann Sebastian Bach, soava um tanto improvável, não é o que acontece com Anitta.

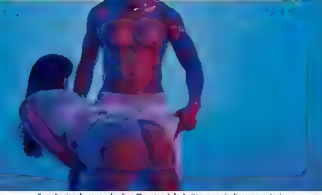
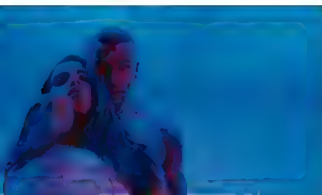
A cantora entende o mercado e sabe que ela estava ou está propícia para a cena internacional de uma estrela brasileira que dilói que com esses sucessos, o da chamada "música urbana" com baúdas eletrônicas e em geral feitas para dançar. É ela não e a união aprofundando o momento. Tanto Anitta quanto Ludmilla fizeram músicas com a estrela do hip hop americano Cardi B, que tocou um trecho de um funk de Pato Simão durante a cerimônia do Grammy. Elas também gravaram um funk com o histórico americano Soto de Diego "Drunk Different".

O funkero Kevin Christeve "Ela é do Tipo" regredida por Drake, gigante do rap no mundo todo, foi o convite mais visível para suas sucessos em 150 BPM, isto é, batidas por minuto, no show do rapper Post Malone no Lollapalooza Brasil de 2019. Recentemente, Anitta voltou a cantar em inglês e a lutar o mercado americano com o single "Boys Don't Cry". Mesmo com grandes forças de divulgação, a música não chegou perto do sucesso de "Envolver", hit que agora bate recorde ao alcançar a primeira posição entre as músicas mais ouvidas do mundo no Spotify, e o motivo de toda esta reflexão.

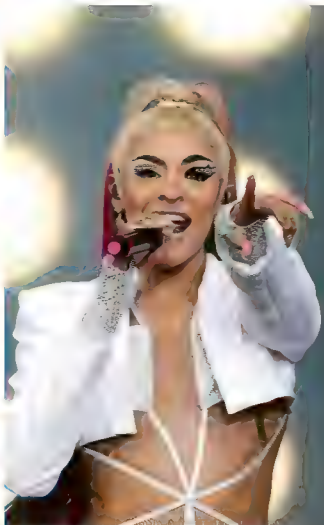
Com baúdas de reggaeton, cantada em espanhol e alavancada pelas danças e rebeldias do TikTok, a música curiosamente morou quatro meses para alcançar os números atuais.

De certa forma, na comparação com "Gir from Rio" e "Boys Don't Cry", "Envolver" repete e ecoa o que aconteceu há cinco anos, quando as músicas "americanizadas" de "Checkmate" começaram a pôr para a "brasileira" "Vai Malandra" e a mais "latina" "Downtown".





Sequências de cenas do clipe 'Envolvido', de Anitta, que viralizou no exterior Reprodução



A cantora Pablo Vittar se apresenta no primeiro dia de Lollapalooza. Roberto Carvalhal/YouTube

## Vaias, gestos políticos e acidente marcaram início do Lollapalooza

Pablo Vittar, que atrasou por causa da tempestade em SP, empunhou bandeira do PT sob um coro de 'fora, Bolsonaro'

**SÃO PAULO** O primeiro dia do festival de música Lollapalooza, nesta sexta-feira em São Paulo, foi marcado por vaias, diálogos acalorados à organização do evento, e manifestações políticas, com bandeiras empunhadas e gritos contra Putin e a invasão da Ucrânia. Também houve interrupção de show, acidente com uma pessoa da plateia e o medo que a chuva que caiu sobre a capital paulista causasse transtornos.

Primeiro, vaias contra Bolsonaro, que já havia enfrentado um coro pedindo sua saída do Alvorada no Orix Dixy, uma espécie de prólogo do festival que ocorreu nesta quinta-feira para quem conseguiu ingressos distribuídos por meio de ações publicitárias na internet e nas ruas de São Paulo.

Em tom de chacota, os eleitores de Bolsonaro foram misturados a figuras como Fúfão no bôlo atrás do rapper Elgiz, que abriu a programação do palco Adidas por volta das 19h. A alguns metros de distância, no palco Budweiser, Tico Santa Cruz mandava "acenderem os rebeldes, saqueiros e bandidos". Entre uma sequência de hits como "Você Me Faz Tão Bem" e uma com as mãos no chão para homenagear o sucesso internacional de Anitta, Santa Cruz disse que "não importa sua ideologia, desde que você esteja no campo de democracia". Mais uma vez, pe-

diram a cabeça de Bolsonaro.

Mas tarde, às 18h, as vaias se voltaram ao próprio festival. É que a organização por acaso paralisou o show do The Wombats, que estava prestes a atingir seu clímax, após uma pancada de chuva atingir o Autódromo de Interlagos. Por 40 minutos um funcionário implorou para que o público se afastasse do palco Onix e de suas estruturas metálicas, com medo de a plateia, ensopada, ser atingida por raios.

A mesma orientação foi dada a quem aguardava, no palco Adidas, a chegada de Pablo Vittar, que atrasou meia hora, devido à tempestade e enfrentou uma falha no microfone, que a deixou sem voz por alguns segundos, mas ainda assim contagiou a plateia com saúdes e rebeliões. Não se reportou que mesclou sucessos recentes, como "Bagdado", com os que a levaram ao estrelato, caso de "K.O.", uma das mais aguardadas dos fãs.

Durante a apresentação, ela chegou a descer do palco e caminhar entre a plateia, que entregou uma bandeira vermelha estampada com o rosto do ex-presidente Lula. Entre mais um coro de "fora, Bolsonaro", pedidos da volta do petista e até alguns "fuck Putin" em crítica ao presidente russo, a drag queen se despediu do festival ovacionada.

Se o meio da organização

era que causasse um ruído na plateia, o que acabou por deixar barba à estrutura metálica. Com cerca de três metros de altura, a peça, que fazia parte de uma ação publicitária, atingiu um homem que estava em frente ao palco Adidas. Ele foi socorrido com sangramentos, mas consciente, e levado à estrutura hospitalar para receber os primeiros socorros. Até a conclusão desta edição, a organização não informou o estado de saúde da vítima.

Mas não houve chuva nem falhas técnicas capazes de pôr fim à alegria de quem, preso dentro de casa sem shows por mais de um ano durante a pandemia, ansiava pela volta do festival, que sofreu uma série de adiamentos e, com isso, milhares de alterações em sua programação.

Prova disso foi que, logo pela manhã, era possível ver um público mais numeroso do que o costume neste horário caminhando pelo autódromo. A energia parecia tão contagiante que até Matuê, diante de uma plateia que não fava, estreou com o pé direito e fez um dos shows mais importantes de sua carreira, pois de todos para cantar a plenos pulmões sucessos como "Máquina do Tempo" e "Bianco". Ivan Finotti, Jairo Malta, Laura Lewer, Lucas Brêda, Mari na Laureano e Pedro Marinho



## ilustrada



Sônia Barata

## O Oscar x-tudo está servido

Hollywood enfia o seu sanduichão abominável na goela da freguesia planetária

Mario Sergio Conti

colunista, e autor de Notícias do Parahipe

O Oscar é tão indigesto quanto a linguagem político-carnal. É duro engolir frases como Alcinéia é uma cantora na empada do Lula. Bolsonaro enfiou o pé no água. Ciro viajou na maionese. Moro e um banana. Doris e Maurício são jaramba do mesmo saco, as eleições vão acabar em pizza.

Mas a língua da cozinha é mais direta. O Oscar x-tudo que Hollywood servirá na noite de domingo. O

abominável sanduichão do cinema gotaria bueira, ofen- do o olfato, enfiar o mau go- do goela, abusa da frequen- cia planetária, dá azia. Não há sal de frutas que dê jeito.

O festim não é de todo inofen- sivo. É possível apreciar os ba- dados dos doces de corte. Os ma- mamosos que perduram me- lancia no pescoço para apre- cer. Imaginar que as lustradas veem aboboa a mena, no- te. O repêcho é às vezes tem at- t

ritudes pecantes. Ao ganhar a estatuetta de melhor ator por "Kramer vs. Kramer" (dis- ciplinado), Dustin Hoffman (ele- gante) ganhou o Oscar. "Ele tem genética, mas segura uma es- pada". Freud não diria melhor. Quanto aos filmes, o Oscar desce ao nível de um x-tudo qualquer: é de um food truck de porta de estúdio. Hollywood está por baixo porque não é mais a clausura onde se dis- ta o lixo do mundo: foi despo-

rituado pela internet. Seus fi- lmes são ruins até na realidade. Como função do jornalismo se- cretário, o Oscar para po- blicar o joio — segue uma apre- ciação do cardápio do diape-

"Licorice Pizza". Tem com- da já no título, mas só a turnê- lis gourmet pode entendê- lo. Ele se refere a uma colônia de lo- jas do sul da Califórnia que, nos anos 1970, vendia LPs. Negros,

os discos lembram o que, que em inglês é "licorice". Aprenda! Uma tradução cabível seria "Bolachas Pretas", que é co- mo Alcinéia fala dos seus LPs de bolero. Pé de valsa, o Pira- ta de Churru tem saudade das noites de sábado de infância, quando saracoteava pelos sa- lões de Pinda com dona Lu nos braços, soprando luto ao ou- vido travas de Agustín Lara.

Pois então: "Licorice Pizza" é nostalgia do mesmo jato, mas requiera. Como não é romance de formação, ele acaba num pas- sado que só dá respeito a quem dele participa. Para fugir ao sul do Equador, é frio como pepino, abaraca indescobível.

"Amor, Sublime Amor". Pura os dias do gênero, o acidente de Spierberg serve de prova que o original é insuperável.

"Duna". Outro refogado re- ciclado. Vide verbebo auma. "O Beco do Pesadelo". V. de de novo o verbebo porque é a terceira refilmagem que concorre a melhor filme. Sem

aniquilação, Hollywood espe- ramente reletivas de receitas da vovó, e só as piores. "Inverno em Chamas". Quando concorreu ao Oscar de documentário, em 2011, num

sendo lá essas coisas, antes em algo do futuro. O Brasil não será invadido. Mas, do jeito que Bolsonaro age, uma "primave- ra em chamas" pode aconte- cer quando ele tentar roubar as eleições de outubro.

"Beijais". Atenção para uma regra cardinal do cinema: fil- me cujo protagonista só cria en- casos dá enghos. O de Ken- neth Branagh é uma garotoba sentimentalidade de vomitar.

"Drive My Car". O único fil- me adalado na lista é japonês. Não é divertimento, é arte. Ri- uidade. Hamaguchi, o diretor, trata de culpa e remorso, amor e criação artística. Não é raro nem faz concessões à garro- ba de Los Angeles.

No contro do filme está enfi- ado "The Wind of Heaven". O diretor está de luto porque sua mulher morreu e se acha res- ponsável. O ator principal é a perdido na vida. A motoris- ta do diretor tem um passado obscuro. Ninguém come sushi. Tudo é dito com um mínimo

latria que se estende aos figu- ras, alimentando, ao mesmo tem- po, a câmera e o paisagem a- ponosa. Há sequências clari- ficadas com Yoo-rim Park, que é muda. Ela faz o seu papel no

linguagem de sinais, prova que a arte vai além das palavras. "Depois da Morte do Avô". Não está no Oscar por- que nem filme é. Mas mere- cia. É cine-verdade com diá- logos subversivos entre pro- curadores e Tribunal. Uma brasileira e uma brasileira. Nun- ca a música da política oficial veio à luz de modo tão acru- ba. Austeridade, mas estar por- que nem filme é. Mas mere- cia. É cine-verdade com diá-

liza: Lula Felipe Ponda / foto: João Pereira Coutinho / foto: Marcelo Coelho / foto: Fernando Torres, Drauzio Varella / foto: Damião Ribeiro / foto: Mario Sérgio Conti

## Atrizes acusam Sérgio Penna de assédio sexual

Um dos principais preparadores de elenco no cinema brasileiro, ele nega acusações e diz que as enfrentará na Justiça

Anna Virginia Balloussier

SÃO PAULO Ramayana Régia era aluna do preparador de elenco Sérgio Penna quan- do, diz, ele pôs a mão dentro de sua calcinha e forçou um beijo. O episódio teria ocor- rido em 2013, e a então sape- rança a atriz é hoje uma das 36 mulheres que acusam o profissional de assédio sexual. Ela afirma que a atriz do ho- mem apelidado de "Mago" a obrigou a fazer uma denúncia "O que fazer? Xingar?" disse ao contar a história a esta re- portagem. "Os exemplos eram de mulheres se ferrando, sen- do demitidas ou esquecidas".

Ramayana, de 31 anos, é uma das quatro mulheres ouvidas

pela reportagem sobre a vio- lência sexual atribuída a Pen- na, três das quais permitiram ser identificadas pelo nome. O preparador se pronunciou por meio de seu advogado, João Francisco Neto, que en- vious uma nota. "A trajetória pessoal e profissional de Sérgio Penna se ergue como um escudo em face de tais acusa- ções, que serão enfrentadas com a seriedade do processo", diz. Penna atuou em grandes produções, tendo trabalhado com Rodrigo Santoro, Debo- ran Securo e Grazi Massolera que qualifica sua assessoria como fundamental em "Ver- dades Secretas", da Globo. Foi no workshop que mostrou de 2013 a 2019, porém, que co-

nheceu as mulheres que ho- je tentam fazer com que ele chegue ao banco dos réus. No caso que corre sob sigilo de Justiça e a cujos autos já foi jul tal abuse, Penna é acu- sado de ter "sequestrado" de 1995 até 2013, com beijos e abraços, mas roques nas partes íntimas (vagina, seios, nádegas, ore- lhas, boca) sem autorização". Na ocasião, 19 mulheres deram depoimento. Hoje elas já são 36, segundo a advogada que as representa, Luciana Terra. De lava de denúncias enre- gar o retrato de um assediador serial, que prefere atrizes em campo de carreira, ao menos duas delas menores de idade, e age tanto no curso quanto em contra-tenções em bares.

Um janeiro o Ministério Pu- blico do Rio de Janeiro o di- raminou por importunação se- xual contra quatro alunas, em peça narrada pela promotora lanina Marques Cortia. Ma- Ramayana diz ter sido at- cada em uma noite na qual ce- deu seu apartamento para um exercício. "Ele passou a mão por dentro da minha roupa, querendo colocar a mão na minha vagina. Consegui le- vantar e mandar ele ir embo- ra". Em 2010, descobriu outras dispostas a denunciar Penna. Julia Corrêa, de 28 anos, foi a primeira. Começou com um vídeo em rede social sem dar nomes. "Não dá mais para eu ficar calada", dizia na grava- ção. "Tava enfiado. Vi muita coisa, trabalhei ali, indiquei o curso dele para outras me- ninas" conta à reportagem. Ela afirma não ter sido vi- tima de abuso físico porque "as meninas da equipe erram minha sombra". Ainda assim, Penna a teria chamado pa- ra tomar banho com ele, diz Clara Ferrari, de 26 anos, também foi auxiliada pelo preparador. "Ele falava, chego- u a Clara, me levou do lião da



Da esquerda para a direita: Julia Corrêa, Ramayana Régis e Clara Ferrari, que acusam o preparador de elenco Sérgio Penna de assédio sexual

maga". Ela me sentia impos- tável", conta ela, que se mu- dou de Florianópolis para o Rio por sugestão de Penna.

Ferrari afirma que ele acon- videra para um café. No cam- nhão, diz, o preparador ter- ceu a mão e a forçou a se- dar. Ela se levantou e pediu que eu des- sa a rota para um aparta- mento que a Globo havia a ele. Ali, tiveram conversas sobre os se- cões quando, segundo ela, "ele começou a ficar agressivo, disse para parar de ser bobo".

A ex-aluna afirma que Pen- na a aconselhou a se preparar para trabalhar com ele. Teria dito a ela que estava sen- do legal, ao alertar a jovem pa- ra a realidade e que, da forma como ela era, demonstraria

em seguida, afirma, Penna teria se aproximado, tentan- do beijá-la e forçá-la. Ela diz que se desvencilhou, mas as- sume que, ao profeta, também seu pescoço a segurou forte, releta. "Ele tentou botar a mão por dentro da calcinha".

Ferrari conta ter pensado muitas vezes em morrer de pois disso. Ela "destruiu". Ela engrossou as denún- cias contra Penna, endossas das pelo MeToo Brasil e enca- minhou ao Ministério Pu- blico pela promotora Gabri- ela Mansueto, referência no combate à violência contra a mulher no Brasil. As vítimas receberiam apoio psicoló- gico do Instituto, rede de pro- teção a mulheres agredidas.

Por videoconferência, com a estufa de um Bala no fun- do, Ramayana diz que que- ria o silêncio mas alguma paz. "Quando não, enquanto conjunto de amores, clamamos essa imagem de seres incau- çáveis", ela questiona. "Onde (os casais) se confundem com a luz que a gente idolatra esse pessoal? A imagem que o Sérgio tinha de mago?"



Venda de ingressos: www.ohomemagico.com.br

## folhinha



Estela tem 3 anos, mora em São Paulo, e percebeu que, agora, um gibi custa o mesmo que um almanaque (que é bem maior que um gibi) custava até pouco tempo atrás. Adriano Ivo/Infraestrutura

## Preço alto até do gibi ensina o que é a inflação

Educador financeiro explica às crianças por que tantas coisas, da carne à gasolina, estão mais caras na rotina de casa

### TODO MUNDO LÊ JUNTO

Marcelle Franco

**SÃO PAULO** Quêntida de caro com a família já deve ter reparado: encher o tanque de combustível ficou mais caro. Desde o ano passado, o preço da gasolina vem aumentando, e em 2012 ele subiu ainda mais, o que fez com que vari os adultos venham pensando se dá para trocar o carro por outros meios de transporte mais baratos.

E não foi só o combustível que aumentou. O gibi de co-

zanha, por exemplo, também está mais caro, e a carne de boi, junto de outros alimentos, tem deixado a conta no supermercado bem mais alta. Existe um nome para quantas dessas coisas ficam mais caras na nossa rotina: inflação. A inflação é diferente de quando apenas um ou outro item sofre aumento no preço. Quem nos ajuda a entender isso é o especialista em educação financeira Thiago Godoy, do perfil *Papá Finanças* do Instagram.

"Se você vai à feira e o morango está mais caro, isso não necessariamente é culpa da inflação. Pode ser que tenha sido um chuvinha e a lavoura escurrou, ou mesmo porque aquela não é a época do morango. Mas, se junto com o morango, o tomate, o feijão,

a mensalidade da escola e o aluguel também subiram, aí sim, é inflação", diz Thiago. Estela tem 9 anos, mora em São Paulo e ainda preocupa da. Ela reparou que muitas coisas estão mais caras e especialmente os gibis que ela gosta de comprar.

"Eu adoro muito ler gibi, acho há mais de dois anos, e percebi que o gibi tá aumentando o preço. Ano passado custava R\$ 7,90, e um almanaque custava R\$ 9,90. Eu esse ano o gibi ficou o preço de um almanaque e o almanaque ficou R\$ 10,90", conta.

Ela compra gibis sempre na mesma banca, perto de um parque que frequenta. As vezes, vai acompanhada do pai, as vezes, da mãe. "Gostei da Turma da Mônica e dos gibis da Magali".

Assim como muitas crianças da sua idade — e até mesmo como vários adultos — Estela não sabe o que é inflação. "Uma coisa eu sei, que a gasolina tá muito cara. Talvez tenha a ver com isso. As coisas estão ficando mais caras. Outro dia vi na TV que antes uma cenoura custava R\$ 1, e agora tá custando R\$ 5", espanta-se.

Na casa dela, algumas mudanças já aconteceram por causa do aumento dos preços. "A gente tá tentando diminuir um pouco a carne, mas, como é uma coisa que eu gosto, é complicado", conta.

"Minha mãe fala que tem que comer pouco uma vez por semana, só que eu não gosto. Outro dia ela fez frango e eu gostei mais. Tenho comido mais frango também. Acho que carne de boi é mais cara que frango, que é mais cara que peixe. Faltava o boi valha mais do que um peixe ou do que um galinha", espanta Estela.

Mas por que será que está acontecendo essa inflação agora? Thiago Godoy tenta explicar: "É como se fosse um efeito dominó. Juntos a pandemia, que paralisou várias atividades econômicas, faltaram matérias básicas para produzir produtos, tiveram a crise hídrica, que impacta no preço da energia, e juntos a questão do barril do petróleo, que está sendo negociado mais caro".

Pense assim, como é que os alimentos chegam à feira ou aos mercados? Eles precisam ir de caminhão. O caminhão usa o óleo diesel, que é derivado da petróleo. O petróleo está mais caro. Então, transportar os alimentos da fazenda até a feira está mais caro também", diz Thiago.

Logo sem contar outros vários fatores envolvidos na "viada" dos alimentos até o prato da gente em casa, como, por exemplo, a energia elétrica que é gasta para iluminar o depósito onde eles ficam até irem para o ponto de venda.

No caso da carne, Thiago comenta que não é só a carne bovina que ficou mais cara, mas, sim, todas as proteínas animais. "A gente sente mais a carne vermelha por que ela é mais cara no geral, e vai acabar sendo mais valorizada e mais procurada. Mas é um aumento geral", fala, lembrando que eles comem bastante feijo de feijão de soja, e a soja é outro produto que também sofreu aumento no preço.

No caso dos gibis, a questão está no valor que se paga para imprimir as páginas, para manter a luz da lâmpada acesa e até mesmo no aluguel que o dono da banca paga para manter seu negócio por lá.

Nos gibis que tanto adora, Estela viu há um tempo em cores de crianças que giram uma mesada. Ela, então, pediu à mãe para ganhar mesada também, e a mãe logo concordou. "Ela disse que é bom pra eu aprender a lidar com dinheiro", lembra Estela.

"Isso tem mais ou menos meio ano. Eu ganho uma mesada pra eu comprar gibis e coisas, minha papaiada que eu gosto. Uma vez, comprei uma caneta pra mim, e outro dia fui comprar a mesma caneta pra comprar um gibi. Era R\$ 4 e agora tá R\$ 6", diz.

"Percebi que é pouca, mas não é. Na minha escola, na cantina as coisas também estão mais caras. Não é mais esse

gero, mas tá mais caro do que antes", completa.

Estela ganha R\$ 50 de mesada. Ela conta que coloca as notas em uma bolinha pequeninha e guarda a bolinha em seu armário. "Nunca gastei tudo. Sempre peguei um pouquinho, e guardo porque se vier uma coisa super legal, eu posso comprar".

### Será que um gibi vai custar R\$ 20 quando eu fizer 20 anos?

Embora o Brasil enfrente atualmente um aumento considerável no preço de várias coisas, o especialista em educação financeira Thiago Godoy diz que a situação não está fora de controle. "Hoje a economia do país está mais estável".

Ele lembra que há 30 anos, o Brasil viveu um período da chamada "hiperinflação". Era uma inflação descontrolada onde o dinheiro perdia valor muito rápido", explica.

Thiago se refere aos finais dos anos 1980, quando houve várias fomes e crises. "Naquele período, a gente ia ao mercado com os pais e quando eles rezebam o salmão para já comprar a compra do mês inteiro. Os preços não ficavam numa geladeira, como hoje, mas em uma etiquetinha colada no

produto".

"Era comum a gente ver o funcionário mostrando preços diferentes duas vezes no mesmo dia", conta.

Thiago diz que esse problema só foi controlado em 1994, com o chamado Plano Real. De lá para cá, não existe inflação, mas ela é bem menor do que naqueles anos. "O Plano Real foi um conjunto de reformas na economia. O dinheiro até trocou de nome. Em maio de 1994, a inflação era de 47% ao mês. Em 1995, passou para 2%".

Antes disso, Thiago lembra que, mesmo quando a inflação diminuía, isso não quer dizer que as coisas vão diminuir de preço, mas, sim, que elas vão ter seus preços aumentando mais devagar.

"Um litro de leite hoje é com certeza mais caro do que há dez anos", exemplifica. Então, será que os gibis da penúltima Estela, o 8 da Turma da Mônica, vão custar R\$ 20 quando ela completar 20 anos?

"Não sabemos", responde Thiago. "Pode até ser que sim, mas aí a Estela tem que entender que o valor do salário de lá também vai ser mais alto, e ela provavelmente vai não seguir comprando o seu gibi. Eis se a vida não muda".

**TODO MUNDO LÊ JUNTO** Com sete e meio anos, Estela tem um gosto por gibis por personagens e aventuras com a criança

## Livro revela o que tem embaixo da cama da gente quando a noite vai chegando

DEIXA QUE EU

**LEIO SOZINHO** Não mais! Você saberia dizer o que tem embaixo da sua cama? Aposito que é muito mais coisas do que você pensa. Da, por exemplo, pensava que embaixo da cama, além do nada, havia um tapete de sapatos, mas, agora que foi lá olhar, descobriu que, junto dos sapatos, estavam um brinquedo da mãe, escovas e meus desenhos que achei que tivesse perdido. Pois imagine que escrevi um livro sobre esse as-

sunto. A protagonista de "Debaixo da Minha Cama" (Irene Freitas, Edições Barco, R\$ 48, 40 páginas) começa a história ouvindo barulhos esquisitos na hora de dormir. E, como qualquer pessoa normal, ela acha que os barulhos estão vindo de um monstro. Ela, então, toma coragem, respira fundo, e no escuro mesmo encara o medo de olhar e espoo assista até que tem entre o chão e o estrado. Não vou estragar a surpresa e contar o que ela encon-

tra, você vai precisar ler o livro para saber. Mas posso adiantar que, com tudo que não a enbuxa, nossa protagonista não só aprende a lidar com o desconhecido como também pratica contar de três para frente.

O livro spoiler, que deixo aqui é de que não, não há nenhum monstro, ao menos não no embaixo da cama de-  
-a. ME

**DEIXA QUE EU LEIO SOZINHO** Oferece uma pista para uma criança pensar a vida adulta



Entre 6 gatinhos e nenhum monstro, personagem enfrenta medo do desconhecido Ilustração







---





EstúdioFOLHA: APRESENTA

FOCO  
NOS BAIRROS  
MOEMA**Viver bem**Conheça cinco motivos  
para escolher Moema  
como lar para  
sua família  
Pág. 2

# Sabores de Moema

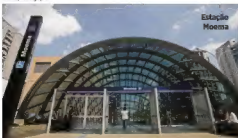
Pizzaria  
Speranza

Leticia Moreira/Folhapeixes

Um dos bairros mais valorizados de São Paulo apresenta restaurantes consagrados, como a pizzaria Speranza, e novidades modernas que formam um cenário gastronômico interessante e imperdível

Estúdio**FOLHA**: APRESENTA

Gafsa/Divulgação



Shopping JK Iguaçu/Divulgação



# Escolha perfeita

Um dos bairros mais valorizados de São Paulo, Moema oferece ótima localização e as melhores opções de compras, lazer e serviços, além de ruas que convidam a um passeio a pé para escapar da correria da metrópole

Um dos bairros mais valorizados de São Paulo, Moema proporciona um estilo de vida único na maior metrópole do país. Ruas calmas e arborizadas convidam os moradores a sair de casa a pé.

Com uma ampla oferta de comércio e serviços de qualidade, é possível fazer tudo sem entrar no carro — a bike também é uma ótima companhia.

O bairro oferece uma mobilidade única e proporciona acesso fácil e tranquilo a diversas regiões da cidade.

Nem para se divertir é preciso se deslocar muito. Moema e seu entorno estão repletos de opções de cultura, lazer, gastronomia e contato com a natureza.

Conheça cinco razões que tornam Moema um dos bairros mais queridos, valorizados e

charmosos de São Paulo.

## 1. MOBILIDADE

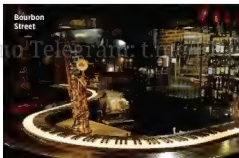
As estações Eucaliptos e Moema chegaram para transformar a mobilidade do bairro.

A linha 5-Bits vai até a Chácara Klabin e promove integração com as linhas 1-azul e 2-verde.

A estação Eucaliptos está localizada em frente ao shopping Itaipuera.

Para quem quer chegar ou sair do bairro de carro, há diversas alternativas como as avenidas Itaipuera, Santa Amaro, Hélio Pellegrino, Moacira Guimarães e dos Bandeirantes. A infraestrutura viária também permite fácil acesso à marginal Pinheiros e às ruas de negócios da Berrini e da Faria Lima.

O morador de Moema que



Pedro Guida/Bourbon Street/Divulgação

precisa viajar a trabalho ou a lazer com frequência conta com a comodidade de estar a poucos quilômetros do aeroporto de Congonhas — de carro, a distância pode ser percorrida em até 15 minutos.

O bairro também é amigável com quem gosta de pedalar ou se deslocar com patinetes. Várias ruas e avenidas do bairro contam com ciclovias ou ciclofaixas.

## 2. COMPRAS

Moema apresenta um variado comércio de rua. Entre as marcas que instalaram suas lojas na região estão Adidas, Le Lis Blanc, Clube Melissa, Lacoste, Tess Concept, L'Occitane, Kulunga e Tok&Stok.

O bairro tem como principal centro de compras o shopping

Itaipuera, com 400 lojas e serviços, além de cafés, restaurantes, lanchonetes e salas de cinema.

A poucos minutos dali está um dos mais exclusivos shoppings da cidade. O JK Iguaçu, com suas 180 lojas, é um dos principais destinos para compras de luxo em São Paulo.

O morador de Moema também tem fácil acesso aos shoppings Morumbi, Vila Olímpia e Market Place, que apresentam ótimos mixes de lojas, restaurantes, bares, teatros e cinema.

## 3. CULTURA

Moema está a poucos minutos de alguns dos principais museus e casas de shows da cidade, oferece teatros, cinemas e centros culturais e abriga o tradicional Bourbon Street, com sua

excelente programação musical.

O bairro é vizinho do parque Itaipuera e suas atrações culturais, como Museu Afro Brasil, Oca, Fundação Binaud, MAC e MAM, além do Auditório Itaipuera, um charmoso palco para shows de música, teatro e performances.

Moema também abriga atividades lúdicas, como o Escape 60 e o Roller Jam (pista de patinação), uma unidade da Livraria da Vila e um centro cultural.

## 4. BEM-ESTAR

Moema tem um dos quintais mais espetaculares da cidade. O parque Itaipuera, um dos principais cartões-postais da cidade, proporciona lazer e contato com a natureza aos moradores do bairro.

O local é um espaço completo para entretenimento com lindas paisagens, ruas e trilhas para corrida, caminhada e passeios de bike, playground, quadras, jardins e muitas outras atrações.

Já o parque das Bicicletas oferece pistas para quem anda sobre duas rodas ou gosta de correr, caminhar, patinar, andar de skate e patinete.

## 5. SERVIÇOS

Moema dispõe de uma excelente estrutura de comércio e serviços. É possível realizar tranquilamente as compras do dia a dia nas dezenas de supermercados que se espalham pelas ruas do bairro, como Pão de Açúcar, Si Marche, Carrefour, Dia e Mamba, entre outros.

Os serviços oferecem também opções de comidas e bebidas para os momentos mais especiais.

Os pets encontram todos os tipos de serviços, de comida e banho a creche, nos muitos pet shops da região.

Moema também facilita os cuidados com a saúde. Os hospitais Santa Paula e Alvorada são referência. É possível realizar exames com tranquilidade e conforto em laboratórios como Fleury, Salomão Zoppi, A+ e Clara, entre outros.

Escolas que são referência e estão entre as melhores do país atraem moradores do bairro, como Möbius, Augusto Laranja, Escola Viva e Octagon.



Estúdio**FOLHA**: APRESENTA

# Moema para todos os gostos

Restaurantes e bares, como a pizzeria Speranza, fazem do bairro um destino gastronômico imperdível



The Files/Divulgação

## TORO SUSHI

Citado pelo "Guia Michelin", oferece uma cozinha japonesa com toques modernos. Um dos destaques do cardápio é o Shake Butter Garlic (sashimi de salmão selado com chips de alho e regado com molho ponzu cremoso). **Al. dos Anapurus, 1430; tel.: 2386-6966**

## VILA CONTE

Moderninho e intimista, investe na culinária contemporânea voltada para culinária italo-mediterrânea. Entre as especialidades do chef está o risotto aspárago e zucchini, com aspáragos verdes, abobrinha, tomate seco e parmesão. **Av. Macuco, 579; tel.: 5054-0166**

## THE FIFTIES

Um dos hambúrgueres mais famosos da cidade é servido em lanchonetes com decoração inspirada nos anos 1950. O restaurante tem um cardápio de alérgicos para os clientes terem certeza do que estão comendo. **Al. Jazupari, 1468; tel.: 2387-4868**

Pizzeria Speranza/Divulgação



## PIZZARIA SPERANZA

A família Tarallo trouxe para o Brasil a pizza Margherita, clássica de Nápoles, no final dos anos 50 quando se mudou para o Brasil. Em 1958 fundou a Cantina e Pizzeria Speranza. A pizza mais querida de São Paulo é apresentada em duas versões: na casa: Tradizionale (com a mozzarella de leite de vaca) e Speciale (mozzarella de leite de búfala). Outros clássicos de Nápoles também foram trazidos para cá pelos Tarallo e permaneceram, inalterados e muito apreciados, no cardápio da Speranza: a pizza Napoletana, o Calzone (pizza fechada) e o tortano (pão de linguiça napolitano). **Av. Sabliá, 786; tel.: 5051-1229**

## CAFÉ JOURNAL

O bar e restaurante é decorado com obras de arte e apresenta uma programação musical com ritmos como jazz, MPB e bossa nova. É especializado em gastronomia contemporânea. **Al. dos Anapurus, 1127; tel.: 5053-9454**

## FOGO DE CHÃO

Em ambiente elegante, a tradicional churrascaria oferece seus cortes especiais em sistema de rodízio. A refeição inclui buffet de salada, antepastos e diversas sobremesas. A unidade de Moema foi a primeira da rede na capital paulista. **Av. Moreira Guimarães, 964; tel.: 5056-1795**

## CHEZ VOUS

O bistrô apresenta clássicos da culinária belga, como as almeidas ao molho de cerveja, preparadas com ingredientes orgânicos. O restaurante está instalado em uma charmosa casa dos anos 1940. **Av. Lavandiska, 395; tel.: 5051-6263**

## SI SEÑOR

Especializado em culinária tex-mex. Serve pratos como as fajitas (carne grelhada acompanhada de nachos chips, tortillas, taco shells, frijoles, guacamole, sour cream e pico de gallo), além de drinks como margarita e molito. **Al. Jazupari, 626; tel.: 3476-4650**



Si Señor/Divulgação